



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA**

**Contributo da disciplina de E.M.R.C na  
construção de uma cultura escolar de paz**

**Unidade letiva 4 - A paz universal**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

**sob orientação de:**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrósio**

**Lisboa**

**2012**

## Introdução

O mundo da educação encerra em si mesmo desafios e possibilidades que não de continuar a ser a razão e a motivação de muitos dos que se dedicam ao ensino. O fascínio e a importância de educar não é novo e os desafios inerentes ao mesmo tampouco, antes pelo contrário, parecem alargar-se e complexificar-se. Se isto é verdade em relação ao ensino quando o olhamos no seu conjunto, designadamente quando olhamos para a complexidade da organização curricular, conteúdos a lecionar, organização escolar, recursos humanos, o desafio ganha contornos ainda mais expressivos e específicos quando nos voltamos para o ensino da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica. Porquê? Porque a disciplina pretende ser um contributo válido e ativo na construção de referências e questionamento de razões profundas de ser e de optar no seio da comunidade educativa<sup>1</sup>.

Quando ouvimos alguns intervenientes que dizem pensar ou refletir o ensino e a escola, nomeadamente agentes políticos e alguns membros da comunidade educativa, ficamos com a amarga sensação de que pensar a escola significa pensar apenas o estabelecimento e cumprimento de regras de funcionamento para as quais são designadas pessoas com a função de as levar a cabo; parece significar apenas a necessidade de assegurar *ratios* de aproveitamento que se aproximem dos demais países da Comunidade Europeia nem que para isso se tenha que abrir mão de um ensino exigente e promotor de competências essenciais à formação dos alunos; ou mesmo o simples melhoramento das infraestruturas tal como a possibilidade de acesso e uso de novas tecnologias. Neste quadro, quase não tem sido possível abrir um espaço de discussão que traga para a arena da escola e do ensino a necessidade de pensar a pessoa, especificamente, o aluno, na construção de uma sociedade potencialmente diferente da atual. Esquecendo, então, competências fundamentais como a responsabilidade social e cívica, o respeito pela diferença e pela autoridade, a

---

<sup>1</sup> Entenda-se por comunidade educativa os alunos, razão primeira do ser escola e do ser professor, mas também os docentes, auxiliares de educação, encarregados de educação, comunidade em que se encontra inserida a escola.

gestão do sucesso e das frustrações, a promoção de talentos e criação de oportunidades, entre outras.

Neste contexto, e porque a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica está presente em muitas escolas do nosso país, até que ponto esta tem sido um instrumento válido e tem sido vista como uma oportunidade para oferecer à escola uma dimensão estruturalmente humanizante, capaz de ajudar a potenciar os conteúdos lecionados nas mais diversas áreas do saber (disciplinas) e ajudar a cultivar uma atmosfera de atenção ao outro nas mais diferentes dimensões de funcionamento/relacionamento da escola. Ou seja, a presença de uma disciplina como a E.M.R.C. tem, ou não, sido uma fonte de oportunidades oferecendo de si o seu melhor para que a escola seja efetivamente uma comunidade com alicerces cimentados em princípios que apontam para a humanização e construção da pessoa, ou tem-se escondido por detrás de uma suposta invisibilidade ou mesmo preconceito que a inibem de oferecer o que, tantas vezes a escola procura sem encontrar ou nem está desperta para a necessidade de implementar.

Uma dessas facetas é a dimensão de uma cultura escolar não apenas promotora do respeito pelo diferente mas de admiração pelo diferente, vendo nesta diferença um vasto leque de possibilidades. Ou seja, apontar para a necessidade de educar para o cultivo efetivo de valores que ajudem a promover atitudes de Paz e Reconciliação como atitudes fundamentais, não só para o sucesso de todo o processo ensino- aprendizagem, mas também para o desenvolvimento integral do indivíduo no seio do contexto escolar e em vista à formação da pessoa e da sua preparação para integrar a sociedade, com o conjunto dos seus direitos e obrigações. São cada vez mais e mais frequentes as ocorrências de desrespeito entre alunos e destes com docentes e auxiliares da ação educativa – *bullying*, faltas de educação, agressões, chantagens, ameaças, destruição de equipamento escolar. Multiplicam-se os lamentos de docentes que reclamam dos seus alunos uma postura de respeito e de atenção ao cumprimento de princípios básicos de convivência e de atenção ao outro, nomeadamente, de atenção ao diferente. Tudo isto toma contornos ainda mais pertinentes quando vivemos uma sociedade aberta a outras culturas e que se encontram, e precisam de se dar a conhecer e reconhecer, no espaço de sala de aula, corredores e intervalos. Os

desafios aumentam ainda mais quando, em nome de uma cada vez maior integração de todos, há uma maior presença de crianças e jovens com algum tipo de limitação física ou mental que partilham os espaços escolares.

Num momento em que as perspetivas de futuro surgem, aos olhos de muitos jovens frustradas, em que as fidelidades identitárias do passado se vão esboroando de forma muito rápida e significativa, em que a incerteza sobre o sucesso económico espreita no horizonte, em que o elo de união que o religioso assegurava vai perdendo vigor, talvez valha a pena pensar que há uma missão que não pode ser ignorada pelos docentes de Educação Moral Religiosa Católica no sentido devolver à escola a sua missão de formação integral do individuo. No meio de um relativismo (crise) cultural e moral cada vez mais presente e gerador de inseguranças e de medos, cabe à escola proporcionar e oferecer, a base sólida que permitirá aos jovens tomar decisões e delinear opções. Na sociedade atual não faltam os conhecimentos científicos, parecem faltar competências humanas radicais, capazes de ajudar a pautar a humanidade por uma inteligência reveladora de sentido.

A educação para a paz é um esforço vital! E neste esforço a disciplina de E.M.R.C. não deve nem pode ficar indiferente. Tem que apresentar modelos e ajudar a criar e sensibilizar para uma cultura de diálogo e de respeito a partir do verdadeiro conhecimento do outro. Tem de ajudar a olhar para as situações de conflito como oportunidades e não como inevitabilidades destrutivas de si, do outro ou de ambos. Tem de ajudar a ensinar a olhar para si para poder mais facilmente ir ao encontro do outro. Diante de tão grandes desafios, qual o contributo que a disciplina de E.M.R.C. poderá oferecer? Será este o itinerário que me proponho fazer ao longo deste estudo.

Num primeiro momento irei elaborar uma reflexão sobre a prática de ensino supervisionado podendo, neste momento, ter uma visão de conjunto sobre o que tem sido a minha prática de lecionação antes e após este tempo de acompanhamento. Num segundo momento, irei centrar a minha atenção e a minha reflexão sobre o que tem sido escrito e pensado como central em relação à necessidade de construir uma sociedade detentora de sementes de paz. Para esta reflexão irei lançar mão dos documentos publicados pela Igreja e tentar perceber a profundidade dos desafios que

esses mesmos documentos encerram. Num terceiro momento irei reestruturar e apresentar uma proposta de planificação para a unidade letiva 4, em que é abordado o tema da paz no atual *curriculum* de 7º ano de escolaridade – *A paz universal*. Na reconstrução desta unidade haverá um esforço por apresentar não apenas conteúdos ou itinerários pessoais daqueles que fizeram da sua vida um “combate” pela paz e ajudaram as sociedades à consciência de uma cultura de paz, mas também ajudar os próprios alunos a fazerem, pela prática, esta experiência. Neste sentido, será apresentado o valor da paz não como utopia, ou um sonho mais ou menos bem arquitetado para os outros mas que este seja visto, antes de mais, como o resultado de uma vontade, de um esforço, do acreditar que não é apenas um bem mas é vital para o equilíbrio de pessoas, grupos e sociedades. No itinerário a fazer com os alunos estes serão confrontados com situações concretas de conflito em que eles mesmos serão protagonistas da gestão ou possível resolução dos conflitos. Com isto pretende mostrar-se que situações de conflitos ou de crise podem, ou devem ser, oportunidades de crescimento e de um melhor conhecimento do outro. Por outro lado, na medida em que se conhece melhor o outro conhecesse-se melhor a si mesmo, diminuindo a possibilidade de emergirem novos conflitos.

## **I – reflexão sobre a prática de ensino supervisionado**

Começarei por apresentar e fazer uma leitura daquilo que foi um ano de Prática de Ensino supervisionada. A partir daqui teremos campo para pensar a forma como se poderá promover o desenvolvimento desta dimensão fundamental de ser homem e mulher de paz.

### **1 – Ser professor de Educação Moral Religiosa Católica**

Depois dos estudos teológicos e de um estágio de quase dois anos no Paraguai senti necessidade de dar continuidade aos estudos iniciais com uma formação complementar. Para mim estava muito claro que teria que ser algo que possibilitasse uma intervenção/ajuda direta às pessoas e que pudesse ser um instrumento prático no exercício da missão e vida de sacerdote. Foi neste contexto que decidi rumar aos Estados Unidos e ingressar num mestrado sobre Resolução de Conflitos e Estudos de Paz. Tinha sentido necessidade de chegar à realidade concreta das pessoas, aos seus conflitos e complexidades, e, para isso, precisava de uma ferramenta de trabalho por reconhecer que só é possível construir e aspirar a ser mais e a construir com mais beleza e qualidade, quando se adotam atitudes e gestos concretos de reconciliação (gestos de paz). Estava igualmente convencido de que há competências que se não forem aprendidas e trabalhadas, nunca poderão ser colocadas em prática. E não é possível aspirar a uma sociedade de paz e a uma sociedade reconciliada se esta não for ensinada e vivida/experimentada.

Conceber uma vida como partilha e ver aí a origem da felicidade, realização pessoal, são daquelas verdades óbvias que fica bem evitar no início de um trabalho. O óbvio não se diz. Eu discordo! Há coisas óbvias que devem ser afirmadas uma vez que corremos o risco de nos enlearmos em reflexões de tal ordem complexas que podemos ser levados a esquecer as afirmações simples e cristalinas que dão cor e sabor à vida. Por isso creio ser oportuno afirmar que entendo a minha vida como partilha e ver nesta partilha a minha realização pessoal. Neste sentido, e tendo por

base a formação entretanto concluída, foram várias as tentativas de conhecer mais profundamente o mundo do ensino, os seus dinamismos, desafios, contradições e possibilidades. A partilha dos conhecimentos mas principalmente a partilha do que se é pareceram-me sempre fundamentais, nomeadamente, no laborioso mundo do ensino.

Quando regresssei a Portugal não trazia muitas certezas mas trazia o desejo interior de dar continuidade a este desafio de estar na escola, de a conhecer melhor e de poder aprender para poder ensinar. Em 2005 fui convidado para professor de Educação Moral Religiosa Católica. A experiência missionária em contextos variados, os estudos teológicos e no campo específico da resolução de conflitos, a par da vontade de aprender no processo de ensinar, ofereciam-me ferramentas importantes de trabalho para avançar de uma forma confortável. No entanto, todas estas ferramentas precisavam ser complementadas com a abordagem mais detalhada e mais atenta de dinamismos e processos que intervêm diretamente no processo ensino-aprendizagem. Entre eles posso recordar a questão da planificação pensada e organizada tendo em conta o contexto específico da turma e do ano. A avaliação e a incidência em aspetos de carácter formativo (competências) em que o itinerário realizado pelo aluno e o acompanhamento atento do professor, aspetos fundamentais para o desenvolvimento de competências académicas e pessoais, foram, entre outros, muito importantes para poder ser ainda melhor professor-tutor. Ao dizer isto estou a realçar o papel muito importante do acompanhamento proporcionado pela prática do ensino supervisionada.

A consciência da importância da presença da disciplina na escola e da presença do professor que leciona a disciplina de E.M.R.C sempre foram uma preocupação. Seria impossível conceber uma disciplina como esta e um professor que não fosse movido pelo desafio de se deixar moldar e apresentar-se apenas como um qualquer outro professor. Há características que têm que nos pertencer, sem pretender que não estejam noutros. A abordagem das diferentes situações de aula ou de aulas tem que ser tanto mais profunda quanto possível. A sua forma de ação e interação com todos os agentes educativos deverá ser tanto pelo saber como pela sua forma de estar e motivar. Por detrás destas considerações está a consciência muito clara de que o

divino age no ser humano para se fazer presente e se revelar da forma que quiser e quando bem quiser. Daí, e reconhecendo o tesouro que levamos em vasos de barro, a importância de acolher toda a formação e todas as estratégias que, humanamente, poderão ajudar a chegar aos alunos, a primeira razão da existência de um professor.

A formação diversificada e a experiência concreta com realidades e povos tão diferentes daqueles onde nascemos e fomos modelando a nossa forma de ver e sentir as coisas, foram e são igualmente instrumentos importantes no momento de estar na escola e de entrar numa sala de aula. Comigo entra um vasto conjunto de experiências que vai da cultura rudimentar indígena (Paraguai) à cultura urbana sofisticada (Estados Unidos). Na sala de aula entra também o amante do humano e, dentro do possível, conhecedor dos mecanismos para ajudar alunos e os demais agentes da comunidade educativa, a cultivar e favorecer uma cultura de paz que permitirá ajudar a desenvolver tantas outras dimensões da vida e das pessoas fundamentais para que os conhecimentos adquiridos possam ganhar forma concreta de vida e de serviço.

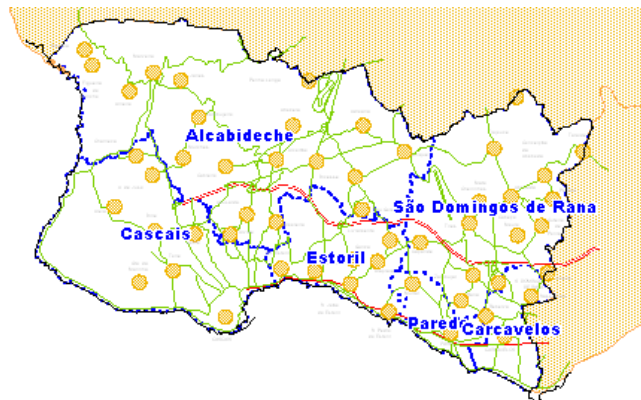
Ao afirmar isto estou a tentar sublinhar a importância de ter tido a oportunidade de refletir e aprender ferramentas que me puderam e estão a ajudar a concretizar esta missão de uma forma mais eficaz. O acompanhamento na prática de ensino supervisionada ajudou a tomar consciência que há pequenas ferramentas pedagógicas que podem e fazem a diferença no momento em que a aula acontece. Claro que esse não é o único momento que deve ser referido, no entanto, este encontro com o sujeito da nossa ação, só acontece e é verdadeiramente fecundo, na medida em que planificação, avaliação e acompanhamento dos alunos aconteceu anteriormente.

## 2 – Experiência do Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada

### 2.1 – Caracterização da Escola

O núcleo da Prática de Ensino Supervisionada teve lugar na escola Fernando Lopes-Graça. Inicialmente designada de Escola Secundária da Parede, quando criada em 1981, situa-se no extremo Sudoeste da Freguesia da Parede, concelho de Cascais, pertencendo à área de influência da Direção Regional de Educação de Lisboa (DREL).

A escola localiza-se um bairro de classe média, média baixa, e acolhe alunos de uma grande diversidade de origens étnicas e sociais. Integra alunos residentes, designadamente, nas freguesias da Parede e São Domingos de Rana além da freguesia de Carcavelos e, de forma menos significativa, de outras freguesias mais distantes. Estas últimas correspondem, principalmente, a locais de residência de alunos do regime noturno e alguns dos restantes níveis de ensino.

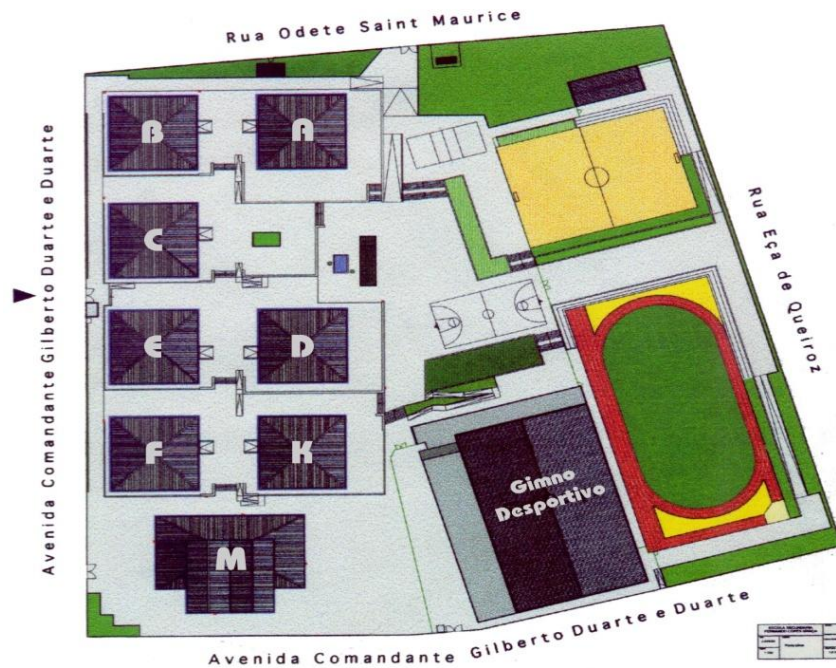


Mapa – localização da Escola Secundária Fernando Lopes-Graça (Parede)

A Parede é a mais pequena freguesia (área - 3,56 Km<sup>2</sup>) do Concelho de Cascais, sendo a mais densamente povoada (4.953 habitantes/Km<sup>2</sup>, em 2001). Integra parte dos lugares de Buzano, Junqueiro, Madorna (localização da Escola), Murtal, Penedo e Rebelva.

Os alunos que frequentam a escola estão divididos pelo ensino diurno e noturno. Fazem parte do ensino diurno o ensino básico (regular e os cursos de educação e formação - níveis 2 e 3) e o ensino secundário (cursos científico-humanísticos, cursos profissionais e o curso tecnológico). Fazem parte do ensino noturno o ensino básico

(sistemas de blocos e unidades capitalizáveis) e o ensino secundário (curso científico-humanístico, cursos tecnológicos e o sistema de unidades capitalizáveis).



Planta da Escola Secundária Fernando Lopes-Graça (Parede)

O Projeto Educativo de Escola aprovado em 2006 e em vigor até ao ano letivo de 2010-2011 tenta refletir a forma concreta como a escola escolhe e propõe um conjunto de valores e princípios que considera fundamentais e apresenta como referência a toda a comunidade educativa, tendo por base os três vértices fundamentais da formação dos jovens: *Instruir, Educar e Intervir no meio*. A partir daqui é possível depreender, tal com é sugerido no Projeto Educativo de Escola aprovado, a importância que a escola dá no sentido de ajudar a promover a formação intelectual e a reflexão crítica dos alunos mas possui, também, a vocação de formar cidadãos responsáveis que desenvolvam atitudes de cooperação e de intervenção: cidadãos solidários, respeitadores de ideias e de culturas diferentes. Assim, enquanto sistema aberto a escola deve: promover uma atitude propiciadora da aprendizagem, compatível com uma sociedade em rápida transformação, a nível científico, tecnológico, social e cultural; assumir como vetores fundamentais a qualidade, o rigor e a exigência no serviço que presta; desenvolver o espírito cooperativo, de modo a construir uma autêntica comunidade educativa.

É uma escola onde é possível respirar uma atmosfera miscigenada onde nos sentimos em segurança com alguns sinais que podem ser vistos como indicativos de uma espécie de submundo que tenta irromper por entre esta segurança. Há a tentativa de construir um ambiente acolhedor, desde a portaria, ao ambiente mais ou menos decorado com trabalhos realizados pelos alunos; até às paredes grafitadas com cenas mais ou menos violentas até à presença, bastante frequente dos carros patrulha da PSP ou PSP escola. A grande maioria do corpo docente conhece muito bem a escola porque leciona aí há vários anos. Neste sentido, respira-se uma certa estabilidade. No entanto, esta estabilidade contrasta com sinais evidentes de alguma desorientação, nomeadamente na organização dos espaços e algum absentismo docente, visível quando se consultam os diferentes livros de acompanhamento de turma.

Na sala de professores respira-se um ambiente descontraído, entre docentes que trocam impressões sobre as turmas e os alunos, como professores que encontram aí um ambiente de descontração e recuperação de energias para a aula seguinte. Parece haver um esforço de integrar todos os professores o mais possível uma vez que há iniciativas extracurriculares em que se tenta envolver a todos.

## **2.2 – Caracterização da turma**

O grupo de alunos acompanhado ao longo da prática de ensino supervisionada pertencia ao sétimo ano, turma A. Estavam inscritos em Educação Moral Religiosa Católica doze alunos, sete do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Havia dois alunos que eram irmãos, sendo que um deles já tinha uma retenção.

A caracterização deste grupo foi feita com base num questionário preenchido pelos alunos, parte integrante do dossier da turma, e que foi facultado pela Diretora de Turma. Todos os alunos estavam a frequentar a escola Fernando Lopes-Graça pela primeira vez, vindos de escolas vizinhas.

A maioria dos alunos (sete) completou doze anos de idade em 2010, cinco deles depois do início das aulas. Quatro alunos tinham treze anos e uma aluna tinha catorze anos de idade. Muito embora a diferença de idades fosse pouco significativa a turma

foi revelando alguma heterogeneidade. Neste sentido, talvez seja importante referir que os alunos eram provenientes de contextos culturais muito distintos.

Quatro alunos tinham já uma retenção no ensino básico. As disciplinas mencionadas pelos alunos como aquelas em que encontravam maiores dificuldades foram Língua Portuguesa, Inglês e Matemática, cada uma delas referida por quatro alunos. A disciplina mais vezes mencionada como a preferida foi Educação Física, logo seguida de Ciências Naturais. Apenas três alunos afirmaram estudar com a ajuda de alguém, tendo os restantes assinalado que estudavam sozinhos.

Havia quatro alunos de nacionalidade estrangeira – três brasileiros e um guineense – e uma aluna que era filha de pai português e mãe canadense. Acresce referir que uma das alunas detinha nacionalidade portuguesa mas tinha acabado de regressar de Espanha, onde o pai havia sido emigrante. A aluna revelava dificuldade em compreender e expressar-se na língua portuguesa, assim como uma outra aluna de nacionalidade guineense.

No que respeita às habilitações literárias dos membros do agregado familiar, a grande maioria (sete) dos alunos revelava desconhecer a situação, sendo que dois alunos afirmavam que os pais haviam terminado a faculdade, dois tinham completado o 12º ano e um dos alunos referia que a mãe tinha concluído o 1º ciclo do ensino básico. No que concerne à profissão dos pais, os alunos possuíam uma ideia mais clara sobre o assunto. Havia três pessoas com profissões ligadas à construção civil (pintor e operário), uma esteticista, um empregado de mesa e uma das mães era secretária. Outras profissões nominadas foram as de professor, por três alunos, militar e farmacêutico. A mãe de um dos alunos estava desempregada. Relativamente ao nível económico da família há pouco a concluir com base nos dados do questionário. O que os próprios alunos referem que não compraram o manual da disciplina de EMRC porque não tinham apoio do SASE. Apenas dois alunos adquiriram o manual de EMRC, facto que condicionou a incidência nas estratégias a planificar.

A maioria dos alunos devia residir nas imediações, dado que apenas três alunos afirmaram deslocar-se de carro para a escola, sendo que a grande maioria se deslocava a pé (seis alunos) e dois de autocarro.

Entre as ocupações de tempos livres, os alunos assinalaram como primeira ou segunda ordem de preferência o jogar computador/navegar na internet (cinco alunos). A esta ocupação seguia-se por ordem decrescente o estar com os amigos, ouvir música, ver televisão, praticar desporto e ir ao cinema.

No contexto de início de ano, de entrada no 3º ciclo, sete alunos afirmaram que a grande expectativa que tinham era concluir a faculdade, enquanto quatro tinham como meta concluir o 12º ano. No que respeita às profissões que esperavam exercer, um aluno afirmava não ter noção, quatro alunos referiam a vontade de ser médico, tendo também sido mencionadas outras profissões uma vez: arquiteto, professor, enfermeiro, bancário, cantora, atriz e técnico de informática. Dois alunos declaravam que gostariam de ser biólogos.

A completar esta informação é de referir que os alunos realizaram na segunda aula um teste diagnóstico, para uma primeira noção de competências gerais e transversais. Deste teste diagnóstico foi possível constatar que grande parte dos alunos revelava dificuldades de expressão escrita e de interpretação das perguntas. Os alunos pareciam bastante motivados para a disciplina, fato constatado na segunda aula do primeiro período quando lhes foi solicitado que se apresentassem e dissessem as suas expectativas em relação à disciplina de EMRC.

A observação das primeiras aulas e o parecer da diagnose realizada em Conselho de Turma pareceu apontar para uma grande heterogeneidade no grupo: de um lado alunos muito bons, com capacidade de adquirir as competências específicas a todas as disciplinas, por outro lado, um grupo de alunos que já tinham uma retenção e revelavam dificuldades de compreensão e expressão, falta de concentração e dificuldades nos métodos e hábitos de estudo. Uma característica da turma, observada desde as primeiras aulas, foi o sentido de responsabilidade na realização dos trabalhos de extensão curricular.

### **2.3 – A prática de ensino supervisionado – Unidade Lectiva 4 do manual de 7ºano – A Paz Universal.**

O itinerário pensado na abordagem na Unidade Letiva 4 teve, na sua origem, os seguintes objetivos:

1º Ajudar os alunos a fazer a transição entre a Unidade Letiva 1 – *As Origens* (a primeira unidade lecionada) e a Unidade Letiva 4 – *A Paz Universal*, e estabelecerem pontes de contacto entre o projeto inicial e querido por Deus e a realidade com a qual são confrontados diariamente. Alertar os alunos para a importância de observar o meio que os envolve e despertarem para as realidades com as quais são confrontados através, por exemplo, dos meios de comunicação social. Tendo em conta que somos comunidade humana estamos desafiados a voltar a sonhar e a trabalhar para ver restituída a originalidade do plano de Deus para a humanidade.

2º Apresentar os rostos concretos de homens e mulheres que trabalharam e trabalham em favor da comunidade humana apontando a paz como um bem essencial ao equilíbrio das pessoas e da relação entre os povos. Serão, portanto, apresentados os rostos de alguns laureados com o Prémio Nobel da Paz e apresentado o significado e importância do mesmo. Na apresentação de itinerários concretos de vida pretende-se que os alunos não olhem para estes como personagens distantes da sua realidade mas antes, que através da inspiração de cada um, os alunos percebam que está igualmente ao seu alcance trabalhar pela paz nos locais que frequentam. Ou seja, fazer um caminho que vá da excecionalidade das pessoas laureadas para a excecionalidade dos gestos postos em prática todos os dias.

3º Olhar a história da humanidade e tomar consciência dos tempos e dos momentos em que a paz deu lugar ao conflito, tentando conhecer as razões que levaram a que isso acontecesse. Ao perceber a origem, ajudar os alunos descobrir igualmente as oportunidades perdidas que poderiam ter sido geridas de uma outra forma, evitando a escalada do conflito.

4º Ajudar os alunos a refletir sobre situações concretas do seu dia-a-dia e nas quais eles mesmos foram, ou não, instrumentos promotores de paz. Situações que estarão relacionadas com ambientes que os alunos conhecem muito bem – família, escola, grupo de amigos.

5º Será um dos grandes objetivos desta unidade letiva ajudar os alunos a refletir e a perceber que o conflito não significa necessariamente rutura mas pode ser uma oportunidade única para ajudar a estreitar relações e a forjar soluções. Neste sentido, será necessário alertá-los para a necessidade de não se deixarem “distrair” com os sinais exteriores do conflito mas tentar entender os mecanismos que se encontram por detrás deste.

6º Tomar contacto com o texto Bíblico e perceber qual a proposta que aí é apresentada quando em situação de conflito. Para tal, os alunos serão confrontados com o desafio de passar do princípio do “*olho por olho, dente por dente*” (lei de Talião) para o princípio protagonizado por Jesus do amor ao próximo e do amor ao inimigo.

Foi objetivo, ao longo do desenvolvimento desta Unidade Letiva, apresentar de uma forma bastante simples e objetiva, este itinerário de reflexão sobre a paz, de tal modo que levasse os alunos a olhar de forma crítica as razões que pudessem estar na base de um determinado conflito e a perceber que, a uma escala consideravelmente mais reduzida, essas mesmas razões poderiam estar na base de conflitos à escala mundial. Os alunos deveriam, igualmente, perceber a radicalidade da proposta de Jesus Cristo e perceber as implicações que esta teria se fosse colocada em prática por todos quantos se dizem cristãos.

### **2.3.1 – Competências específicas a desenvolver na leção desta unidade letiva**

As competências selecionadas e a desenvolver ao longo do estudo da unidade letiva 4 – *A paz universal*, pretendiam ajudar o aluno à aquisição de competências que favorecessem o entendimento e a convivência com as diferenças e estas fossem vistas como uma *mais-valia*. Por outro lado, sabendo que nesta faixa etária os adolescentes

têm uma curiosidade particular sobre o mundo que os rodeia, a prioridade dada a estas competências justifica-se também por algumas das características dos adolescentes:

- Interessam-se pelas perspetivas científicas e confrontam-nas com a religião,
- São sensíveis aos problemas do mundo e das pessoas,
- Têm uma necessidade quase imperativa de agir e resolver tudo, mostrando, assim, o seu relacionamento como cidadãos,
- Pelos dados da psicologia evolutiva sabemos que é nesta idade que se começa a desenvolver o pensamento formal e a organização do sistema axiológico dos adolescentes,
- Outro aspeto importante para a escolha desta unidade foi, tal como foi anteriormente referido, a existência de alunos de diferentes idades e etnias na sala de aula.

Na sequência do que foi dito anteriormente, foram selecionadas as seguintes competências a trabalhar. Isto não significa, no entanto, que não tenham sido trabalhadas, transversalmente, outras competências.

*Competência 2* - Questionar-se sobre o sentido da realidade;

*Competência 3* - Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão do mundo;

*Competência 10* - Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano;

*Competência 12* - Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

Através do itinerário de EMRC, especificamente na unidade letiva 4 – a paz universal, pretende-se ajudar os alunos a sair de si e da sua cosmovisão mundo para tentar entender diferentes formas de estar e entender a realidade pessoal e social.

## **2.4 – Itinerário das atividades em sala de aula**

No sentido de perceber o itinerário realizado no tempo de prática de ensino supervisionada apresentarei o percurso feito, tendo em conta as competências trabalhadas e as atividades desenvolvidas.

*A paz universal. O grande sonho da Humanidade* – num primeiro contacto com o tema pareceu-me importante perceber quais os desejos mais habituais da humanidade e de cada um dos alunos. Foram trabalhadas essencialmente as competências 2 e 3 em que os alunos deviam ser levados a questionar-se sobre a paz como valor orientador de sentido da realidade, equacionando respostas adequadas numa visão coerente do mundo. Foi feita uma reflexão, ainda muito incipiente, sobre aspetos de carácter geral, por exemplo, os desejos formulados no início de cada ano em que a paz é um dos anseios mais frequentes; a importância dada, por parte da Igreja, ao primeiro dia do ano, dedicando-o à oração e reflexão sobre a paz; a mensagem escrita pelo papa alertando para o dia e para as atitudes de reconciliação a cultivar ao longo do ano. Neste sentido foi apresentado o desejo de paz como um dos grandes sonhos, difícil, mas não impossível, da humanidade. Neste percurso inicial de sensibilização foi ainda usada a música “*Imagine*”, de John Lennon, expressão de um desejo sentido por tantos mas ainda difícil de ver concretizado. Assim, a grande preocupação na primeira aula em que é abordado o tema sobre a paz foi, sem dúvida, um esforço por olhar para o coração da humanidade e perceber ânsias e necessidades de atitudes e gestos de paz, de gestos de reconciliação. Já na parte final da aula, foi apresentada, de forma muito breve, a vida de alguém muito atual, que a generalidade dos alunos conhece ou já ouviu falar, que fez de grande parte da sua vida, apesar de muitas contradições, uma luta pela paz – Nelson Mandela.

Numa primeira aula sobre o tema, pareceu-me importante traçar, ainda que de forma muito ampla, referências e apontar situações que possam ajudar ao cultivo de atitudes/gestos concretos. Como trabalho de casa, foi pedido aos alunos que completassem, com as anotações que foram tomando durante a aula, um bilhete de

identidade de Nelson Mandela, em que eram sublinhados momentos da sua vida e as consequências dos seus atos.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Aula 1	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
- Interpretar produções culturais cujo tema seja a paz (comp. 5).  - Questionar-se sobre a paz como valor orientador do sentido da realidade, equacionando respostas adequadas numa visão coerente do mundo (comp. 2 e 3).	O grande sonho da humanidade – Nelson Mandela.	26 Novembro – aula nº 11	<b>Interrogações/brainstorm</b>  - A criação e a harmonia da criação... - A paz, o grande sonho da humanidade. - A paz como ausência de guerra ou de conflito? - A paz como equilíbrio entre forças em conflito? - A paz como atitude/comportamento fruto da justiça e do amor. - A paz, um direito? Música – Imagine (John Lennon) acompanhada de uma apresentação de power-point  <b>Apresentação de power-point</b> sobre a vida e sonho de vida de Nelson Mandela.  Realização, a pares, de um Bilhete de Identidade de Nelson Mandela.	Observação do preenchimento do B.I. de Nelson Mandela.

*Apresentação e análise de uma situação de conflito e possível resolução.* Numa segunda aula, para além de uma pequena revisão das muitas informações da aula anterior, pareceu-me ser oportuno lançar uma questão concreta a ser considerada e trabalhada pelos alunos. Pretendeu-se trabalhar a competência 10 no sentido de reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos e pode ser vivida na prática do quotidiano. O objetivo era que estes percebessem que uma situação de conflitos não é necessariamente, uma situação negativa. Pode, antes pelo contrário, ser uma oportunidade e que poderá estar na origem de algo diferente e dinamizador. Assim, foi colocado um problema a ser trabalhado e gerido pelos alunos. A situação era a seguinte: dois irmãos pretendem a mesma e única laranja que há em casa. Nenhum deles quer abdicar da laranja não admitindo, tão-pouco, a possibilidade de a dividir. Perante este problema, como ajudar à gestão do conflito? Este dilema foi colocado diante dos alunos e, para facilitar a discussão e reflexão, cada par de alunos tinha uma laranja em cima da mesa. O grande

objetivo desta pequena atividade era ajudá-los a aprender a fazer perguntas. Isto porque, uma pergunta bem elaborada pode ser meio caminho andado para a resolução do problema.

Na resolução do dilema apresentado os alunos deviam ser orientados para chegar a uma conclusão semelhante a esta: cada um dos irmãos queria a laranja para si e na totalidade. Só foi possível resolver o conflito quando um perguntou ao outro para que queria a laranja. Um disse que queria a laranja para fazer sumo. O outro, queria apenas a casca da laranja!

De salientar, no resultado da atividade feita, que os alunos foram bastante criativos na busca de soluções, no entanto, foi importante que percebessem a importância de ouvir o outro e de fazer as perguntas certas na procura de uma solução benéfica para ambas as partes.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Aula 2	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
- Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos (comp.1).  - Olhar o outro enquanto “o outro” e perceber nele a possibilidade de construir um “nós” (comp.12).	- O conflito, fonte de possibilidades e de compromissos reais.	03 Dezembro – aula nº 12	- Apresentação, explicação e realização do jogo das laranjas. A partir de uma situação de conflito é possível chegar a uma situação de consenso. O conflito como oportunidade.  - Situações de falência da paz. Sopa de letras com oito atitudes que conduzem à falência da paz.	Grelha de observação da atividade.

*Conflitos: situações e atitudes. Alguns exemplos de prémios Nobel da paz – Foi trabalhada a competência 12, olhar o outro enquanto “o outro” e perceber nele a possibilidade de construir um “nós”. Nesta terceira aula foram apresentados alguns prémios Nobel. Antes, porém, foi explicada, de forma muito resumida, a origem e o objetivo de tais distinções. Ao mesmo tempo que se pretende apresentar rostos e*

vidas concretas, pretende-se oferecer aos alunos uma grande diversidade de problemáticas e de possíveis soluções (soluções criativas). Além disso, seria importante neste momento que os alunos percebessem que, apesar de radicada no coração da humanidade, a “luta” pela paz é exigente e, por vezes, com consequências dramáticas. Nesta aula foi apresentada, igualmente a Organização das Nações Unidas, sinal visível do esforço desenvolvido, mas nem sempre conseguido, desde a Segunda Guerra Mundial, no sentido de exercer um papel de mediador e dissuasor de situações de conflito à escala planetária. Foi distribuída uma pequena ficha a ser preenchida pelos alunos com alguns dados e objetivos fundamentais da ONU. Mais do que apresentar dados históricos houve a preocupação de apresentar atitudes e esforços mobilizadores de paz. Esta aula coincidiu com o anúncio do laureado com o prémio Nobel da paz de 2010. Um motivo acrescido para pedir aos alunos para estarem atentos às notícias e, na aula seguinte, poderem comentar o que foi visto e como é que eles entenderam a atribuição do Prémio Nobel da Paz ao dissidente chinês Liu Xiaobo.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Aula 3	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
- Propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valor com base no reconhecimento da dignidade da pessoa (comp.1,9)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prémios Nobel da Paz – itinerários históricos e ensinamentos para a humanidade.</li> <li>- Instituições mundialmente conhecidas no seu papel de promotor e gestoras de paz.</li> </ul>	<b>10 Dezembro – aula nº13</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Razão/razões que estiveram na origem da atribuição do Prémio Nobel.</li> <li>- Apresentação de alguns dos Prémios Nobel mais conhecidos e a causa que defenderam .</li> <li>- A Organização das Nações Unidas (ONU).</li> </ul>	<b>Trabalho desenvolvido em aula e apresentado aos colegas</b>

*A paz do presépio. Semelhanças e diferenças com o nosso mundo.* Foi trabalhada a competência 2 e, transversalmente, a competência 5 em que se pretende interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a

falência da paz, organizando um universo de valores fundado na igual dignidade de todos os seres humanos e nos valores daí decorrentes. Uma vez que o estudo da unidade letiva sobre a paz cruzou o tempo natalício, esta foi uma oportunidade para olhar para o presépio e refletir sobre a paz oferecida naquela noite em que o Menino Jesus nasceu. Paz “entendida” e acolhida na simplicidade por alguns mas teimosamente rejeitada por outros. Foi ainda oportunidade de perceber as razões e motivações que podem estar por detrás de tantas situações em que a paz é relegada para um plano periférico e o emergir do conflito se apresenta como uma inevitabilidade. O contraste entre a paz que se respira no presépio foi apresentado em contraste com algumas pinturas ou músicas que retratam a realidade de tantas pessoas e de tantas situações. Como exemplo disso foi apresentada a obra de Picasso, “Guernica” e a música do grupo Delfins “Aquele Inverno”.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Aula 4	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
- Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz, organizando um universo de valores fundado na igual dignidade de todos os seres humanos e nos valores daí decorrentes (comp.5)	- Conflitos armados à escala mundial vs. O presépio de Belém  - Produções artísticas retrato de conflitos armados – pintura de Pablo Picasso - Guernica; música “Aquele Inverno”, Delfins.	17 Dezembro – aula nº 14	- Notícias sobre conflitos armados existentes atualmente.  - Apresentação de produções culturais.  - Leitura do relato Bíblico do cenário de Belém.  - Postal de Natal – mensagem.	Participação na dinâmica a desenvolver na aula.

*A arte de saber ouvir e perdoar.* Na quinta aula, trabalhando a competência 5, pretendeu-se questionar sobre as razões e preocupações que levaram a humanidade a elaborar um conjunto de códigos que pudesse traduzir a necessidade de estabelecer as condições de paz necessárias à convivência entre os povos. Nesta aula pretendeu-se olhar e valorizar a linguagem e os gestos pessoais e comunitários reveladores de

sentido e preocupação pela paz. Foram então vistos como, ao longo da história da humanidade, houve sinais/acontecimentos que se imortalizaram pelo que representaram ou representam em tempos difíceis. A celebração dos Jogos Olímpicos foi apresentada como um exemplo típico de um tempo de paz e colaboração entre os povos em prol de algo que tinha significado transversal e, que por isso, era respeitado por ambas as partes beligerantes. Nesta aula foi ainda levada á prática um exercício que pretendia ajudar que os alunos se ouvissem a si mesmos através da interpretação de outros. Cada um deles contava um pequeno episódio da sua vida que, posteriormente, teria que ser interpretado e verbalizado por outro colega. Neste exercício pretendia chamar-se a atenção para a necessidade de uma escuta ativa e sem preconceitos de forma a não desvirtuar a intencionalidade primeira e, assim, evitar o emergir de um possível conflito. Os alunos foram percebendo que aquilo que contam, na maior parte das vezes, não é entendido com a intencionalidade com que é dito. Daqui decorre a necessidade de tentar perceber não apenas as palavras que são verbalizadas mas também a intencionalidade do que é dito. No dia-a-dia é uma tarefa quase impossível de colocar em prática na perfeição, no entanto, pode e deve ser uma competência a cultivar e treinar para diminuir os riscos de ser mal interpretado.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Aula 5	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
- Questionar-se sobre as razões e as preocupações que levaram a humanidade a elaborar um conjunto de códigos que pudesse traduzir a necessidade de estabelecer as condições de paz necessárias à convivência entre os povos (comp.5).	- A importância da linguagem e dos gestos pessoais e comunitários de paz	07 Janeiro – aula nº15	- Leitura e comentário à história: “O Carpinteiro” (anexo 9). Situações do quotidiano em que se torne necessário a construção de pontes.  - Leitura e comentário à história: “O carpinteiro” (anexo11). Situações do quotidiano em que se torne necessário a construção de pontes.	Grelha de interpretação relacionado com a história “O carpinteiro”.

*A paz em símbolos. A lei da Talião e a Lei do Amor.* Na sexta aula foram trabalhadas essencialmente a competência 10 tendo como preocupação relacionar o fundamento religioso da ética cristã com a necessária implementação de relações pacíficas a todos os níveis; e interpretar textos bíblicos sobre a paz, identificando-a com o centro da identidade cristã. Foram apresentados os textos bíblicos de Levítico 24,17-21 (lei de talião) e Mateus 5,38-46 (lei do amor). O contacto direto com o texto bíblico foi um dos aspetos importantes a desenvolver na aula para além da evolução conceptual e comportamental que há na comparação dos dois textos. Perceção das motivações e resultados em cada um dos textos. Confronto dos textos com realidades próximas dos alunos ou mesmo situações em que eles estão envolvidos. Foi quase consequente a constatação, por parte dos próprios alunos, que eles alinham facilmente pela lei de talião, mesmo sem a conhecerem!

Operacionalização das competências	Conteúdos	Aula 6	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
<p>- Relacionar o fundamento religioso da ética cristã com a necessária implementação de relações pacíficas a todos os níveis (Comp.9).</p> <p>- Interpretar textos bíblicos sobre a paz, identificando-a com o centro da identidade cristã (comp.10).</p>	<p>- Símbolos da paz</p> <p>- Mensagem Bíblica sobre a Paz</p>	<p>14 Janeiro – aula nº 16</p>	<p>- Apresentação dos símbolos da Paz.</p> <p>- Os alunos, na leitura do texto Bíblico, vão ser confrontados com duas lógicas:</p> <p style="padding-left: 40px;">* Lei de talião (Lv 24,17-21);</p> <p style="padding-left: 40px;">* Lei do amor (Mt 5, 38-48)</p> <p>- Realização da ficha de trabalho – adaptada da ficha de trabalho do Manual do aluno nº 80.</p>	<p>Cada aluno troca com outro colega a ficha de trabalho e, no final, entrega a ficha ao professor (esta tem que estar assinada pelo autor da ficha e pelo corretor). Grelha de observação.</p>

*Simulação de conflitos e a sua possível resolução.* Na sétima aula pareceu importante, uma vez mais, envolver os alunos na procura e gestão de situações de conflito. Pretendeu-se trabalhar as competências 10 e 12 apontando para a necessidade de mobilizar para os valores do amor, do diálogo, da cooperação e da solidariedade para a construção da paz em situações vitais do quotidiano. Foram distribuídas, numa folha A4, situações de conflito a serem discutidas em grupo, e em que os alunos apresentariam a gestão dos conflitos ilustrados. Apesar do pouco tempo de que os alunos dispuseram foi um exercício divertido, em que estes não tiveram muito receio em se expor diante da turma e em que foi possível perceber que se esforçaram por encontrar uma solução para o problema que tinham em mãos. Além disso, foi uma boa oportunidade para que tanto os alunos que apresentavam como o resto da turma que observava pudessem interagir, uma vez que estes tinham que perceber qual o conflito em causa e a forma encontrada para a resolução do mesmo.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Aula 7	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
- Mobilizar os valores do amor, do diálogo, da cooperação e da solidariedade para a construção da paz em situações vitais do quotidiano (comp.10 e 12).	- A família, a escola, a turma, os amigos – locais privilegiados no exercício de gestos/atitude de paz.	21 Janeiro – aula nº 17	- Simulação de situações de conflito em que os alunos são chamados a tomar conhecimento da situação e a ajudar a gerir, tendo sempre por finalidade, a busca de uma solução potenciadora da normalização das relações.	Greilha de observação relativamente à postura e forma como cada um dos alunos vai conduzindo a gestão do conflito em causa.

O exercício de avaliação foi um exercício de reflexão e aplicação das ferramentas mais importantes desenvolvidas ao longo do estudo da unidade letiva 4. Mais do que o resultado final obtido foi importante perceber se o itinerário traçado foi sendo acompanhado pelos alunos, de uma forma mais pessoal do que o era já em contexto de aula. Apesar dos alunos não estarem muito à vontade com este estilo de

avaliação escrita, reagiram bem e permitiu perceber que os alunos tentaram colocar em prática o que havíamos sido trabalhados ao longo de sete aulas.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Aula 8	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
- Sintetizar os conhecimentos e atitudes fundamentais na promoção da vida humana e a preservação da sua dignidade (comp.1).	- Possibilidade de perceber até que ponto o processo foi conduzido de forma a ter ajudado os alunos a adquirir as competências que foram assinaladas como fundamentais do decorrer da Unidade 4.	28 Janeiro – aula nº 18	- Teste de avaliação	Teste de avaliação

### **2.5 – Reflexão conclusiva da Unidade Letiva 4 – A paz universal**

Uma vez que o tema lecionado foi do interesse dos alunos foi muito desafiante a criação de materiais que pudessem ir ao encontro das expectativas dos mesmos e, ao mesmo tempo, os ajudasse a entender a complexidade das relações interpessoais e a necessidade de aprender a gerir situações com as quais todos eles se confrontam diariamente. A par desta situação, pareceu importante que os alunos percebessem o potencial de resolução que existe por detrás de situações aparentemente negativas. Este objetivo terá sido conseguido, por exemplo, aquando do “*jogo das laranjas*”. A leitura feita pelos próprios alunos ao longo do jogo revela que os alunos tiveram a perceção disso mesmo.

A apresentação de nomes concretos a par do itinerário de vida e das causas defendidas por cada um deles pareceu ter sido do agrado dos alunos. A necessidade de dar rosto e voz às pessoas e às situações e contar a sua história foi um momento de reflexão importante tanto assim que, nas aulas em que se falou de Nelson Mandela e

de alguns Prémios Nobel da Paz, foram aulas em que o índice de participação dos alunos se revelou surpreendente.

Por fim, parece-me ter sido muito importante o facto de os alunos terem sido confrontados com dois pequenos textos bíblicos – lei de Talião e lei do amor – no qual tiveram a oportunidade de perceber a lógica proposta por Jesus e que ajudaria a olhar para as situações, nomeadamente situações de possíveis conflitos e a forma como estes poderiam ser encarados de forma a poderem ser bem geridos.

Um itinerário fundamenta-se numa proposta de sentido. Quando falamos da importância de uma educação para a paz no âmbito da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica quais os fundamentos subjacentes a esta consciência? Onde radicam, profundamente, as razões de todo o trabalho que tem que ser desenvolvido nas escolas, por toda a comunidade educativa mas, especificamente e conscientemente, pelos docentes de E.M.R.C. Será que esta é uma missão individual ou exige uma motivação substancial, ou seja, que vá para além da vivência ou pregação de um simples altruísmo ao ritmo e ao sabor do tempo presente. Ou terá que ser encarado como um mandato de amor que é acolhido, gerado e anunciado com alegria e sentido de missão, reconhecendo-se instrumento frágil mas importante na construção do Reino de Deus? Será que a preparação humana e académica são suficientes nesta empresa imensa de educar e de educar para a paz?

## II – A paz, uma proposta válida de sentido

A paz apresenta-se diante da humanidade como um valor precioso. Desejamo-la e trabalhamos para que nos habite ou lamentamo-nos quando, por alguma razão, vivemos situações de conflito interno ou externo. A paz brota do coração e retorna ao coração. Ao afirmar isto estou a afirmar que só é possível pensar o valor da educação e o valor da paz a partir da conceção do ser humano. Ou seja, para educar é necessário saber o que se entende pelo humano e que humanidade almejamos construir<sup>2</sup>. É neste sentido que, antes de procurar o que os documentos da Igreja nos dizem sobre o valor da paz e a necessidade de o levar para dentro do mundo da educação e da escola, seja necessário perceber a partir de que conceção de ser humano partimos.

### 1 – Deus e o humano, seres em relação

Do ponto de vista estritamente racional o ser humano é, antes de mais, um ser corpóreo sujeito às leis da biologia, como qualquer outro ser vivo. No entanto, há nele algo que o distingue dos demais seres vivos, a sua capacidade de razão, de pensar, de criar cultura, de determinar as próprias escolhas. Não é esta a visão a partir da qual tentaremos pensar o humano mas antes a partir de uma visão cristã. Numa perspetiva cristã, a pessoa tem como fundamento o *ser em relação*. As consequências decorrentes desta afirmação são múltiplas. Desde logo, a relação não é já, como pensava Aristóteles, um simples acidente mas antes uma das primeiras formas constitutivas da *pessoa*.

A Trindade – Deus Trinitário – traduz, da mesma forma, esta realidade – *ser em relação*. Sendo Deus em Absoluta Transcendência e Absoluta Bondade-Amor, o Seu Ser é dar-se. Por isso, o movimento do seu dar-se não podia pois configurar-se a um

---

<sup>2</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA (2006), *Orientações sobre o Amor Humano*. nº21. Citado por LOPES, Amaro Gonçalves (2006), *A educação da sexualidade e a perspetiva do magistério da Igreja*. Pastoral Catequética, nº4. *Educar é amar*. Janeiro-Abril, 97.

momento, a um *princípio* ou a um tempo<sup>3</sup>. Ou, como escreve Schillebeeckx, “a criação é, em definitivo, o sentido que Deus quis dar à Sua vida divina. Quis livremente, ser Deus para nós, esperando que aceitaríamos a Sua oferta com vontade livre”<sup>4</sup>. É isto a criação.

A *compreensão* do seu próprio ser diz de si a dimensão da relação em si e para fora de si ao constituir a realidade suprema que são as pessoas divinas. O sentido genitivo do ser (eu sou de mim) dá lugar ao sentido dativo (eu sou para ti)<sup>5</sup>. Assim, e contra toda a tentativa de compreender o *eu* como domínio ou como poder sobre o outro, apela-se a uma compreensão contrária de um *eu* que se reconhece como tal entregando-se. Desta forma, quando os Padres da Igreja afirmam que está inerente ao homem um valor e uma dignidade incomparáveis, expressam o que o termo *pessoa* significa. Valor e dignidade, não como um conceito abstrato de humanidade, mas intimamente presente em todos e cada um dos seres humanos.

A relação *eu-tu* pressupõe um respeito recíproco. Não apenas Deus é o tu do homem, mas também o *homem é o tu de Deus*. Quando Deus olha para esta criatura, vê-se refletido nela, até que, em certo momento da história, a glória de Deus irradia a partir de um ser humano (Jesus Cristo)<sup>6</sup>.

*“Ao criar o homem, Deus não cria mais um ser da natureza entre tantos outros, mas antes um tu; cria-o chamando-o pelo nome, colocando-o diante de si como ser responsável (capaz de responder), sujeito e parceiro do diálogo interpessoal. Cria, em resumo, não um mero objeto da sua vontade, mas antes um ser correspondente, capaz de responder ao tu divino porque é capaz de responder a partir do próprio eu. Cria uma pessoa”<sup>7</sup>.*

Deste chamamento a ser tu de Deus nasce a dignidade do ser humano. Cada homem, todo o homem, é algo único, irrepetível, detém o valor do insubstituível. Como diz um pensador contemporâneo “*não há de mim mais que um único*

---

<sup>3</sup> Cf. FORMOSINHO, Sebastião (1997), *O brotar da Criação*. Universidade Católica Portuguesa Editora, Lisboa, 595.

<sup>4</sup> SCHILLEBEECKX, Edward (1995), *Los hombres relato de Dios*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 344.

<sup>5</sup> Cf. LAÍN, P.(1968) *Teoría y realidad del otro II*, Alianza Editorial, Madrid, 32-34.

<sup>6</sup> Cf. PEÑA, J. Ruiz (1988), *Imagen de Dios. Antropología Teológica Fundamental*. Editorial Sal Terrae, Santander, 177.

<sup>7</sup> *Ibidem*, 177-178.

*exemplar*<sup>8</sup>. O facto de Deus o ter criado porque o quer em si mesmo, como fim e não como meio, faz do homem concreto e singular um valor absoluto que não pode ser colocado em função de nada, nem da produção, nem da classe, nem do Estado, nem da religião.

### 1.1. A imagem do homem na Sagrada Escritura

Quando a Sagrada Escritura se refere à imagem surgem várias interpretações sobre o real significado da palavra. Para alguns autores o aspeto mais importante prende-se com a ideia de domínio sobre o mundo<sup>9</sup> no sentido de afirmar que ao homem seria dado o domínio e o poder sobre as coisas criadas e, por isso, ele é imagem e semelhança de Deus. Nesta situação, o homem seria como que um mandatário de Deus.

Outros autores encaram a expressão ‘homem como imagem de Deus’ no sentido relacional, ou seja, o homem enquanto fruto da ação criadora de Deus e, com Ele, estabelece e mantém este vínculo de identidade. “ *A criação é um acontecimento entre Deus e o homem; o homem, todo o homem, foi criado para existir em relação com Deus; nisto consistirá a sua condição de imagem*”<sup>10</sup>. Equivaleria a dizer que somos pessoas à imagem da relação de Deus em si mesmo o que, necessariamente, nos remete para a dimensão trinitária (ser em relação) de Deus.

Então, se a imagem de Deus é um sinal da relação com o homem ser-nos-á permitido pensar que esta relação não se esgota aqui mas determina o comportamento e postura dos seres humanos diante uns dos outros. Ou seja, se me reconheço imagem de Deus enquanto relação com Ele, reconheço igualmente a imagem de Deus nos homens e mulheres com quem convivo todos os dias e a necessidade de estabelecer uma relação de sentido e uma comunhão de relação respeitando, antes de mais, o seu direito à vida. É a partir desta conceção cristã do homem, enquanto imagem de Deus, que podem e devem ser pensadas e levadas a

<sup>8</sup> GARCIA BACCA, J. (1982), *Antropologia filosófica contemporânea*, Anthropos, Barcelona, 83.

<sup>9</sup> LADARIA, Luís (1980), *Introducción a la Antropología Teológica*, Ed. Verbo Divino, Estella, 61.

<sup>10</sup> WESTERMANN, C. (1974), *Génesis I*, Neukirchen, 214-218. citado por LADARIA, 62.

efeito, por exemplo, todas as ações de defesa ou promoção da vida, a necessidade de cultivar e viver impulsionado pelo valor da paz. É, portanto, partindo desta interpretação de imagem que o salmista vai dizendo que *“de glória e honra o coroaste, deste-lhe o poder das tuas mãos”* (Sal 8,7). O homem, reconhece-se imagem de Deus, revestido da dignidade de Deus, investido da missão de dar continuidade à obra criada/querida/sonhada por Ele e, por isso mesmo, investido de autoridade e poder diante das demais criaturas. Este poder faz-se sempre em articulação com aquilo que é o projeto inicial de Deus – o bem do homem, a sua felicidade.

Esta mensagem ganha sentido renovado na pessoa de Cristo. Aliás, segundo o Novo Testamento, Jesus Cristo é a própria imagem de Deus. Isto faz sentido na medida em que a pessoa de Jesus Cristo é a revelação da imagem do Pai. Assim, e segundo o Novo Testamento, torna-se imagem de Deus aquele que se assemelha a Cristo: *“De facto, fostes despojados do homem velho e das suas ações, e revestistes-vos do homem novo que, através do conhecimento, se vai renovando à imagem do seu Criador”* (Col 3,9-10). E ainda, *“Ele é a imagem do Deus invisível”* (Col 1, 15). Assim, e tal como foi anteriormente assinalado, como resultado desta relação com o Criador, agora renovada e concretizada na pessoa de Cristo, é exigido que a relação entre os membros da comunidade seja respeitadora dessa imagem. Não é por acaso que S. Paulo continua dizendo *“E aí já não há grego nem judeu, circunciso ou incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo ou livre, mas apenas Cristo, que é tudo em todos”* (Col 3,11). Paulo mostra então que Cristo é a imagem, o mediador único e universal entre Deus e o mundo criado; tudo se realiza por meio d’Ele, desde a criação até à salvação e reconciliação de todas as coisas. Chegar a ser a imagem do homem celeste não é, segundo Paulo, algo marginal à nossa condição humana, mas antes a sua determinação definitiva e esta acompanha, em tudo, a pessoa de Jesus Cristo.

Se ao longo da história da Igreja o primado da criação à imagem e semelhança de Deus não foi, tantas vezes evidenciado, o Concílio Vaticano II recupera este princípio e coloca-o no centro da conceção cristã do homem e da vida humana. Isto significa que o Concílio coloca a sua preocupação na capacidade de o homem conhecer e amar o Criador e a capacidade deste se relacionar com Deus. O Concílio expõe a noção bíblica – dinâmica e dialogal – da imagem. A imagem de Deus está no homem,

enquanto que o homem foi criado por Deus “*com capacidade de conhecer e amar o seu criador...glorificando a Deus*” (GS 12). Semelhante capacidade do homem fica inserida imediatamente dentro do contexto histórico da salvação, porque se diz que ficou diminuído o pecado (GS 13), e restituída por Cristo como capacidade para cumprir com a nova lei do amor (GS 29). Pelo facto do homem ser imagem de Deus exige que colabora com o seu criador, por isso é necessária a atividade humana para construir o mundo (GS 34).

A isto se acrescenta, quase necessariamente, o domínio sobre o mundo criado para que o governe e seja um meio para glorificar a Deus. Na sequência destes princípios, o Concílio também não esquece de relembrar a necessidade de uma relação entre os seres humanos que seja meio para a santificação de todos, relação esta que, em tudo, se deve assemelhar à relação entre o Pai e o Filho e tornada visível (revelação) na pessoa de Cristo<sup>11</sup>. A dimensão social do homem tende à construção do corpo de Cristo que é a Igreja, que se reúne à imagem relacional da Trindade, tal como é dito no número quatro da *Lumen Gentium* do Concilio Vaticano II.

## 1.2 – Imagem de Deus criador

Quando lemos as narrativas da criação constatamos que estamos diante de autênticos tesouros de sentido que não podem nem devem ser interpretados de forma literal. Tampouco pretendem ser relatos históricos sujeitos às medidas e aos rigores da metodologia científica.

Dizer “*Deus criou o mundo*” é um convite a contemplar nele uma abertura ao transcendente, manifestando o mistério da relação do homem com Deus e entendendo-se a si mesmo como criado por Ele. Ou seja, no ato criador de Deus abre-se para o ser humano um caminho de possibilidade para a contemplação e relação com o transcendente. Por outro lado, o ser humano reconhece-se como criatura, objeto pleno do amor de Deus por si. Os relatos bíblicos da criação são, então, uma

---

<sup>11</sup> Revelação designa o agir histórico de Deus pelo qual Ele se manifesta e Auto comunica aos homens, por decisão sua livre e gratuita.

teologia de relação, um discurso que diz verdade sobre Deus e diz a verdade suprema do homem ao afirmar na fé que provêm de Deus.

*“Desde as primeiras páginas da Bíblia, a imagem de Deus não é a do Ser em si, como se pudéssemos falar d’Ele com objetividade neutral. É a de um Deus para: o Deus da pessoa e para a pessoa. O Deus criador é Alguém que age, fala e se revela em relação com o destino humano. Ao fim de contas, porém, Deus tem de ser o Deus do universo. Nem seria Deus se não fosse Deus de tudo o que existe”<sup>12</sup>.*

Do que está dito, depreendemos que a grande intenção da narrativa bíblica da criação é a sua preocupação por manifestar a transcendência de Deus.

*“Dizer que Deus criou pela Palavra (‘Deus disse’ e as coisas foram existindo) significa que ele não está no mundo senão para além dele: a criatura é totalmente outra em relação ao Criador. Não se pode dizer que a sua Palavra seja causa produtora de efeitos; nem que o seu criar seja um efetuar. Precisamente porque as coisas são vistas como criadas pela palavra de Deus, podemos dizer que elas falam d’Ele. Para a fé, o universo projeta para o exterior o ser de Deus (Sl 19,2-7), tornando-o objeto de contemplação. Assim os relatos de criação fazem acontecer revelação. E esperam que o leitor atue à altura da sua dignidade de imagem de Deus”<sup>13</sup>.*

Em relação à necessidade de recorrer à imagem: *“dentro da teologia da comunicação, podemos dizer que a imagem [...] permite inscrever o homem numa outra ‘ordem do simbólico’ que se torna em si um espaço no qual ele pode efectuar as suas identificações e operar as suas mudanças.”<sup>14</sup>* O homem não tem uma imagem pré-determinada; a questão sobre a sua identidade permanece aberta e coloca-se-lhe constantemente no âmbito das relações que o liga a tudo o que o rodeia. No meio das numerosas imagens que são oferecidas ao homem para responder à sua necessidade de fazer uma imagem de si mesmo, podemos encontrar também a imagem, a representação teológica do homem, para o dizer paradoxalmente: a imagem do homem como imagem de Deus. Esta imagem, uma entre tantas outras, como as

---

<sup>12</sup> VAZ, Armino (2009), *A imagem de Deus criador*. Agência Ecclesia. 03 Fevereiro. Edição on line, <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=68968>.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> BUHLER, Pierre (1985), *L’être humain – à l’image de Dieu essai d’explicitation dogmatique*. In *Humain a l’image de Dieu*. Edité par Pierre Buhler, Travaux de troisième cycle en Théologie des Universités Romande, Edition Labor et Fides, Genève, 265.

demais, reivindica a sua pertinência mostrando uma nova clareira e específica que oferece ao homem<sup>15</sup>.

### 1.3. Imagem de Deus, dignidade do ser Humano

Se a antropologia teológica tem necessariamente que buscar o seu fundamento na definição cristã do homem é interessante que possamos ver agora de que forma é que a condição de imagem de Deus – criado à sua imagem e semelhança - é condição e possibilidade para o reconhecimento da dignidade humana.

Na narrativa da criação, a criação do homem é situada no último dia, apontando para a plenitude de todo um processo, resumo do sentido de todas as outras criaturas, a abrir para a contemplação do dia sagrado, dia do silêncio de Deus e para Deus. O homem aparece aí como a razão de ser de toda a criação e a fonte do seu sentido<sup>16</sup>. A afirmação da dignidade do homem é de tal grandeza que o autor nos leva a pensar que há algo de divino na obra criada. Afinal, ele foi criado como *ikon* de Deus.

“As concretizações desta dignidade fundamental do ser humano, criado “à imagem de Deus”, são a sua liberdade, que supõe a capacidade de conhecimento e de discernimento crítico e a dimensão relacional, em que o homem se reconhece, interagindo com outros homens seus semelhantes. A liberdade acarreta a expressão mais exigente dessa dignidade: a responsabilidade”<sup>17</sup>.

Ao afirmar a responsabilidade como uma das expressões mais genuínas da dignidade da pessoa está a pensar-se na responsabilidade, por parte da comunidade humana e de cada homem, em dar pleno cumprimento ao desígnio de Deus expresso no acto da criação. Ou, tal como é dito por D. José Policarpo o homem é um ser responsável, digno de ser tomado a sério, por Deus e pelos outros homens, ou seja, cada um é responsável por si e pelos outros. Dotado de inteligência crítica, é capaz de

---

<sup>15</sup> Cf. *Ibidem*, 266.

<sup>16</sup> Cf. POLICARPO, José (2001), *A dignidade da pessoa humana fundamento da justiça*. In Forum Canonicum, *Homilia na abertura do Ano Judicial*, Ano 10, nº 28 (Jan.-Abr. 2001), 8-9.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

delinear projetos de vida, que não podem ser só individuais, mas comunitários, lutando pelo bem comum<sup>18</sup>.

*“Reconhecemos uma correlação na confluência do tema bíblico do homem feito à imagem de Deus e a aspiração de uma ética da dignidade humana. Os temas da imagem oferecem, desde logo, elementos de uma visão fundada e compreensível de uma ética pessoal e social. A conjugação de tema duplo – bíblico e cultural – permite a realização de uma ética teológica, tanto mais que a investigação leal e solidária da segunda – a dignidade humana – abre-se a uma ética humana, racional, suscetível de dar lugar ao encontro e comunicação entre os homens, os povos, as culturas<sup>19</sup>”.*

O reconhecimento da dignidade humana é o reconhecimento da presença insondável e indelével de Deus que se oculta e manifesta em cada pessoa. É assim que, tendo por fundamento esta conceção, S. Paulo, nomeadamente na sua conceção do corpo, da matéria, centra-se na ideia de que o homem há-de ser salvo na sua totalidade. Este princípio de salvação recusa, perentoriamente, qualquer tipo de dicotomia relacionada com tudo aquilo que diz respeito ao homem. O homem, todo o homem e o homem todo, porque criado à imagem de Deus, é igual em dignidade. A partir deste princípio podemos facilmente perceber onde encontrar a razão de ser de todas as preocupações, por parte da Igreja, das situações que afetam a dignidade da pessoa humana dando origem ao que hoje chamamos Doutrina Social da Igreja. O ser pessoal do homem abre-nos à sua dimensão social. A referência ao outro é uma característica tão primária como a da própria singularidade. A teologia cristã ensina-nos como esta dimensão social do homem afeta a nossa relação com Deus.

O homem, na sua unidade radical e na pluralidade das suas dimensões tem, na condição de imagem de Deus, a possibilidade de chegar em plenitude, sempre por dom da graça, à semelhança divina. A partir daqui é compreensível que se insista no princípio do homem como imagem de Deus para além de todas as vicissitudes do pecado em que o homem se possa encontrar. Reconhecer-se criatura de Deus, imagem de Deus e, por isso, tocado pela bondade divina de Deus, está muito para além das contingências inerentes à vida do homem. Desta forma faz sentido a presença da Igreja

---

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Pinto de (1989), *Anthropologie théologique et éthique chrétienne*, In *Humain a l’image de Dieu*. Edité par Pierre Buhler Edition Labor et Fides, Genève, 298.

em todos os contextos sociais uma vez que a razão dessa presença tem por fundamento primeiro a consciência de criaturas criadas “fizestes dele quase um ser divino, de honra e glória o coroaste” (Sl.8,5).

Porque criado à imagem e semelhança de Deus o ser humano é então convidado a estabelecer o mesmo dinamismo de relação que acontece no seio da Trindade. A reconhecer-se e a reconhecer o “outro” como um vínculo insuperável na construção de uma sociedade substancialmente diferente. Relação que exige grandeza de atitude e respeito pela própria diferença, autenticando nela a possibilidade de realização do seu eu. Ou seja, se reconheço nos outros a imagem de Deus então reconheço a necessidade de estabelecer e crescer na comunhão, no apreço pelo outro respeitando e promovendo, antes de mais, o seu direito à vida. Dentro deste dinamismo, a paz aparece como uma das melhores formas de o divino encarnar e se manifestar porque, Ele próprio, é o Príncipe da Paz.

## **2 – A paz, valor universal**

A paz pode ser descrita como um valor universal que, à luz dos princípios éticos cristãos, supõe uma determinada forma de viver consigo mesmo, com os outros e com Deus. Isto quer dizer que a paz é uma realidade dinâmica, uma relação nunca acabada, que reclama uma vigilância ativa e um grande sentido de justiça. Não parece ser tanto fruto de uma determinada ideologia mas antes a paixão, levada à prática, do reconhecimento de que, no Homem, a relação com o diferente é um desafio galvanizador e gerador de harmonia na tensão positiva da diferença. À imagem da relação da pessoa de Deus – Deus Trinitário – em que cada uma das pessoas se inclina sobre as demais no seu desejo de identificação e respeito, assim a paz há-de ser este inclinar-se sobre o outro e, com ele, fazer caminho que há-de ser sempre, caminho de relação no reconhecimento do outro e do caminho a fazer por ambos.

## 2.1 – Conceito de paz

Quando olhamos para esta realidade a que chamamos paz percebemos que esta nos é apresentada como um conceito relativamente abrangente. Se fizermos um pequeno itinerário de pesquisa percebemos rapidamente que assim é. Por exemplo, na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (GEPB) a paz é “tranquilidade pública, repouso, silêncio, sossego, tranquilidade da alma, união, concórdia, amizade entre as pessoas, respeito recíproco entre as nações”<sup>20</sup>. Na revelação bíblica, a paz é o efeito da bênção de Deus sobre o seu povo: “Que o Senhor dirija o Seu olhar para ti e te conceda a paz” (Nm 6,26). Esta paz gera fecundidade (cf. Is 48,19), bem-estar (cf. Is 48,18), ausência de medo (cf. Lv 54,6) e alegria profunda (cf. Pr 12,20). Para o Catecismo da Igreja Católica a paz é tranquilidade da ordem, fruto da justiça e efeito da caridade<sup>21</sup>. É dito também que a paz terrena é a imagem e fruto da paz de Cristo, o príncipe da paz messiânica. O Concílio Vaticano II afirma que a paz não é ausência de guerra nem se reduz a um mero equilíbrio de forças adversas, nem provém de um domínio despótico, mas define-se com razão e propriedade obra da justiça<sup>22</sup>. Para Bento XVI a paz é “um fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana”<sup>23</sup>, que corresponde a um anseio e uma esperança que vivem indestrutíveis dentro de todo o ser humano. Desta forma, continua Bento XVI, a paz é dom celeste e graça divina que exige o exercício da nossa responsabilidade no sentido de lutar pela verdade, a justiça, a liberdade e o amor, plasmando a história humana à ordem divina<sup>24</sup>.

---

<sup>20</sup> GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA e BRASILEIRA, [s.d. p.], Editorial Enciclopédia, Lisboa/Rio de Janeiro. volume nºXX, 698.

<sup>21</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (1999), Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2ª edição, nº 337-343, 99-100.

<sup>22</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II (1998), *Gaudium et Spes*. Gráfica de Coimbra. Coimbra, nº 78, 283-284.

<sup>23</sup> BENTO XVI (2006), *Na verdade, a paz*. Mensagem para o Dia Mundial da Paz, nº3 e 4. AAS XCVIII, 57.

<sup>24</sup> Cf. *Ibidem*.

## 2.2 – A Paz na Sagrada Escritura. Breve olhar.

Na Sagrada Escritura a paz é o maior dos dons e fonte de todas as bênçãos<sup>25</sup>. O Conselho Pontifício Justiça e Paz afirma que “antes de ser um dom de Deus ao homem e um projeto humano conforme o desígnio divino, a paz é, antes de tudo, um atributo essencial de Deus [...] Deus cria todas as coisas e toda a criação para formar um conjunto harmónico, bom em todas as suas partes”<sup>26</sup>. “Deus é paz”(Jz 6,24).

A promessa de paz percorre todo o Antigo Testamento e encontra o seu cumprimento na pessoa de Jesus. A paz é o bem messiânico por excelência, no qual estão comprometidos todos os outros bens salvíficos<sup>27</sup>. Na tradição judaica a palavra paz é expressa através do bem conhecido *shalom*. Segundo Carreira da Neves esta é uma daquelas palavra difíceis de traduzir ou, pelo menos, de perceber a densidade de significado que encerra. Segundo ele, *shalom* “é uma palavra de sentido totalizante, unitário e teológico, precisamente por ser polissémico”<sup>28</sup>. Ou seja, é muitas vezes, e ao mesmo tempo, uma coisa e várias coisas. É uma palavra profundamente teológica e, ao mesmo tempo, com grande carga social uma vez que aponta para dimensões importantes do relacionamento humano, nomeadamente apontando para a necessidade de relações sociais justas aos mais diversos níveis e nos diferentes âmbitos da vida humana. A paz será então duradoura, pois quando o rei governa segundo a justiça de Deus, a retidão germina e a paz abunda “duradoira como a lua” (Sl 3,13). Deus aspira a dar a paz ao seu povo: “Ele tem promessas de paz para o Seu povo e Seus amigos, que já não voltarão ao desvario” (Sl 84,9). O salmista, escutando aquilo que Deus tem a dizer ao povo sobre a paz, ouve estas palavras: “Amor e Fidelidade encontrar-se-ão, Justiça e Paz beijar-se-ão” (Sl 84,11).

---

<sup>25</sup> VENTURA, Fernando, (2003), *A paz messiânica, a Utopia de Deus*. In *Bíblica*. Série científica nº 11, Difusora Bíblica, nº 283; AA.VV, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 7ed. Petrópoles, Vozes, 731.

<sup>26</sup> Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ (2005), *Compêndio da doutrina Social da Igreja*. Principia, S. João do Estoril nº488, 309.

<sup>27</sup> Cf. *Ibidem*, nº 491,315.

<sup>28</sup> NEVES, Joaquim Carreira das (1993), *A força do shalom bíblico*. In *Fátima e Paz*. Santuário de Fátima, 107. Cf. CARVALHO, José Ornelas, *A utopia da paz na Bíblia*. In *Cadernos do Instituto S. Tomás de Aquino*. nº9.

Na palavra *shalom* há então um mundo inteiro de significado religioso e humano – a paz esteja contigo significa, Deus te dê toda a sua bênção, o seu favor, a sua proteção. Pretende significar todo o bem, toda a harmonia interior e exterior, de quem se entende a si mesmo como abençoado e o leva a ter atitudes cheias de harmonia em relação a si mesmo, os outros e a natureza e o próprio Deus<sup>29</sup>. É um perceber-se “ser em relação” que se reconhece e reconhece os outros. A paz, quando lemos, por exemplo o livro do Levítico, compreende todos os bens materiais e espirituais: ter uma terra fecunda, comer à saciedade, habitar em segurança, dormir sem temor, triunfar dos inimigos, ou seja, parece traduzir um estado de comunhão entre o homem e o próprio Deus. Estado de comunhão a ser conquistado e a ser, diariamente, defendido. (Lv 3,1).

A paz é, em Isaías, um bem escatológico. Porquê? Porque encerra em si mesma a possibilidade de libertar, de salvar de todas as contradições e aflições do coração humano. Isaías sonha e prega o “Príncipe da Paz” (Is 9,5; cf Zc 9,9s) que dará uma paz sem fim (Is 9,6), abrirá um novo paraíso, pois “Ele próprio é que será a Paz” (Miq 5,4). Assim, *shalom* vai para além dos limites que naturalmente lhe queremos impor. Porque para além da dimensão sociológica do termo ela expressa um desejo profundo de voltar ao coração de Deus e aí encontrar o seu próprio coração, cansado e afastado do anseio original de paz igualmente sonhado e oferecido por Deus à humanidade.

### 2.3 – A paz de Jesus Cristo

O itinerário histórico de Jesus e a sua forma de se aproximar do coração humano permite-nos perceber, desde logo, o centro das suas preocupações – uma postura despida de preconceitos e inspiradora de atitudes verdadeiramente renovadas

---

<sup>29</sup> Cf. CARVALHO, José Ornelas, *A utopia da paz na Bíblia*. In *Cadernos do Instituto S. Tomás de Aquino*, nº9. cf. Is 9,5 “porque para nós um menino, um filho nos foi dado; sobre o seu ombro está o manto real, e chama-se «Conselheiro Maravilhoso», «Deus Forte», «Pai para sempre», «Príncipe da Paz»”; Mq 5,4 “Ele próprio será a Paz”; Sl 29,11 “O senhor abençoa o seu povo na paz”; Sl 128 “O Senhor te abençoe de Sião...possas ver os filhos de teus filhos. Paz a Israel”; Sl 125,5 “Sois bom, senhor para os justos...os malvados serão exterminados com os malfeitores. Paz a Israel”; Nm 6,24-26 “O senhor te abençoe e te guarde; o Senhor fala resplandecer sobre ti o seu rosto e tenha misericórdia de ti; o Senhor dirija para ti o seu rosto e te conceda a paz”.

que apelam à conversão do coração e às atitudes de amor/misericórdia para com todos. Rejeita frontalmente a violência ao ponto de a aceitar e a destruir a partir de dentro. O seu mandamento “amai-vos uns aos outros” (Jo 15, 9) é, claramente, uma das mensagens emblemáticas que nos quis deixar para que a vivêssemos. Jesus, diante dos vários movimentos de rebeldes resistentes à ocupação romana rejeita a revolução armada e anuncia o reino de Deus e a necessidade de preparar a sua vinda com a mudança do coração. Exalta o primado do homem sobre a lei e institui o mandamento do amor ao inimigo (Mt 5,43-48) e o perdão sem limites (Mt 18,21).

Jesus Cristo é o portador da verdadeira paz. Por meio do Espírito Santo comunica-nos, antecipadamente, a paz definitiva (Rm 8,6; 14, 17; Gl 5,22). Cristo é a nossa paz (Ef 2,14-15). A paz de Cristo acontece na missão e é, antes de tudo, reconciliação com o Pai. Missão como anúncio de paz: “Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: «a paz esteja nesta casa»” (Lc 10,5; cf. Rm1,7). A paz é pois reconciliação com os irmãos, porque Jesus, na oração que nos ensinou, o “Pai Nosso”, associa o perdão pedido a Deus ao perdão oferecido aos irmãos (cf.Mt6,12). “Bem-aventurados os construtores da paz porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9).

São Paulo afirma que Jesus não é apenas a nossa paz, mas também que Ele faz a paz. Uma paz que se constrói de modo dinâmico, ativo, participativo na medida em que Jesus reconcilia os povos com Deus através da sua cruz. Ou seja, na cruz de Jesus está espelhada uma realidade a ser ponderada por todo o ser humano – a paz só será uma realidade se forem derrubados os muros do ódio e das leis inconciliáveis com o verdadeiro Deus. A partir de uma chave de leitura crente, a paz constrói-se através de um processo humano e espiritual. Trata-se de um programa que parte de dentro do homem e exige conversão diária, mudança de mentalidade que levará a mudança de atitudes. É a este sentido que Carreira das Neves se refere quando afirma que a “salvação e paz são bíblicamente sinónimos e formam como que uma grandeza divina/humana”<sup>30</sup>.

Na vigília da sua morte, Jesus fala da sua relação de amor com o Pai e da força unificante que esse amor irradia sobre os discípulos; é um discurso de despedida que mostra o sentido profundo da sua vida e que pode ser considerado uma síntese de

---

<sup>30</sup> NEVES (1993), *A força do shalom bíblico*, 115.

todo o seu ensinamento. Marca indelevelmente o seu testamento espiritual, o dom da paz: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá” (Jo 14,27). As palavras do Ressuscitado vão no mesmo sentido: todas as vezes que Ele encontrar os seus, estes receberão d’Ele a saudação e o dom da paz: “A paz esteja convosco!” (Lc 24,36; Jo 20,19.21.26).

## 2.4 – A consciência eclesial na promoção da paz

Os tempos eram incertos mas a consciência de que a Igreja tinha um contributo sério e duradouro a oferecer levou o papa João XXIII a escrever a magna carta cristã da paz dos tempos modernos, *Pacem in Terris*, publicada em Abril de 1963. O Concílio Vaticano II sublinhou esta preocupação por parte da Igreja falando, por exemplo, da importância das questões do mundo serem também questões e preocupações da Igreja<sup>31</sup>. Foi em resposta a este pedido que o papa Paulo VI criou a Comissão Pontifícia “*justitia et pax*” a 06 de Janeiro de 1967 por *Motu Próprio* (Catholicam Christi Ecclesiam), como órgão regular da Cúria Romana. Dois meses mais tarde, na encíclica *Populorum Progressio* (1967), o próprio Paulo VI resume o que pretende com a criação desta nova Comissão dizendo que o seu nome é também o seu programa de ação, é justiça e paz.<sup>32</sup> A *Gaudium et Spes* e esta Encíclica onde “de certa maneira (...)leva à prática os ensinamentos do Concílio”<sup>33</sup>, foram os textos fundadores e os alicerces desta nova Comissão.

É muito interessante dar-se conta que o Concílio Vaticano II gerou pequenas ondas de consciência da necessidade de todos se empenharem pessoal e institucionalmente para a promoção de uma sociedade de paz. O Concílio Vaticano II repercutiu-se no catolicismo, “gerando novo impulso reformador, em particular nos sectores mais desenvolvidos nas questões da transformação da sociedade,

<sup>31</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II (1998), *Gaudium et Spes*, nº77-90, 282-298.

<sup>32</sup> Cf. PAULO VI (1967), *Populorum Progressio*, nº5. AAS LIX, 259.

<sup>33</sup> JOÃO PAULO II (1987), *Sollicitudo Rei Socialis*, nº6. AAS LXXX [1988], 517.

nomeadamente a justiça social, a paz e a liberdade”<sup>34</sup>. No contexto da sociedade portuguesa “adquiriu contornos específicos, nomeadamente em torno da valorização das questões do desenvolvimento socioeconómico, das consequências sociais da emigração, em particular clandestina, da renúncia da guerra colonial e da luta pela liberdade política”<sup>35</sup>. Por seu lado, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* fez doutrina sobre a questão da guerra e da paz, avançando propostas pertinentes sobre o desarmamento, a objeção de consciência ou sobre a guerra como modo de resolver conflitos. Na mensagem do Concílio há uma preocupação clara em afirmar a conceção autêntica da paz denunciando, em contraponto, a crueldade da guerra e os seus mecanismos destrutivos. Aponta para a comunidade internacional e a necessidade desta se organizar no sentido de ajudar a ordenar uma convivência pacífica da família humana o que leva o magistério da Igreja a apontar para a instituição de “uma autoridade pública universal, reconhecida por todos, com poder eficaz para garantir a segurança, a observância da justiça e o respeito dos direitos”<sup>36</sup>. Ao afirmar isto lança um apelo veemente aos cristãos e a todos os homens de boa vontade para que trabalhem pela promoção da paz e reconciliação entre os povos no sentido de “consolidar entre eles a paz, na justiça e no amor”<sup>37</sup>.

Na sequência de toda esta consciência o papa Paulo VI, na visita que faz em 1965 à sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, precisamente no dia da memória de S. Francisco de Assis, reafirma o empenho que é exigido à comunidade internacional no seu empenho de luta pela paz.

“(…) é a palavra que vós esperais de Nós e que Nós não podemos pronunciar sem estar conscientes da sua gravidade e da sua solenidade: jamais uns contra os outros, nunca mais. Não foi sobretudo com esta finalidade que nasceu a Organização das Nações Unidas: contra a guerra e para a paz? Escutai as palavras lúcidas (... de) John Kennedy, que proclamava, (...) «A humanidade deverá pôr fim à guerra, ou é a guerra que porá fim à humanidade». Não são necessários longos discursos para proclamar a finalidade suprema da vossa Instituição. Basta recordar que o sangue de milhões de homens, os sofrimentos espantosos e inumeráveis, os inúteis massacres e as aterradoras ruínas sancionam o pacto que vos une, num juramento que deve mudar a história

<sup>34</sup> FONTES, Paulo Oliveira (2002), *A questão da liberdade e a problemática da pluralidade no seio do catolicismo português*. In *História Religiosa de Portugal*. Círculo de Leitores, Lisboa vol.3, 249.

<sup>35</sup> *Ibidem*, 266.

<sup>36</sup> GS, nº82, 289.

<sup>37</sup> GS, nº 77, 283.

futura do mundo: nunca mais a guerra, nunca mais a guerra. É a paz, a paz que deve guiar o destino dos povos e de toda a humanidade”<sup>38</sup>.

Será justamente Paulo VI quem lançará mais uma iniciativa que, pouco a pouco, foi sendo acolhida pela comunidade internacional, a comemoração do Dia Mundial da Paz no primeiro dia de 1968, reafirmando, uma vez mais, a importância de todos, independentemente onde se situem, de trabalharem pela paz. “A proposta de dedicar à paz o primeiro dia do novo ano não tem pretensão de ser qualificada como exclusivamente religiosa ou católica. Antes, seria para desejar que ela encontrasse a adesão de todos os verdadeiros amigos da paz”<sup>39</sup>.

É neste contexto que nasce, logo após o Concílio Vaticano II, a Comunidade de Santo Egídio, em Roma (1968), um movimento de leigos que se espalha em Itália e por mais 70 países. Comunidade fundada por um jovem de vinte anos, Andrea Riccardi e que reuniu à sua volta um grupo de estudantes de liceu para escutarem e porem em prática o Evangelho tendo, como pontos de referência, as primeiras comunidades cristãs e a inspiração de S. Francisco de Assis. As várias comunidades espalhadas pelo mundo partilham a mesma espiritualidade e os mesmos fundamentos que caracterizam o itinerário de Santo Egídio: a oração, a solidariedade para com os pobres, e ecumenismo, o diálogo, indicado pelo Vaticano II como o caminho a trilhar em direção à paz<sup>40</sup>. Neste caminho ninguém é excluído mas congregaram-se esforços e contributos no sentido de ajudar a ganhar consciência do bem da paz e de o efetivar. Neste sentido, recordamos o contributo precioso da comunidade no processo de paz, por exemplo, em Moçambique<sup>41</sup>.

Paulo VI vendo-se confrontado, ainda no seu pontificado, por variadas situações de conflito, não se cansa de apelar à paz e à reconciliação. Fá-lo, de forma

<sup>38</sup> PAULO VI (1965), *Discurso do papa Paulo VI na sede da ONU*. 04 de Outubro. AAS, LVII, nº 13, 881.

<sup>39</sup> PAULO VI (1968), *O dia da paz*. Mensagem para o dia mundial da paz. Rei dos Livros, Lisboa, 10.

<sup>40</sup> Cf. MURPHY, Mimi (2008), *Andrea Riccardi*, in *The Magazine World*, 03 de Abril 2008.

<sup>41</sup> O fundador da comunidade de Santo Egídio, Andrea Riccardi, desde o início comprometido em ajudar na mediação de processos de paz é nomeado ministro da Cooperação Internacional e Integração do governo Italiano. É nesta qualidade e norteado pelos valores fundadores da comunidade que é apontado como o grande embaixador que, tendo agido nos bastidores, vai ajudando ao desbloquear do processo que conduzirá à assinatura dos acordos de paz em 1992. Acordo Geral de Paz que é assinado em Roma e que põe termo a 16 anos de guerra. O mesmo Andrea Riccardi desempenhou um papel importante em outros processos de mediação como o que deu lugar ao acordo de paz assinado em 1996 na Guatemala.

muito clara em 1970, na peregrinação apostólica à Ásia Oriental, Oceânia e Austrália, num discurso em que pede o fim dos bombardeamentos no Vietname.

“Estai certos que partilhamos os sofrimentos mas também as esperanças e aspirações dos Vietnamitas. Estes desejam, como todo o mundo, viver em paz, na concórdia e na tranquilidade: é a condição essencial a um desenvolvimento social e económico normal, ao qual todos os povos do mundo têm direito. No entanto, é preciso constatar, infelizmente, que têm sido privados de tais benefícios. (...) Não desistiremos de exortar para a necessidade de uma negociação honesta e leal que nos parece ser não apenas o único caminho, mais o único que respeita a dignidade do homem e conduz a uma paz justa e durável.”<sup>42</sup>

No seguimento de João XXIII e Paulo VI, também João Paulo II trilhou este compromisso pela paz e reconciliação entre todos os povos. É testemunha disso o gesto simbólico que teve lugar no dia 27 de Outubro de 1986 na colina de Assis quando João Paulo II reúne dezenas de líderes religiosos e os convoca à oração e conversão, em nome da paz. Gesto que acabaria por se tornar um acontecimento profético de Assis que se transformou em ícone de paz e de esperança para a humanidade. O mundo vivia então tempos atribulados. Em várias partes do globo surgiam focos de guerra. O muro de Berlim insistia em permanecer inflexível e em manter a humanidade em “blocos”, mantendo um clima de “guerra fria”. Neste contexto a Organização das Nações Unidas proclama, em 1986 o Ano Internacional da Paz. João Paulo II, atento a estes sinais dos tempos, aproveita a ocasião para, na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos – 25 de Janeiro – tornar pública a iniciativa de uma Jornada de Oração pela paz em Assis.

“Nenhum cristão ou mesmo nenhum ser humano que acredite em Deus Criador do mundo e Senhor da história, pode permanecer indiferente perante um problema que toca intimamente o presente e o futuro da humanidade”<sup>43</sup>.

Em Janeiro de 1993, quando a Europa vivia situações de guerra nos Balcãs, João Paulo II sentiu, uma vez mais, que era urgente voltar a Assis para, com todas as confissões religiosas, rezar pela paz. A 24 de Janeiro de 2002, meses depois do

---

<sup>42</sup> PAULO VI, (1970), *Discurso do Papa Paulo VI para a paz no Vietname*. Manila, Filipinas, 28 de Novembro. AAS, LXIII, [1971], nº1 e 2, 21.

<sup>43</sup> JOÃO PAULO II (1986), *Homilia in Basilica Hostiensi*. AAS, LXXVIII, 496-497.

atentado de 11 de Setembro de 2001, o papa convida, uma vez mais, todos os representantes de todas as Igrejas, comunidades e religiões, para uma jornada de oração pela paz, mantendo assim vivo o sonho da paz e a profecia de Assis. Um mês depois do encontro de Assis de 24 de Janeiro de 2002, João Paulo II envia a todos os chefes e governantes do mundo uma carta na qual apresentava o Decálogo de Assis para a Paz, na qual reiterava a necessidade da família humana escolher o amor em vez do ódio.

“Há precisamente um mês que foi realizado em Assis o Dia de oração pela paz no mundo. Hoje, o meu pensamento dirige-se espontaneamente para os responsáveis da vida social e política dos países que ali estavam representados pelos chefes religiosos de numerosas nações. (...) Faço votos para que o espírito e o compromisso de Assis levem todos os homens de boa vontade a procurar a verdade, a justiça, a liberdade, o amor, para que toda a humanidade possa gozar destes direitos inalienáveis, e cada povo, da paz. Por seu lado, a Igreja católica, que deposita a sua confiança e esperança no *“Deus da caridade e da paz”* (2 Cor 13, 11), continuará a empenhar-se para que o diálogo leal, o perdão recíproco e a concórdia mútua assinalem o caminho dos homens neste terceiro milénio”<sup>44</sup>.

Nas suas visitas pastorais e nas suas alocações foram muitas as vezes em que ao longo do seu pontificado João Paulo II foi trazendo à memória coletiva dos povos a necessidade de empenho e de defesa da paz. Recordamos, por exemplo, a sua visita a Angola em 1992 em que reclama de todos um empenho sério de construção de uma sociedade pacífica depois de anos longos de guerra.

“Eis o programa de ação apostólica para todos: para o clero e para os leigos, Ministros da Boa Nova. O seu serviço indica os caminhos da Paz. O Evangelho que servem é o Evangelho da Paz. E quanto não o necessita a vossa Pátria tão devastada por esses anos de guerra civil! A minha solicitude por todas as vítimas desta guerra faz-me lançar daqui um premente apelo a favor dos refugiados: a guerra fê-los partir; a paz constrói-se com o seu regresso”<sup>45</sup>.

Como fomos percebendo, as mensagens e empenho pela paz foram enviadas para todas as partes e sectores onde se sentisse a necessidade de falar e alertar para o maior dom e Deus – a paz. Foram muitos os sinais dados pela própria Igreja no sentido

---

<sup>44</sup> JOÃO PAULO II (2002), *Decálogo de Assis para a Paz*, AAS, XCIV, nº2, 121.

<sup>45</sup> JOÃO PAULO II (1992), *Discurso em Luanda*. AAS, LXXXV, nº6, 519.

dela própria querer fazer o seu caminho de reconhecimento, acolhimento e de encontro com outras culturas religiosas, em vista à paz entre religiões. Assim, motivou o diálogo inter-religioso, o ecumenismo e a cultura da paz sendo o primeiro Pontífice a visitar o Muro das Lamentações, em Jerusalém a 26 de Março de 2000 onde pediu perdão pelos erros e crimes cometidos pelos filhos da Igreja no passado. Foi o primeiro a pregar numa sinagoga, a entrar numa Mesquita, em Damasco, Síria, e a promover jornadas ecuménicas de reflexão pela paz em Assis (Oração mundial pela paz). Fez a primeira visita, enquanto Pontífice, à Grécia desde a separação das Igrejas Católica e Ortodoxa no cisma de 1054.

Dando continuidade a este mesmo espírito de trabalhar e facilitar todos os caminhos à paz e reconciliação dos povos, o Papa Bento XVI desloca-se a Assis a 17 de Junho de 2007. Bento XVI recorda o seu antecessor e renova o seu compromisso pessoal e eclesial pela paz, no espírito de Assis<sup>46</sup>. No entanto, e neste esforço de acompanhar os sinais dos tempos, Bento XVI atualiza esta mensagem e tenta sensibilizar a comunidade internacional para os problemas que afetam a humanidade e fazem crescer os riscos de injustiças e, conseqüentemente, os riscos contra a paz.

“Procuremos identificar, mais de perto, as novas fisionomias da violência e da discórdia. (...) Primeiramente temos o terrorismo (...) Sabemos que, frequentemente, o terrorismo tem uma motivação religiosa e que precisamente o carácter religioso dos ataques serve como justificação para esta crueldade monstruosa, que crê poder anular as regras do direito por causa do «bem» pretendido. Aqui a religião não está ao serviço da paz, mas da justificação da violência. (...) É tarefa de todos aqueles que possuem alguma responsabilidade pela fé cristã, purificar continuamente a religião dos cristãos a partir do seu centro interior, para que – apesar da fraqueza do homem – seja verdadeiramente instrumento da paz de Deus no mundo.

(...) há uma segunda tipologia de violência (...)é a consequência da ausência de Deus, da sua negação e da perda de humanidade que resulta disso.

(...) Por isto mesmo, convidei representantes deste terceiro grupo para o nosso Encontro em Assis, que não reúne somente representantes de instituições religiosas. Trata-se de nos sentirmos juntos neste caminhar para a verdade, de nos comprometermos decisivamente pela dignidade do homem e de assumirmos juntos a causa da paz contra toda a espécie de violência que destrói o direito. Concluindo, queria assegurar-vos de que a Igreja Católica não desistirá da luta contra a violência, do seu compromisso pela paz no mundo.

---

<sup>46</sup>Cf. BENTO XVI (2007), *Homilia proferida na Basílica de S. Francisco de Assis*. AAS XCIX, 661.

Vivemos animados pelo desejo comum de ser «peregrinos da verdade, peregrinos da paz»<sup>47</sup>.

Apesar de identificar as situações e de convocar todos a um empenho serio em prol da justiça e, conseqüentemente, da paz, Bento XVI tem sublinhado a importância e urgência da educação dos mais novos no despertar e cimentar de uma sociedade verdadeiramente pacífica. Segundo ele é preciso dedicar tempo e amor à formação dos jovens, construtores de uma sociedade de paz. Foi precisamente com esta mensagem que Bento XVI quis marcar o início de 2012 dedicando a sua mensagem para o dia mundial da paz ao tema, “Educar os jovens para a justiça e para a paz”. Foi isso mesmo que afirmou na homilia da Eucaristia comemorativa do 45º Dia Mundial da Paz “Para eles [jovens], hoje mais do que nunca, é indispensável a aprendizagem do valor e do método da convivência pacífica, do respeito recíproco, do diálogo e da compreensão”<sup>48</sup>.

Preocupação que nos tem motivado a fazer este itinerário uma vez que estamos em contacto diário com jovens que precisam aprender muitas coisas, nomeadamente, aprender a serem homens e mulheres construtores de paz, alicerçados nos valores da justiça, da solidariedade e da verdade.

## 2.5 – As encíclicas sociais

Ao longo da história da Igreja, o magistério da Igreja tem criado espaço nas reflexões que vai fazendo sobre a paz social e o equilíbrio necessário entre as várias forças sociais. Na *Rerum Novarum* (1891) Leão XIII, o papa defende, por exemplo, uma melhor distribuição das riquezas, a intervenção do Estado na economia a favor dos mais pobres e desprotegidos e o sentido de justiça na relação entre patrões e trabalhadores que, segundo o papa, seriam condições essenciais na persecução do bem das pessoas, do desenvolvimento das sociedades e da paz social. A paz social

---

<sup>47</sup> BENTO XVI (2011), *Peregrinos da verdade, peregrinos da paz*. 27 Outubro de 2011. AAS CIII, 759-762.

<sup>48</sup> BENTO XVI (2012), *Educar os jovens para justiça e para a paz*. Mensagem para o dia mundial da paz nº5. L'Osservatore Romano (ed. Portuguesa), 24/IX/2011, 5.

seria, neste contexto, uma responsabilidade de todos e de cada um teria como fundamento galvanizador a caridade, o amor cristão aprendido de Jesus e levado à prática por todos quando se dizem seus discípulos. Ou seja, à luz da *Rerum Novarum*, é possível alcançar a paz no empenho de gestos humanos concretos de paz (amizade cívica, justiça política e económica) e transcendental (vida de Deus em nós).

“(…)os progressos incessantes da indústria, os novos caminhos em que entraram as artes, a alteração das relações entre os operários e os patrões, a influência da riqueza nas mãos dum pequeno número ao lado da indigência da multidão, a opinião enfim mais avantajada que os operários formam de si mesmos e a sua união mais compacta, tudo isto, sem falar da corrupção dos costumes, deu em resultado final um temível conflito.

(…) Ora, como é principalmente a nós que estão confiadas a salvaguarda da religião e a dispensação do que é do domínio da Igreja, calarmo-nos seria aos olhos de todos trair o nosso dever. Certamente uma questão desta gravidade demanda ainda de outros a sua parte de atividade e de esforços; isto é, dos governantes, dos senhores e dos ricos, e dos próprios operários, de cuja sorte se trata”<sup>49</sup>.

No início dos anos 30, logo após a crise económica de 1929, o Papa Pio XI publica a encíclica *Quadragesimo Anno* (1931), comemorativa dos quarenta anos da *Rerum Novarum*. O papa chama a atenção para o crescente poder dos grupos financeiros à escala nacional e internacional. Período após a Primeira Guerra Mundial em que se afirmam regimes totalitários na Europa e cresce a luta de classes. Assim, Pio XI reafirma a importância de um salário justo que seja equitativo pela remuneração do trabalho realizado e que permita o sustento da família do trabalhador, defende o princípio da subsidiariedade por parte do Estado, reafirma o direito à propriedade privada apontando para uma ordem social sustentada nos alicerces da justiça e da caridade.

“Ninguém ignora, que nunca um país se ergueu da miséria e pobreza a uma fortuna melhor e mais elevada sem a colaboração ingente de todos os cidadãos, tanto dos que dirigem o trabalho, como dos que o executam. [...] A premuni-los contra estes falsos princípios, com que a si próprios fechavam o caminho da justiça e da paz, deviam bastar as palavras sapientíssimas do Nosso Predecessor: «de qualquer modo que seja distribuída entre os particulares, não cessa a terra de servir à utilidade pública». O mesmo ensinámos Nós pouco antes, quando declarávamos, que a própria natureza exige a repartição dos

<sup>49</sup> Leão XIII (1891), *Rerum Novarum*, The Paulist Press, New York, nº1 e 8, 12.

bens em domínios particulares, precisamente a fim de poderem as coisas criadas servir ao bem comum de modo ordenado e constante. Este princípio deve ter continuamente diante dos olhos, quem não quer desviar-se da recta senda da verdade.”<sup>50</sup>

João XXIII, no aniversário dos setenta anos da *Rerum Novarum* escreve a encíclica *Mater et Magistra* (1961). Publicada no fim da reconstrução pós-bélica envolta ainda num contexto de domínio colonial de alguns países do ocidente vai alertar para duas características que despontam de forma visível, mas imprevisível, na forma como vai marcar uma nova época: a globalização e a terceira revolução industrial. Neste sentido é preocupação clara da encíclica que os cristãos e a sociedade em geral compreendessem que o cristianismo é uma religião encarnada e que, por isso, se preocupa com a condição de vida da comunidade humana. A *Mater et Magistra* fala contra o risco espiritualista que tende a reduzir a mensagem cristã a uma mensagem que remete apenas para a dimensão do transcendente sem ter em conta as condições de vida das pessoas.

“O cristianismo é, de facto, a realidade da união da terra com o céu, uma vez que assume o homem, na sua realidade concreta de espírito e matéria, inteligência e vontade, e o convida a elevar o pensamento, das condições mutáveis da vida terrena, até às alturas da vida eterna, onde gozará sem limites da plenitude da felicidade e da paz”<sup>51</sup>.

A matriz ética que sustenta a encíclica *Mater et Magistra* é a ética das virtudes – noções como a equidade, subsidiariedade, justiça são apresentadas como resposta às *coisas novas* que vão surgindo na sociedade, “(...) convidamos insistentemente os nossos filhos a vigiarem sobre si mesmos, para manterem viva e operante a consciência da hierarquia dos valores no exercício das atividades temporais e na prossecução dos fins imediatos de cada uma”<sup>52</sup>. Entre os valores sublinhados pela encíclica está a necessidade de organizar e orientar os recursos para o serviço do bem comum e não para o desperdício de capitais gastos na ostentação do luxo de alguns e

<sup>50</sup> PIO XI (1931), *Quadragesimo Anno*, União Gráfica. Lisboa nº1.

<sup>51</sup> JOÃO XXIII (1961), *Mater et Magistra*. União Gráfica. Lisboa, nº1, 5.

<sup>52</sup> *Ibidem*, nº244, 75.

com a afirmação, da pior forma, da identidade nacional dos povos através da aquisição material bélico.

“Em alguns desses países, a abundância e o luxo desenfreado de uns poucos privilegiados contrasta, de maneira estridente e ofensiva, com as condições de mal-estar extremo da maioria; noutras nações obriga-se a atual geração a viver privações desumanas para o poder económico nacional crescer segundo um ritmo de aceleração que ultrapassa os limites marcados pela justiça e pela humanidade; e noutras, parte notável do rendimento nacional consome-se em reforçar ou manter um mal-entendido prestígio nacional, ou gastam-se somas altíssimas nos armamentos”<sup>53</sup>.

Um outro documento, já anteriormente referido, é a publicação da encíclica *Pacem in terris* (1963), do papa João XXIII em que se torna claro que a paz é um dos frutos da ação de Deus no mundo. “A paz na terra, anseio profundo de todos os homens de todos os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão no pleno respeito da ordem instituída por Deus”<sup>54</sup>. João XXIII convoca todos neste esforço de trabalhar pela paz. Todos os sectores da sociedade, nomeadamente, líderes políticos e religiosos, são convidados a procurar soluções capazes de responder aos anseios mais profundos do ser humano, nomeadamente, a paz. Segundo João XXIII só é possível pensar na criação de condições económicas e sociais justas diante da promoção de um ambiente estável. Não pode ser uma estabilidade promotora de uma paz podre, mas o trabalho por uma paz que traz consigo a possibilidade de oferecer condições para que sociedades e indivíduos possam chegar ao máximo do seu desenvolvimento social e individual. O papa João XXIII abre horizontes novos na forma genuína da Igreja se relacionar com o mundo. João XXIII tem uma visão positiva do mundo e da Igreja, não em contramão, mas numa relação colaborante promotora de valores capazes de oferecer às pessoas o melhor que a sua humanidade pode oferecer.

“A convivência entre as nações funda-se nos mesmos valores que devem orientar a convivência entre os seres humanos, a verdade, a justiça, a solidariedade e a liberdade”<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, nº69, 21.

<sup>54</sup> JOÃO XXIII (1963), *Pacem in Terris*, União Gráfica, Lisboa, nº1, 5.

<sup>55</sup> *Ibidem*, nº 55, 16.

João XXII renova a crítica a todos os estados que ignoram a precariedade em que vivem as populações e direcionam os seus recursos económicos para se armarem e defenderem.

“É-nos igualmente doloroso constatar como em estados economicamente mais desenvolvidos se fabricaram e ainda se fabricam gigantescos armamentos. Gastam-se nisso somas enormes de recursos materiais e energias espirituais. Impõem-se sacrifícios nada leves aos cidadãos dos respetivos países, enquanto outras nações carecem da ajuda indispensável ao próprio desenvolvimento económico e social”<sup>56</sup>.

Ao afirmar a necessidade de promover a paz e desincentivar a corrida ao armamento, João XXIII recorda passagens das alocuções radiofónica do seu antecessor, Pio XII, quando este afirma que “nada se perde com a paz, mas tudo pode ser perdido com a guerra”<sup>57</sup>.

Na encíclica *Populorum Progressio* (1967) de Paulo VI, a paz anda necessariamente de mãos dadas com o desenvolvimento dos povos. Diante do fosso entre sociedades que vivem na opulência e os que tentam sobreviver, Paulo VI não hesita em fazer uma veemente chamada de atenção apelando ao empenho de todos no desenvolvimento dos povos. Este, segundo o papa, não podia consistir apenas no crescimento das economias mas teria que ter em conta o desenvolvimento da pessoa humana em todas as suas necessidades básicas. Assim, só haverá verdadeiro progresso quando este se coloca ao serviço da humanidade onde esse humano se encontre. Não terá sido por acaso que ficou célebre a afirmação de Paulo VI “o desenvolvimento é o novo nome da Paz”<sup>58</sup>. Isto fica claro quando no número 76 da encíclica Paulo VI chama a atenção para as consequências inerentes às desigualdades excessivas entre povos e as tensões que estas potenciam.

“As excessivas disparidades económicas, sociais e culturais provocam, entre os povos, tensões e discórdias, e põem em perigo a paz. (...) Combater a miséria e lutar contra a injustiça, é promover não só o bem-estar mas também o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade. A paz não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem

<sup>56</sup> *Ibidem*, nº 109, 40.

<sup>57</sup> *Ibidem*, nº 116, 42.

<sup>58</sup> PAULO VI (1967), *Populorum Progressio*, nº 87, AAS LIX, 299.

querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens”<sup>59</sup>.

Este apelo de luta pela justiça como condição fundamental para uma cultura de paz tem ecos numa mensagem para o dia mundial da paz bem conhecida de Paulo VI, “Se queres a paz, trabalha pela justiça”<sup>60</sup>.

O papa João Paulo II, na sua encíclica *Sollicitudo rei Socialis* (1987), retoma esta ideia de que a paz é uma necessidade inerente a todos os povos e é fruto do empenho de todos na construção do bem comum. Na encíclica é clara, por um lado, a constatação de uma interdependência radical entre todos os povos e, por outro lado, a urgência de trabalhar em conjunto para a erradicação de todas as situações de desrespeito pela vida humana.

“Simultaneamente, no mundo dividido e perturbado por todas as espécies de conflitos, vai aumentando a *convicção* de uma *interdependência* radical e, por conseguinte, da necessidade de uma solidariedade que a assuma e traduza no plano moral. Hoje, mais talvez do que no passado, os homens dão-se conta de que estão ligados por um *destino comum*, que há-de ser construído juntamente, se se quiser evitar a catástrofe para todos. Das profundezas da angústia, do medo e dos fenómenos de evasão como a droga, típicos *do mundo contemporâneo*, emerge progressivamente a ideia de que o bem, ao qual todos somos chamados, e a felicidade, a que aspiramos, não se podem obter sem o *esforço e a aplicação de todos*, sem exceção, o que implica a renúncia ao próprio egoísmo. Aqui insere-se também, como sinal do *respeito pela vida* — apesar de todas as tentações de a destruir, desde o aborto até à eutanásia — a *preocupação concomitante* pela paz; e, de novo, a tomada de consciência de que esta é *indivisível*: ou é algo *de todos* ou não é de *ninguém*. Uma paz que exige, cada vez mais, o respeito rigoroso da justiça e, por conseguinte, a distribuição equitativa dos frutos do verdadeiro desenvolvimento”<sup>61</sup>.

João Paulo II sublinha, das mais variadas formas, a urgência de uma comunidade internacional a trabalhar com a consciência de que a paz é fruto da solidariedade, de gestos concretos de justiça e de partilha. O papa lembra a que a solidariedade nos ajuda a ter uma perceção do “outro” (pessoa, povo, nação) não como instrumento qualquer que se explora a baixo preço, para o abandonar quando já

<sup>59</sup> *Ibidem*, nº 76, 294-295.

<sup>60</sup> PAULO VI, (1972), *Se queres a paz, trabalha pela justiça*. Mensagem para o dia mundial da paz. Rei dos Livros, Lisboa, 66.

<sup>61</sup> JOÃO PAULO II, (1987), *Sollicitudo Rei Socialis*, nº26, AAS LXXX [1988], 545-546.

não serve, mas sim como um nosso «semelhante», um «auxílio» (cf. *Gén* 2, 18. 20), que se há-de tornar participante, como nós, no banquete da vida, para o qual todos os homens são igualmente convidados por Deus<sup>62</sup>.

“O lema do Pontificado do meu venerável predecessor Pio XII era *Opus iustitiae pax*: a paz é o fruto da justiça. Hoje poder-se-ia dizer, com a mesma justeza e com a mesma força de inspiração bíblica (cf. *Is* 32, 17; *Tg* 3, 18), *Opus solidaritatis pax*: a paz é o fruto da solidariedade. (...) A meta da paz, tão desejada por todos, será certamente alcançada com a realização da justiça social e internacional; mas contar-se-á também com a prática das virtudes que favorecem a convivência e nos ensinam a viver unidos, a fim de, *unidos*, construirmos dando e recebendo, uma sociedade nova e um mundo melhor”<sup>63</sup>.

A Carta Apostólica *Octogesima Adveniens* (1971), que comemora os 80 anos da *Rerum Novarum*, aborda, sobretudo, o compromisso sociopolítico dos cristãos. Analisa as várias ideologias mas alerta, logo no início, para o maior dos desejos da humanidade, “De todas as partes, porém, se sente o despertar de uma aspiração a mais justiça e se eleva o desejo de uma paz melhor assegurada, num clima de respeito mútuo entre os homens e entre os povos”<sup>64</sup>. E, uma vez mais, é chamada a atenção para a forma como são geridas e regidas as relações entre os povos. Para Paulo VI, tal como acontece com todos os seus antecessores, apenas a justiça poderá lançar os alicerces seguros de relações estáveis e pacíficas. O não recurso ao diálogo, o uso da força ou a persistência na injustiça levam a uma escalada de violência que afeta a todos e prejudica, de forma muito significativa, os mais desprotegidos, os mais pobres.

“As relações de força jamais estabeleceram de fato a justiça de maneira duradoura e verdadeira, se bem que, muitas vezes, o alternar-se das posições permite encontrar condições mais fáceis de diálogo. O uso da força, de resto, suscita da outra parte o pôr em prática forças adversas, donde um clima de lutas que dá azo a situações extremas de violência e a abusos”<sup>65</sup>.

Por ocasião do 90º aniversário da *Rerum Novarum*, João Paulo II escreve a encíclica *Laborem Exercens* (1981), e volta a convidar a olhar para a sociedade e a

<sup>62</sup>Cf. *Ibidem*, nº 39, 567.

<sup>63</sup> *Ibidem*, 568.

<sup>64</sup> PAULO VI (1971), *Octogesima Adveniens*, nº2. AAS LXIII, 402.

<sup>65</sup> *Ibidem*, nº43. 431-432

refleti-la a partir dos critérios evangélicos que estão na base das tomadas de posição por parte do Magistério. Na encíclica desenvolve o conceito de dignidade do homem na sua relação com o trabalho, os direitos humanos como fatores determinantes de todo o envolvimento socioeconómico, tecnológico e processo produtivo e ainda alguns princípios que podem ajudar a pessoa a identificar-se com Cristo através do seu trabalho. Chega mesmo a falar da “promoção de uma espiritualidade do trabalho”<sup>66</sup>.

“Assim, é necessário prosseguir a interrogar-se sobre o sujeito do trabalho e sobre as condições da sua existência. Para se realizar a justiça social nas diversas partes do mundo, nos vários países e nas relações entre eles, é preciso que haja sempre *novos movimentos de solidariedade dos homens do trabalho e de solidariedade com os homens do trabalho*. Uma tal solidariedade deverá fazer sentir a sua presença onde a exijam a degradação social do homem-sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhadores e as zonas crescentes de miséria e mesmo de fome. A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa, porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a «Igreja dos pobres»<sup>67</sup>.

Na encíclica *Centesimus Annus* (1991), ao querer lembrar a importância da encíclica de Leão XIII, o papa relembra o que é o centro da *Rerum Novarum* e que, com contornos e contexto histórico bem diferente, deve continuar a ser uma ambição da humanidade – a paz entre os povos exige um sentido de justiça cada vez mais aperfeiçoado e efetivo<sup>68</sup>.

“Para resolver os conflitos que surgem entre as diversas comunidades políticas e que comprometem a estabilidade das nações e a segurança internacional, é indispensável referir-se a regras comuns confiadas à negociação, renunciando definitivamente à ideia de buscar a justiça mediante o recurso à guerra”<sup>69</sup>.

Também o papa Bento XVI sentiu necessidade de dedicar uma reflexão sobre todas as questões relacionadas com a verdade das relações entre a comunidade humana, nomeadamente, nas suas relações laborais. Antes, porém, de abordar as questões mais práticas relacionadas com os problemas humanos faz uma espécie de

<sup>66</sup> JOÃO PAULO II (1981), *Laborem Exercens*, nº24. AAS LXXIII, 638.

<sup>67</sup> *Ibidem*, nº8. 597-598

<sup>68</sup> Cf. JOÃO PAULO II (1991), *Centesimus Annus*, nº 6. Rei dos Livros, Lisboa, 21.

<sup>69</sup> *Ibidem*, nº18, 43.

prefácio no qual pretende assentar toda a sua posterior reflexão – a necessidade da verdade para poder amar com totalidade.

“A verdade é luz que dá sentido e valor à caridade. Esta luz é simultaneamente a luz da razão e a da fé, através das quais a inteligência chega à verdade natural e sobrenatural da caridade: identifica o seu significado de doação, acolhimento e comunhão. Sem verdade, a caridade cai no sentimentalismo. O amor torna-se um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente. É o risco fatal do amor numa cultura sem verdade; acaba prisioneiro das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos”<sup>70</sup>.

Uma das primeiras mensagens, que vale a pena sublinhar e que está presente na encíclica *Caritas in Veritate* (2008) é, por exemplo, o convite à superação da dicotomia entre a esfera do económico e a esfera do social. Ou seja, a encíclica tenta levar a identificar a economia com o lugar da produção de riqueza e o social com o lugar da sua distribuição e da solidariedade. Na *Caritas in Veritate*, Bento XVI diz-nos que se podem fazer negócios tendo por fim o lucro não esquecendo a utilidade social dos mesmos. O que a encíclica oferece é uma tomada de posição a favor da conceção de mercado, segundo a qual se pode viver a experiência da solidariedade humana dentro de uma vida económica normal, e não fora ou ao lado dela, como sugere o modelo dicotómico da ordem social. Esta é uma conceção alternativa, ao mesmo tempo, tanto à que vê o mercado como lugar da exploração e da opressão do forte sobre o fraco, quanto à que, em consonância com o pensamento liberal, o vê como o lugar capaz de dar solução a todos os problemas da sociedade. Ao mesmo tempo a Doutrina Social da Igreja não toma parte junto de quem combate os mercados e vê na questão económica um conflito endémico e natural com a vida boa, invocando um decréscimo e uma retirada da dimensão do económico da vida comum. Pelo contrário, ela propõe um humanismo multidimensional, no qual o mercado não é combatido ou “controlado”, mas é visto como momento importante da esfera pública – esfera que é muito mais vasta que a estatal – que, se for concebida e vivida como um lugar aberto aos princípios da reciprocidade e do dom, pode e deve ajudar a construir a “cidade”.

“Querer o bem comum e trabalhar por ele é exigência de justiça e de caridade. Comprometer-se pelo bem comum é, por um lado, cuidar e, por

---

<sup>70</sup> BENTO XVI (2008), *Caritas in Veritate*. Paulinas Editora. Lisboa, nº3, 7.

outro, valer-se daquele conjunto de instituições que estruturam jurídica, civil, política e culturalmente a vida social, que deste modo toma a forma de *pólis*, cidade. Numa sociedade em vias de globalização, o bem comum e o empenho em seu favor não podem deixar de assumir as dimensões da família humana inteira, ou seja, da comunidade dos povos e das nações, para dar forma de unidade e paz à *cidade do homem* e torná-la em certa medida antecipação que prefigura a cidade de Deus sem barreiras”<sup>71</sup>.

“O *mercado*, se houver confiança recíproca e generalizada, é a instituição económica que permite o encontro entre as pessoas, na sua dimensão de operadores económicos que usam o contrato como regra das suas relações e que trocam bens e serviços entre si fungíveis, para satisfazer as suas carências e desejos”<sup>72</sup>.

“O grande desafio que temos diante de nós [...]é mostrar, a nível tanto de pensamento como de comportamentos, que não só não podem ser transmutados ou atenuados os princípios tradicionais da ética social, como a transparência, a honestidade e a responsabilidade, mas também que, nas *relações comerciais*, o *princípio de gratuidade* e a lógica do dom como expressão da fraternidade podem e devem *encontrar lugar dentro da atividade económica normal*”<sup>73</sup>.

Para Bento XVI todas as decisões económicas têm consequências de carácter moral<sup>74</sup>. Mas vai ainda mais longe e reclama uma reforma profunda tanto na Organização das Nações Unidas quer na arquitetura económica e financeira internacional<sup>75</sup> para que seja possível o nascer de um verdadeiro sentido de família das nações, defensora da justiça e promotora da paz.

“Isto revela-se necessário precisamente no âmbito de um ordenamento político, jurídico e económico que incremente e guie a colaboração internacional para o desenvolvimento solidário de todos os povos. Para o governo da economia mundial, para sanar as economias atingidas pela crise de modo a prevenir o agravamento da mesma e em consequência maiores desequilíbrios, para realizar um oportuno e integral desarmamento, a segurança alimentar e a paz, para garantir a salvaguarda do ambiente e para regulamentar os fluxos migratórios urge a presença de uma verdadeira *Autoridade política mundial*”<sup>76</sup>.

---

<sup>71</sup> *Ibidem*, nº7, 11.

<sup>72</sup> *Ibidem*, nº35, 54.

<sup>73</sup> *Ibidem*, nº 36, 56.

<sup>74</sup> Cf. *Ibidem*, nº37, 57.

<sup>75</sup> Cf. *Ibidem*, nº67, 107.

<sup>76</sup> *Ibidem*.

## 2.6 - As mensagens comemorativas do Dia Mundial da Paz

Diante de tantos sinais de violência e de desagregação social Paulo VI sente necessidade de convocar a comunidade internacional, e cada um dos seus intervenientes, para a responsabilidade pessoal que todos têm na construção da paz. Nesse sentido, em 1968, convoca todos os homens de boa vontade a celebrar e a trabalhar pela paz.

“Dirigimo-nos a todos os homens de boa vontade, para os exortar a celebrar o «Dia da Paz», em todo o mundo, no primeiro dia do ano civil, 1 de Janeiro de 1968. Desejaríamos que depois, cada ano, esta celebração se viesse a repetir, como augúrio e promessa, no início do calendário que mede e traça o caminho da vida humana no tempo que seja a Paz, com o seu justo e benéfico equilíbrio, a dominar o processar-se da história no futuro.”<sup>77</sup>

Tal como se percebe na proposta de Paulo VI, ao anunciar a celebração do primeiro dia de cada ano como o dia mundial da paz, pretende ultrapassar os muros da Igreja Católica para abraçar a humanidade no seu desejo profundo de paz e prosperidade. Esta iniciativa é posteriormente continuada pelos seus sucessores e, um pouco por todo o mundo, o primeiro dia de cada ano é, desde então, um dia dedicado a rezar e a firmar um compromisso de paz para o ano que se inicia.

### 2.6.1 – Paulo VI

Tal como foi dito, na esteira da intuição de Paulo VI a celebração do primeiro dia de Janeiro como dia mundial e oração pela paz tem feito o seu percurso e a sua história. Convocando todos os homens de boa vontade a abraçar esta causa, Paulo VI foi revelando, de forma simples mas convicta, a dimensão da paz como movimento congregador e impulsionador nos mais diferentes sectores da sociedade. “Como é bela e importante ao mesmo tempo, a consonância de todas as vozes do mundo, consonância na harmonia, feita da variedade da humanidade moderna, no exaltar este

---

<sup>77</sup> PAULO VI, (1968), *O Dia da Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In *COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Lisboa, 11.

bem primário que é a Paz”<sup>78</sup>. Para Paulo VI a paz deverá ter rosto concreto no respeito pelos direitos fundamentais da pessoa porque “Paz e Direito são reciprocamente causa e efeito entre si: a Paz favorece o Direito e, por sua vez, o Direito favorece a Paz”<sup>79</sup>.

Em 1970, na sua mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz, Paulo VI fala da importância de desejar a paz, de se deixar transformar pelos seus dinamismos de reconciliação e comunhão com os outros. A paz como um desejo, uma prática. “A Paz não é algo para ser saboreado; cria-se. A Paz não é um nível já alcançado; é sim um nível superior, ao qual todos e cada um de nós devemos aspirar”<sup>80</sup>. Empenho de paz que sublinha, de novo, na mensagem de 1973 quando afirma que a paz é possível mas exige uma pedagogia e uma lógica que contrariem a lógica do ódio.

“A paz é, antes de mais nada, uma condição de espírito. Ela penetrou, finalmente, como uma necessidade lógica e humana, nas consciências de muitas pessoas e, de modo especial, das novas gerações: deve ser possível, dizem, viver-se sem odiar e sem matar. Impõe-se, pois, uma pedagogia nova e universal - a pedagogia da paz”<sup>81</sup>.

A paz é fruto da justiça (cf. Is 32,17)<sup>82</sup>, entendida, em sentido amplo, como respeito pelo equilíbrio de todas as dimensões da pessoa humana – “se queres a paz, trabalha pela justiça”. Neste sentido, a paz periga quando ao homem não é reconhecido aquilo que lhe é devido enquanto homem, quando não é respeitada a sua dignidade e quando a convivência não é orientada para o bem comum. Para a construção de uma sociedade pacífica e para o desenvolvimento integral dos

---

<sup>78</sup> *Ibidem*.

<sup>79</sup> PAULO VI, (1969), *A promoção dos Direitos do Homem, caminho para a paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 27.

<sup>80</sup> PAULO VI (1970), *Educar para a paz através da reconciliação*. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 37.

<sup>81</sup> PAULO VI (1973), *A Paz é possível*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 77.

<sup>82</sup> Cf. PAULO VI (1972), *Se queres a Paz, trabalha pela justiça*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 64.

indivíduos, povos e nações, resultam essenciais a defesa e a promoção dos direitos humanos<sup>83</sup>.

Um outro princípio no qual Paulo VI assenta a sua mensagem de paz ao mundo prende-se diretamente com a necessidade de saber perdoar, de estar aberto à reconciliação, ao dom do recomeçar, ao olhar límpido depois do perdão. É necessário, segundo Paulo VI, uma paz que brote de um coração reconciliado, renovado e não tanto de uma paz imposta.

“Não basta conter a guerra, suspender as lutas, impor tréguas e armistícios, delimitar fronteiras e definir relações e criar fontes de interesses comuns; não basta paralisar as hipóteses de contendidas radicais mediante o terror de inauditas destruições e sofrimentos; não basta, enfim, uma Paz imposta, uma Paz utilitária e provisória. É necessário tender para uma Paz amada, livre e fraterna, isto é, fundada sobre a reconciliação dos espíritos”<sup>84</sup>.

Neste pequeno périplo pelas ideias fundamentais comunicadas pelas mensagens comemorativas do dia mundial da paz por Paulo VI uma ideia parece conduzir todo o seu pontificado – só é possível defender a vida humana, de uma forma integral, quando se deseja e trabalha, lado a lado com todos os Homens de boa vontade, pela paz. Paulo VI empenhou-se em convocar toda a comunidade internacional, e cada homem e mulher individualmente, a trabalhar, com gestos concretos, para a possibilidade de viver em paz.

Nas mensagens comemorativas do dia mundial da paz escritas a partir de Paulo VI, a paz é um valor e um dever universal e encontra o seu fundamento na ordem racional e moral da sociedade que tem as suas raízes no próprio Deus, fonte primeira do ser, verdade essencial e bem supremo. A paz não é simplesmente ausência de guerra nem tão-pouco um equilíbrio estável entre forças adversárias, mas funda-se

---

<sup>83</sup> Cf. PAULO VI (1969), *A promoção dos direitos do Homem, caminho para a paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros, Lisboa, 13.

<sup>84</sup> PAULO VI (1975), *A Reconciliação, caminho para a Paz*. Mensagem para o Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 106-107.

sobre uma correta conceção da pessoa humana e exige a edificação de uma ordem segundo a justiça e a caridade<sup>85</sup>.

### 2.6.2 – João Paulo II

O trabalho árduo pela paz foi, ao longo do pontificado de João Paulo II uma preocupação constante. O seu itinerário pessoal de vida e a sua sensibilidade e leitura dos sinais de Deus no seu tempo foram duas ferramentas importantes para que fosse incansável na persecução da paz mundial. Por isso, começa por afirmar, “alcançar a paz: é a súplica e o coroamento de todas as nossas aspirações”<sup>86</sup>. E, logo na sua primeira mensagem para o Dia Mundial da Paz (1979), João Paulo II reconhece que é preciso educar para a paz anunciando a verdade<sup>87</sup> e respeitando a liberdade<sup>88</sup> em que se reconhece o Homem criado à imagem e dignidade do Criador. Neste caminho, o diálogo<sup>89</sup> tem lugar determinante.

“Se é exato afirmar e ninguém duvida disso que a verdade serve a causa da paz, também é indiscutível que a «não-verdade» anda a «pari passu» com a causa da violência e da guerra. A violência está embebida na mentira e tem necessidade da mentira(...)”<sup>90</sup>.

“Ao procurar pôr em prática o nosso serviço da paz, é-nos sobremaneira necessário, portanto, compreender bem qual é a liberdade verdadeira, que é ao mesmo tempo raiz e fruto da paz. A liberdade da pessoa, de facto, tem o seu fundamento na sua dignidade transcendente: uma dignidade que lhe foi doada por Deus, seu Criador, e que a orienta para o mesmo Deus. O homem, porque

---

<sup>85</sup> Cf. PAULO VI (1969), *A promoção dos direitos do Homem, caminho para a Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 28; Cf. JOÃO PAULO II, (2004), *Um compromisso sempre actual: educar para a paz* Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. nº4, AAS XCVI, 116.

<sup>86</sup> JOÃO PAULO II, (1979), *Para alcançar a Paz, educar para a Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros, Lisboa, 167.

<sup>87</sup> Cf. JOÃO PAULO II, (1980), *A verdade, força da Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 192.

<sup>88</sup> Cf. JOÃO PAULO II, (1981), *Para servir a paz, respeita a liberdade*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 206.

<sup>89</sup> Cf. JOÃO PAULO II (1983), *O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 247.

<sup>90</sup> JOÃO PAULO II (1980), *A verdade, força da Paz*, nº1. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 189-190.

criado à imagem de Deus ( cf . *Gén.* 1, 27 ), é inseparável da liberdade, daquela liberdade que nenhuma força ou constrangimento exterior jamais poderá tirar-lhe e que constitui seu direito fundamental, quer como indivíduo, quer como membro da sociedade. O homem é livre porque possui a faculdade de se determinar em função da verdade e do bem. (...) Ser livre é poder e querer escolher, é viver segundo a própria consciência”<sup>91</sup>.

Para João Paulo II, o desenvolvimento, a solidariedade<sup>92</sup>, a par da justiça<sup>93</sup> são condições fundamentais na construção da paz. Solidariedade que leva ao reconhecimento do irmão em cada um das pessoas e que nos ajuda a ganhar consciência de que *todos nós constituímos uma só família humana*<sup>94</sup>. A justiça anda, então, em relação permanente e dinâmica com a paz. “Justiça e paz têm em vista o bem de cada um e de todos, pelo que exigem ordem e verdade. Quando uma é ameaçada, vacilam as duas; quando se ofende a justiça, põe-se em perigo também a paz”<sup>95</sup>.

Nas suas mensagens vamos encontrar um lugar especial dado à família<sup>96</sup>, à mulher <sup>97</sup>e às crianças<sup>98</sup>. A família enquanto educadora para a paz deve tomar consciência do seu papel de transmissor de valores religiosos e culturais que há-de inscrever no coração dos mais novos o amor pela paz. “Baseada no amor e aberta ao dom da vida, a família leva em si o futuro mesmo da sociedade; tarefa sua muito particular, é a de contribuir eficazmente para um futuro de paz”<sup>99</sup>. Da mesma forma, a missão da mulher no seio da família e da sociedade é realçado como mulher

<sup>91</sup> JOÃO PAULO II (1981), *Para servir a paz, respeita a liberdade*. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 211.

<sup>92</sup> Cf. JOÃO PAULO II (1987), *Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 324.

<sup>93</sup> Cf. JOÃO PAULO II (1998), *Da justiça de cada um nasce a paz de todos*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz; AAS 90 XC, 150. JOÃO PAULO II, (2002), *Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS XCIV, 134-140.

<sup>94</sup> Cf. JOÃO PAULO II (1987), *Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz*, nº1. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa, 323-324.

<sup>95</sup> *Ibidem*.

<sup>96</sup> Cf. JOÃO PAULO II (1994), *Da família nasce a paz da família humana*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS LXXXVI, 159-160.

<sup>97</sup> Cf. JOÃO PAULO II (1995), *Mulher, educadora de paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS LXXXVII, 801-807.

<sup>98</sup> Cf. JOÃO PAULO II (1996), *Dêmos às crianças um futuro de paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS LXXXVIII, 104-110.

<sup>99</sup> JOÃO PAULO II (1994), *Da família nasce a paz da família humana*, nº2. AAS LXXXVI, 159-160

“educadora de paz, assenta na consideração de que Deus lhe confia de uma maneira especial o homem, o ser humano”<sup>100</sup>. Por outro lado, olhando para as crianças, João Paulo II reconhece que as crianças são as maiores vítimas das guerras mas são, igualmente, a grande esperança de paz no mundo.

Milhões de crianças sofrem por causa de outras formas de violência, presentes tanto nas sociedades a braços com a miséria como nas sociedades desenvolvidas. Muitas vezes, são violências menos vistosas, mas nem por isso menos terríveis. (...) As próprias crianças, convenientemente ajudadas e amadas, sabem fazer-se protagonistas de paz, construtoras de um mundo fraterno e solidário. Com o seu entusiasmo e com a pujança da sua dedicação, elas podem tornar-se «testemunhas» e «mestres» de esperança e de paz em benefício dos próprios adultos”<sup>101</sup>.

O papa realça nesta mensagem de 1996 a importância e papel fundamental que tem a educação, entre as crianças e jovens, tanto por parte das famílias como por parte da escola.

“Os meninos aprendem muito cedo a conhecer a vida. Observam e imitam o modo de agir dos adultos. Aprendem rapidamente o amor e o respeito pelos outros, mas assimilam, com a mesma prontidão, o veneno da violência e do ódio. A experiência tida em família influenciará intensamente os comportamentos que assumirão quando adultos. Portanto, se a família é o primeiro lugar onde se abrem ao mundo, ela deve ser para eles a primeira escola de paz. (...) Mas, além da educação familiar sem dúvida fundamental, as crianças têm direito de receber uma formação específica para a paz, na escola e demais estruturas educativas, que têm a missão de levá-las, gradualmente, a compreender a natureza e as exigências da paz, no âmbito do seu mundo e da sua cultura. É necessário que elas aprendam a história da paz, e não só a das guerras vencidas ou perdidas”<sup>102</sup>.

Na linha do que acabamos de referir e para mostrar como para João Paulo II a educação para a paz é um tema muito importante, ao longo do seu pontificado, dedica-lhe mais duas mensagens. Em 1979 e 2004. Curiosamente no início e término do seu pontificado.

“Já na Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1 de Janeiro de 1979, eu lançara este apelo: «*Para alcançar a paz, educar para a paz* ». Hoje isto é ainda

<sup>100</sup> JOÃO PAULO II (1995), *Mulher, educadora de paz*, nº3. AAS LXXXVII, 805.

<sup>101</sup> JOÃO PAULO II (1996), *Dêmos às crianças um futuro de paz*, nº7. AAS LXXXVIII, 108.

<sup>102</sup> *Ibidem*, nº8 e 9. AAS LXXXVIII, 108-109.

mais urgente, porque os homens, à vista das tragédias que continuam a afligir a humanidade, sentem-se tentados a ceder ao fatalismo, como se a paz fosse um ideal inacessível. Ao contrário, a Igreja sempre ensinou, e ensina ainda hoje, um axioma muito simples: *a paz é possível*. Mais, a Igreja não se cansa de repetir: *a paz é um dever*. Esta há-de ser construída sobre as quatro colunas indicadas pelo Beato João XXIII na Encíclica *Pacem in Terris*, ou seja, sobre a verdade, a justiça, o amor e a liberdade. Portanto, a todos os amantes da paz impõe-se uma obrigação, que é *educar as novas gerações para estes ideais*, a fim de preparar uma era melhor para a humanidade inteira”<sup>103</sup>.

Finalmente, num tema que também foi querido a Paulo VI, João Paulo II recorda que a paz é um fruto direto do perdão. Reconhece que é um caminho árduo e chama-lhe mesmo uma peregrinação da paz uma vez que exige um “a fazer” constante e uma atenção sempre vigilante para que seja realidade e perdure no tempo. “O perdão oferecido e aceite é a premissa indispensável para caminhar rumo a uma paz autêntica e estável”<sup>104</sup>.

“É certo que o perdão não é algo de espontâneo e natural no homem. Perdoar do fundo do coração pode, às vezes, revelar-se até heroico. (...) Só o calor de relações humanas impregnadas de respeito, compreensão, acolhimento pode ajudá-los a superar tais sentimentos. A experiência libertadora do perdão, embora cheia de dificuldades, pode também ser vivida por um coração dilacerado, graças ao poder regenerador do amor, que tem a sua nascente primeira em Deus-Amor. (...)O perdão, na sua forma mais autêntica e elevada, é um ato de amor gratuito. Mas, precisamente enquanto ato de amor, ele tem também as suas exigências intrínsecas: a primeira delas é *o respeito da verdade*. (...) *O perdão, longe de excluir a busca da verdade, exige-a*”<sup>105</sup>.

Resumindo o itinerário feito por João Paulo II podemos dizer que a paz constrói-se dia a dia na busca da ordem querida por Deus e pode florescer somente quando todos reconhecem as próprias responsabilidades na sua promoção. Para prevenir conflitos e violências, é absolutamente necessário que a paz comece a ser vivida como valor profundo no íntimo de cada pessoa: só assim pode estender-se às famílias e às diversas formas de agregação social, até envolver toda a comunidade

<sup>103</sup> JOÃO PAULO II, (2004), *Um compromisso sempre atual: educar para a paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz, nº4. AAS XCVI, 115-116.

<sup>104</sup> JOÃO PAULO II, (1997), *Oferece o perdão, recebe a Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz, nº 1, AAS LXXXIX, 191.

<sup>105</sup> *Ibidem*, nº 4 e 5, 195.

política. Só num clima de concórdia e de respeito pela justiça pode amadurecer uma autêntica cultura de paz capaz de se difundir na comunidade internacional. Tal ideia de paz não pode conseguir-se na terra se não se salvaguardar o bem dos indivíduos, e os homens não comunicarem entre si com confiança e por sua própria vontade as riquezas do seu espírito e das suas faculdades criadoras.

### 2.6.3 – Bento XVI

Bento XVI dá seguimento a este compromisso de ser anunciador e promotor de paz no meio da comunidade humana. Para o Sumo Pontífice a verdade será, necessariamente, o melhor caminho para a construção da paz. “O tema de reflexão deste ano — « *Na verdade, a paz* » — exprime esta convicção: sempre que o homem se deixa iluminar pelo esplendor da verdade, empreende quase naturalmente o caminho da paz”<sup>106</sup>. Tentando sintetizar os princípios fundamentais garantes da paz, já anteriormente referidos tanto pelo Concílio Vaticano II, como pelos seus antecessores, Bento XVI escreve desta forma na sua primeira mensagem para a celebração do dia mundial da paz:

“A Igreja, por sua vez, fiel à missão recebida do seu Fundador, não se cansa de proclamar por todo o lado o « Evangelho da paz ». Animada como está pela firme persuasão de prestar um indispensável serviço a quantos se dedicam a promover a paz, ela lembra a todos que a paz, para ser autêntica e duradoura, deve ser construída sobre a rocha da verdade de Deus e da verdade do homem. Só esta verdade pode sensibilizar os ânimos para a justiça, abri-los ao amor e à solidariedade, encorajar a todos a trabalharem por uma humanidade livre e solidária. Sim, apenas sobre a verdade de Deus e do homem assentam os alicerces de uma paz autêntica”<sup>107</sup>.

O sentido da justiça e o combate à pobreza efetiva merecem também a atenção de Bento XVI. Num mundo global, em que é impossível pensar o “eu” sem se referir ao “nós”, apesar deste “nós” estar mais presente que nunca, o papa, tal como já o havia feito de forma veemente João Paulo II, volta a chamar a atenção da

<sup>106</sup> BENTO XVI (2006), *Na verdade, a Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz, nº3. AAS XCVIII, 57.

<sup>107</sup> *Ibidem*, nº15, 63.

comunidade internacional para a necessidade de medidas concretas no combate à pobreza. Pobreza que, segundo este, é o resultado de um conjunto de medidas injustas que “exigem uma *correta lógica económica* por parte dos agentes do mercado internacional, uma *correta lógica política* por parte dos agentes institucionais e uma *correta lógica participativa* capaz de valorizar a sociedade civil local e internacional”<sup>108</sup>.

Para Bento XVI a paz é uma missão que se coloca diante de cada ser humano, dom de Deus e esforço de construção de cada um. “A paz, porém, não é apenas dom a ser recebido, mas obra a ser construída. Para sermos verdadeiramente artífices de paz, devemos educar-nos para a compaixão, a solidariedade, a colaboração, a fraternidade, ser ativos dentro da comunidade (...) e para a importância de procurar adequadas modalidades de redistribuição da riqueza, de promoção do crescimento, de cooperação para o desenvolvimento e de resolução dos conflitos”<sup>109</sup>. A paz exige o reconhecimento de todas as dimensões do ser humano e supõe a formação de corações reconciliados e reconciliadores. A família é, para Bento XVI, a grande responsável por educar para a paz, por isso, devem ser denunciadas todas as formas de violência exercida sobre as famílias e, por outro lado, ser respeitadas todas as condições que possibilitem esta aprendizagem para a paz.

“Por isso, a família é a *primeira e insubstituível educadora para a paz*. (...)A própria comunidade social, para viver em paz, é chamada a inspirar-se nos valores por que se rege a comunidade familiar. (...)A família precisa dum ambiente à sua medida onde tecer as próprias relações. *No caso da família humana, esta casa é a terra*, o ambiente que Deus criador nos deu para que o habitássemos com criatividade e responsabilidade. Devemos cuidar do ambiente: este foi confiado ao homem, para que o guarde e cultive com liberdade responsável, tendo sempre como critério orientador o bem de todos”<sup>110</sup>.

No início deste ano, Bento XVI volta a chamar a atenção para a necessidade de educar os jovens para os valores fundamentais, alicerces de toda a sociedade, a justiça

---

<sup>108</sup> *Ibidem*, nº12, 62.

<sup>109</sup> BENTO XVI (2012), *Educar os jovens para a justiça e a paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz, nº5. L’Osservatore Romano (ed. Portuguesa), 24/IX/2011, 4.

<sup>110</sup> BENTO XVI (2008), *A família humana, comunidade de paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz, nº 3, 7. AAS C, 38,40.

e a paz “convencido de que eles podem, com o seu entusiasmo e idealismo, oferecer uma nova esperança ao mundo”<sup>111</sup>. A mensagem dirige-se a todos quantos têm como missão educar, independentemente do lugar onde se encontrem – pais, famílias, escolas, todas as entidades formadoras e responsáveis nos âmbitos religioso, social, político, económico, cultural e mediático. “Prestar atenção ao mundo juvenil, saber escutá-lo e valorizá-lo para a construção dum futuro de justiça e de paz não é só uma oportunidade mas um dever primário de toda a sociedade”<sup>112</sup>.

“A paz é fruto da justiça e efeito da caridade. É, antes de mais nada, dom de Deus. Nós, os cristãos, acreditamos que a nossa verdadeira paz é Cristo: n’Ele, na sua Cruz, Deus reconciliou consigo o mundo e destruiu as barreiras que nos separavam uns dos outros (cf. *Ef 2, 14-18*); n’Ele, há uma única família reconciliada no amor. (...) A paz para todos nasce da justiça de cada um, e ninguém pode subtrair-se a este compromisso essencial de promover a justiça segundo as respetivas competências e responsabilidades. De forma particular convido os jovens, que conservam viva a tensão pelos ideais, a procurarem com paciência e tenacidade a justiça e a paz e a cultivarem o gosto pelo que é justo e verdadeiro, mesmo quando isso lhes possa exigir sacrifícios e obrigue a caminhar contracorrente.”<sup>113</sup>.

No caminho percorrido desde Paulo VI até Bento XVI em prol da paz e da reconciliação entre os povos é possível perceber que este é um dos temas prediletos e que está no íntimo das preocupações de cada um deles. As mensagens comemorativas do dia mundial da paz são apenas um exemplo do grandioso esforço realizado por cada um dos pontífices no sentido de apelar para a responsabilidade comum de trabalhar pela paz. Todas as ocasiões são aproveitadas como momentos privilegiados para instruir, sensibilizar e mobilizar para a necessidade de perceber o sublime dom que Deus colocou nas mãos da humanidade e que somos desafiados a preservar.

É com esta convicção de que a paz é dom de Deus e deve ser ensinada, trabalhada, desejada que continuamos a percorrer este caminho de estudo. É, ao mesmo tempo um desafio e uma interpelação para todos os formadores/educadores que se encontram em situação de ajudar os mais jovens a despertar para estas

---

<sup>111</sup> BENTO XVI (2012), *Educar os jovens para a justiça e a paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz, nº1. L’Osservatore Romano (ed. Portuguesa), 24/IX/2011, 4.

<sup>112</sup> *Ibidem*.

<sup>113</sup> *Ibidem*, nº5, 5.

realidades. Diante desta consciência e mandato de paz que nos é pedida, até que ponto, nas aulas de Educação Moral Religiosa Católica fomentamos e educamos para a necessidade de gestos de paz; para a necessidade de aprender a perdoar; para a necessidade de trabalhar para que todos possam viver segundo a verdade e a justiça; para a consciência de sermos comunidade, ainda que todos diferentes, mas todos empenhados em colaborar, ajudando a construir a verdade do Reino de fraternidade que Ele veio inaugurar. Vamos continuar este percurso tentando colocar em prática esta preocupação - ajudar a formar jovens sensíveis e disponíveis para se envolver na defesa da paz nas suas diversas dimensões e situações.

### III – A paz, uma proposta válida de sentido no âmbito da escola e da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica

Depois deste pequeno itinerário como encarar o estudo sobre e paz no seio da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica e, de que forma, este mandato de Jesus Cristo e dimensão fundamental da missão da Igreja pode e deve chegar a outros alunos, à comunidade educativa envolvente. Percebemos que, tanto na Escritura como nos diferentes documentos do magistério da Igreja, a promoção da paz emerge como uma das suas mais veementes preocupações. Se assim é, e se todos são chamados a sentir-se corresponsáveis para que a paz seja uma realidade, este desafio é tanto mais urgente quanto se está a trabalhar com jovens na sua fase de formação inicial. Enquanto educador, o docente de E.M.R.C. terá que perceber que é um apóstolo que coloca tudo o que é e que sabe ao serviço dos seus educandos. Este desafio é bastante claro na mensagem para o Dia Mundial da Paz de Bento XVI no início deste ano.

“Quero dirigir-me também aos responsáveis das instituições com tarefas educativas: Velem, com grande sentido de responsabilidade, por que seja respeitada e valorizada em todas as circunstâncias a dignidade de cada pessoa. Tenham a peito que cada jovem possa descobrir a sua própria vocação, acompanhando-o para fazer frutificar os dons que o Senhor lhe concedeu. Assegurem às famílias que os seus filhos não terão um caminho formativo em contraste com a sua consciência e os seus princípios religiosos”<sup>114</sup>.

#### 1 – Educar para a paz

Não será novo se disser que vivemos inseridos num contexto social nebuloso, por vezes complexo, com sinais e contrassinais nem sempre fáceis de desenlear e com uma grande variedade de interpretações e de consequências. No entanto e apesar dos contextos e dos sinais sociológicos poderem ter contornos diversificados, a dimensão evangélica, antropológica e ética de trabalhar pela paz permanece<sup>115</sup>. Ou seja,

---

<sup>114</sup> BENTO XVI (2012), *Educar os jovens para a justiça e a paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz, nº2. L’Osservatore Romano (ed. Portuguesa), 24/IX/2011, 4.

<sup>115</sup> Cf. MARTINO, Renato Raffaele (2006), *Paz e Guerra*. Estoril, Principia, 83.

continua a ser verdade a necessidade de olhar para a coragem dos profetas e anunciar com desassombro a paz, num novo contexto global.

À luz dos princípios éticos cristãos, a educação para a paz exige uma dimensão que contemple três aspetos fundamentais da pessoa – uma dimensão pessoal, tentando ajudar o educando na descoberta de valores fundamentais através dos quais deve orientar a sua conduta pessoal, a desenvolver as suas capacidades e talentos; uma dimensão social, ajudando o aluno a olhar a sociedade em que se insere e a desenvolver atitudes que tenham por base o sentido da justiça, da solidariedade e do desenvolvimento de uma postura tolerante diante do novo e do diferente; e uma dimensão religiosa proporcionando ao aluno a possibilidade de se abrir e dialogar com o transcendente<sup>116</sup>. Princípios que estão igualmente consagrados na Declaração dos Direitos do Homem (1948) nomeadamente quando se afirma, no preâmbulo da declaração, o reconhecimento inalienável da igual dignidade de todas as pessoas e a justa aspiração à liberdade, justiça e paz.

Assim, e na linha das mensagens escritas para a comemoração do dia mundial da paz, educar para a paz supõe o reconhecimento e promoção da dignidade da pessoa humana. Dignidade que nos vem do facto de nos reconhecermos criados à semelhança do próprio Deus. Dignidade que nos desafia ao compromisso com a construção de uma comunidade humana (imagem da comunidade divina) que trabalha pelo desenvolvimento das pessoas e dos povos partindo de atitudes de respeito por todos os povos e as suas diferenças, alicerçadas numa lógica de justiça e solidariedade. Esta lógica de justiça e solidariedade só será realidade se partir da verdade que deve habitar o coração de todos os homens de boa vontade só fará sentido se galvanizada pelo dinamismo do perdão capaz de renovar as limitações inerentes à própria natureza humana.

Educar para a paz significa educar não para algum tipo de pacifismo mas para a verdade, para relações justas e equilibradas, para o respeito pelos direitos dos outros e cumprimento dos seus deveres; para o diálogo inter-religioso; a defesa e promoção da vida humana; a civilização do amor. Educar para a paz significa apelar ao desarmamento e, em vez disso, desafiar os jovens a assumirem gestos e atitudes

---

<sup>116</sup> Cf. FREITAS, Domingos de (2005), *Atualidade da pedagogia inaciana*. In *Brotéria*, Dezembro, 482.

responsáveis promotoras de vida que possam ir de encontro à vocação de felicidade e de realização comunitária e pessoal.

## **2 – A escola, instrumento de mediação para a promoção de uma cultura de paz e o contributo da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica**

Tal como acontece com grande parte das dimensões da vida, só é possível ensinar se se aprender. Então, todo o educador para a paz é, antes de mais, um aprendiz, alguém que aprende através do exercício, de gestos concretos de paz e grande sentido de justiça e verdade na sua vida. Não é possível conceber dimensão tão importante da comunidade humana sem perceber que não haverá paz sem educação para a paz, ou seja, que a paz também se educa.

A educação para a paz, numa perspetiva cristã, é uma urgência porque é um mandato do próprio Jesus. Os educadores, nos seus mais diferentes serviços, e os docentes de E.M.R.C de forma específica, têm que assumir a responsabilidade desta missão - ajudar os mais novos a desenvolver competências que façam deles agentes e promotores de paz. Apresentar a pessoa na sua dignidade como valor universal, inalienável e inviolável, fundamento supremo e orientador da compreensão do ser humano na relação consigo mesmo, os outros seres humanos, e com a própria natureza. Alertar para as diferenças - culturais, de carácter, religiosas, entre outras. Ajudar a palmilhar o difícil, mas dignificante caminho do diálogo. Despertar para a necessidade de uma escuta ativa. Ajudar a percorrer os caminhos da interioridade que permitam ver para além do que é visível. Munir os alunos das ferramentas que os levem a imaginar caminhos novos, possibilidades novas de convivência não se deixando, por isso, conformar com a vivência do presente como um reflexo, mais ou menos ténue e saudosista, do passado. Olhar para as circunstâncias, sejam de crise ou de prosperidade, como momentos de oportunidade em que cada um deles pode fazer a diferença. Ter uma visão positiva, mas realista, de si, dos outros e do mundo.

No entanto, se a escola é um tempo privilegiado de aprendizagem de ferramentas, é igualmente o ambiente propício para colocar essas mesmas

ferramentas teóricas em prática. Ou seja, talvez seja o tempo de apresentar princípios básicos de convivência e, paralelamente, permitir que estes sejam testados, na prática, pelos próprios alunos. Não parece relevante, no processo ensino-aprendizagem, debitar conceitos e princípios se estes não forem, de alguma forma, experimentados pelos próprios intervenientes. Na educação para a paz, tal como na educação para a física ou a química, é importante que os alunos façam as suas experiências, tirem as suas conclusões, façam o itinerário que os possa levar a perceber que é possível e que é necessário. Ou seja, educar para a paz é uma aventura que vai além da simples transmissão de conhecimentos. Significa empreender um caminho, mais ou menos sinuoso pelo mundo exterior e interior. É neste mesmo sentido que vai um relatório elaborado por uma equipa chefiada por Jacques Delors quando afirma que há quatro pilares fundamentais no processo de educar: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comunidade, aprender a ser.<sup>117</sup>

Um dos processos mais importantes que a escola deve proporcionar aos seus educandos é a perceção do limite, dos obstáculos, das dificuldades. Há dificuldades sérias no momento de lidar com a promoção de uma cultura de paz. As estratégias facilitam o processo, o conhecimento profundo das situações pode ajudar ao desbloquear das questões em jogo, a experiência é uma mais-valia no momento de gerir situações de conflito, no entanto, neste processo, mais ou menos entrelaçado, há obstáculos sérios e que podem, por vezes, deitar por terra todos os esforços empreendidos. Um destes obstáculos foi profundamente refletido por Bento XVI na sua primeira mensagem comemorativa do Dia Mundial da Paz em 2006 – a verdade.

“E, então, quem e que coisa pode impedir a realização da paz? A este respeito, a Sagrada Escritura põe em evidência, no seu primeiro livro — o *Génesis* —, a mentira [...] A busca autêntica da paz deve partir da consciência de que o problema da verdade e da mentira diz respeito a cada homem e mulher e aparece como decisivo para um futuro pacífico do nosso planeta”<sup>118</sup>.

Todo este processo, tal como é específico da educação no seu conjunto, tem de ser entendido como um itinerário dinâmico. Não pode ser obra de apenas um ou outro

<sup>117</sup> Cf. DELORS, Jaques (2001), *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 7ªed. Porto, Edições Asa, 88.

<sup>118</sup> BENTO XVI (2006), *Na Verdade, a Paz*, nº5. AAS XCVIII,58.

agente educativo mas deverá ser, antes de mais, uma aposta do projeto de escola, em que cada um dos intervenientes se responsabiliza por si e pelo todo. Como refere Moltmann, a paz na história não é uma situação adquirida, mas é um processo, não é objeto de posse pessoal, mas um caminho em comum<sup>119</sup>. Pensar que, educar para a paz, é uma questão de uma determinada geração e que pode iniciar-se e concluir-se no tempo, é não perceber que esta tem de ser feita ao longo de toda a vida, por todas as pessoas, mas o passo determinante para iniciar este caminho pode, e deve ser, a escola naquilo que habitualmente chamamos a comunidade educativa.

## 2.1 – O docente de E.M.R.C

Neste processo educativo a intervenção dos docentes é fundamental. Da consciência que este tem da necessidade de iniciar ou fortalecer este processo de educação para a paz pode depender a construção de uma identidade pessoal que adote uma atitude de gestão pacífica dos conflitos e que ajude a desenvolver em outro o que reconhece ser importante na sua própria conduta. Ao dizer isto, realçamos a importância da missão e todos os docentes de Educação Moral Religiosa Católica. Partindo dos valores cristãos promotores de paz tantas vezes explicitados nas diferentes intervenções do Magistério da Igreja e da própria Sagrada Escritura – justiça, liberdade, verdade, perdão, amor tendo no centro a dignidade da pessoa que lhe vem de se reconhecer à imagem e semelhança de Deus – o docente de E.M.R.C. deverá ter consciência da sua missão de discípulo e de profeta. Isto exige que o próprio docente tenha feito um itinerário que o ajude a estar desperto para a importância de educar para a paz e perceba que na sua conduta pessoal, já está a ensinar aos seus alunos, a forma como estes deverão conduzir a sua forma de estar e atuar, independentemente dos meios sociais em que se encontrem. O mesmo pode ser dito na forma como este gere a sua conduta no contacto com todos os agentes que integram a grande comunidade educativa.

O docente da disciplina de E.M.R.C deve ter consciência de que, na sua conduta de todos os dias, pelo que diz e faz, deve estar a contribuir para a formação dos seus

---

<sup>119</sup>Cf. MOLTSMANN (1992), *La justicia crea futuro*. Santander, Editorial Sal Terrae, p.63.

educandos. Se quer educar para o respeito pela diferença deve saber olhá-la como uma oportunidade. Se quer apontar a mensagem bíblica como modelo primeiro e inspirador de todos os promotores da paz, deve conhece-la e tentar vive-la. Se quer que passe de um conjunto de conhecimentos para a vida prática de cada diz, deve leva-la para o relacionamento entre colegas docentes, colaboradores, pais e para a gestão de conflitos de sala de aula. Se quer ver em cada situação de conflito uma oportunidade, deve levar a sério uma atitude de escuta ativa, criativa, com sentido de justiça. Se quer ajudar a perceber para além dos sinais exteriores em que se esgrimem os argumentos e moldam os contornos os conflitos, deve tentar sondar os corações e pautar a sua conduta pela verdade. Se quer ensinar sobre a importância do renovar, do recomeçar, do dar a mão, deve colocar em prática o princípio do perdão e reconciliação apoiados em gestos concretos de amor. Se quer ensinar o valor do respeito pelo diferente como caminho de paz, deve acolher e promover o conhecimento das formas de fazer e ser que a presença de alunos de outras origens proporciona. Ou seja, e quer ser um agente eficaz, promotor de paz, deve antes de mais, ele próprio, leva-la à prática nas pequenas e grande coisas da sua vida pessoal e profissional. Ensinar pelo que diz mas também pelo que é. Ensinar pelas convicções e pelas razões de ser e favorecer uma cultura de paz.

Creio que Leonardo Boff traduz, de forma simples mas clara o que se pretende dizer quando olhamos para o docente de EMRC e a necessidade deste se apresentar, apesar das suas características pessoais e das suas falhas, como um homem ou mulher de paz.

“Quem quiser ser instrumento da paz de Deus deve ele mesmo ser uma pessoa pacificada, imbuída de cuidado essencial e cheia do espírito de bem-aventuranças, que é o que traz a paz. Deve irradiar paz de dentro para fora a partir da sua identidade mais profunda”<sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup> BOFF, Leonardo, (1999), *A oração de São Francisco, Uma mensagem de paz para o mundo atual*. Sextante, 3ª ed. Rio de Janeiro, 60-61.

## 2.2 – Educar para a gestão de conflitos

Diz-nos Bento XVI que para ser obreiro da paz é importante ajudar a cultivar atitudes como a compaixão, a solidariedade, a colaboração, o sentido de fraternidade, estar atento à redistribuição da riqueza e promoção do crescimento, para a cooperação e resolução de conflitos<sup>121</sup>. Uma forma de ajudar a construir a paz é, precisamente, através da resolução de situações conflituosas. Este é, talvez, uma das dimensões que pode e deve ser trabalhada no âmbito da disciplina de EMRC na busca da paz. Não sendo a única dimensão na promoção da paz, mas olhando para a realidade dos nossos jovens e da nossa sociedade que, de forma muito viva se faz presente na escola, ajudar os jovens a enfrentar os conflitos e a desenvolver estratégias na sua resolução, poderia ser um contributo muito importante no seio das comunidades escolares onde nos encontramos.

Na resolução ou gestão de conflitos<sup>122</sup> há princípios que devem estar bem presentes na mente de quantos se decidem a enveredar por esta forma de estar na vida e de a ensinar. Em primeiro lugar é importante sublinhar que, diante de uma situação de conflito, pode haver variadas perceções de verdade. Tal como foi referido no ponto deste trabalho sobre o itinerário das atividades em sala de aula, diante do problema de dois irmãos que querem a mesma laranja é importante fazer a questão que ajude a perceber que ambos querem a laranja por inteiro, mas os dois têm finalidades diferentes a dar à mesma laranja. Isto significa que diante de um problema está a própria solução mas é necessário perceber (destrinçar) a perceção e “verdade” por parte de cada um dos interlocutores. Um dos irmãos quer comer a laranja o outro precisa da casca da laranja! Então, pode não haver uma única forma de gerir/resolver um conflito e, muito provavelmente, não há apenas uma forma de resolver mas duas ou até mais.

Um segundo aspeto a ter em conta pelos educadores é o facto de ajudar a perceber que um conflito não é, necessariamente, negativo. Antes pelo contrário, uma situação de conflito/crise bem gerida é sempre uma oportunidade. Isto supõe uma

---

<sup>121</sup> Cf. BENTO XVI, (2012), *Educar os jovens para a justiça e para a paz*, nº5.5.

<sup>122</sup> Há conflitos que podem ser tidos como impossíveis de resolver, no entanto, a sua correta gestão poderá ajudar à convivência entre as partes de forma pacífica.

visão positiva do conflito e o empenho para o viver a partir da possibilidade de aprender e crescer com as situações. É importante referir igualmente que é preferível um conflito a uma falsa perceção de paz ou mesmo a tentativa de ignorar situações de desconforto para uma ou ambas as partes. Na resolução/gestão de conflitos não é necessariamente verdade que um tem de ser prejudicado e o outro beneficiado. É possível procurar uma plataforma de entendimento que sirva ambas as partes envolvidas. No entanto isso pode significar cedências que não podem ser vistas como perda mas como caminho necessário para um fim substancialmente maior e mais promissor.

### **3 – Proposta de itinerário para a Unidade Letiva 4, a paz universal**

Diante do itinerário teórico realizado vou agora elaborar a proposta de lecionação. A planificação apresentada pretende ser uma proposta para o ano letivo 2012\_2013 para os alunos do sétimo ano de escolaridade. Tocando alguns dos aspetos referidos no manual já existente tem como objetivo principal levar o aluno ao contacto com situações reais, ajudando-o a perceber as dificuldades e vantagens que se encontram quando se coloca neste caminho de ser promotor de paz.

Num primeiro momento serão definidas as competências a considerar ao longo do estudo da Unidade 4 do sétimo ano de escolaridade, trilhando os passos habituais que vão desde a planificação de nível 1 (definição de competências) até ao nível 4 – planificação de aula. Na planificação de nível 3 serão já pensadas algumas atividades de carácter prático que serão posteriormente desenvolvidas no nível de planificação 4.

### 3.1 – Planificação nível I

#### Competências específicas de EMRC a privilegiar:

COMPETÊNCIAS	UNIDADE Letiva 4  A Paz Universal	UNIDADE Letiva 1  As origens	UNIDADE Letiva 2  As religiões abraâmicas	UNIDADE Letiva 3  Riqueza e sentido dos afetos
2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.	X	X	X	X
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.	X	X	X	X
7. Relacionar os dados das ciências com a interpretação cristã da realidade.		X		
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.	X	X	X	X
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.	X		X	X

As competências a desenvolver têm em conta as unidades a trabalhar e o processo de desenvolvimento em que se encontram os alunos do sétimo ano de escolaridade. Os alunos estão num processo de descoberta de si e do que os rodeia. Parece ser importante ajuda-los a perceber o mundo no qual estão e que são chamados a transformar positivamente e de forma ativa através de atitudes concretas de paz. Um mundo que pode e deve equacionar a possibilidade de sentido a partir de uma chave de leitura cristã. Será importante apresentar a dimensão da paz como um valor fundamental de qualquer ser humano e intrinsecamente cristão.

Daí, a importância de iniciar este itinerário abordando esta dimensão da paz. Esta poderá ajudar os alunos a perceber, mais claramente, a importância e vantagens da cooperação e do diálogo com todos ao longo do ano letivo e a necessidade de olhar para a diferença, inclusive a diferença de opinião, e perceber que tudo isso são oportunidade de crescimento e de valorização de si e do outro.

### 3.2 – Planificação nível II

#### Unidade Letiva 4, A paz universal

Ano letivo 2012\_13

Aulas previstas – 8

Aulas previstas: 8					
<b>Setembro</b>		<p>Dia: 10</p> <p>UL 4: A Paz Universal</p> <p>O sonho da Humanidade.</p> <p>Significado(s) de Justiça, Solidariedade, Cooperação, Verdade, Paz.</p>	<p>Dia: 17</p> <p>UL 4: A Paz Universal</p> <p>Diálogo - ouvir para compreender (exercícios práticos).</p>	<p>Dia 24</p> <p>UL 4: A Paz Universal</p> <p>A experiência bíblica – lei de Talião/Lei do Amor.</p> <p>Dia mundial da paz.</p>	
<b>Outubro</b>	<p>Dia: 01</p> <p>UL 4: A Paz Universal</p> <p>Encontrar a paz na resolução/gestão de conflitos.</p> <p>O conflito como oportunidade.</p> <p>Simulação de situações do quotidiano.</p>	<p>Dia: 08</p> <p>UL 4: A Paz Universal</p> <p>Práticas indutoras de gestos de paz – voluntariado, gestos de reconciliação, oração, diálogo, sentido da festa.</p>	<p>Dia: 15</p> <p>UL 4: A Paz Universal</p> <p>Organização de evento escolar – a tenda da paz.</p> <p>Definição e elaboração de tarefas.</p>	<p>Dia: 22</p> <p>UL 4: A Paz Universal</p> <p>A tenda da paz – workshops de reflexão; simulação de resolução de conflitos.</p>	<p>Dia: 29</p> <p>UL 4: A Paz Universal</p> <p>Avaliação pessoal e de turma da atividade.</p>

### 3.3 – Planificação nível III

## Unidade Letiva 4 – A Paz Universal

Aulas previstas – 8

#### Competências específicas:

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

Operacionalização das Competências	Conteúdos	Aula	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
- Questionar-se sobre a paz como valor mobilizador e promotor de relações de cooperação capaz de oferecer uma visão coerente do mundo. (comp.2,3)	- O sonho da Humanidade – alguns prémios Nobel da Paz e instituições internacionais. - Significado da atribuição do prémio. - Significados das palavras: justiça, solidariedade, cooperação, verdade, paz.	10 Setembro	Chuva de ideias. - A paz, sonho da humanidade. - A paz como ausência de guerra? A paz, equilíbrio de forças? A paz como atitude e fruto da verdade e da justiça. - Apresentação de homens e mulheres que trabalharam pela paz. - Como surge e qual o peso simbólico da atribuição anual do Prémio Nobel da Paz. - Diálogo com os alunos sobre o entendimento que têm das palavras apresentadas.	Preenchimento de uma pequena ficha de leitura.
- Aprender a ver no outro a possibilidade de aprender sobre nós próprios. O diálogo como instrumento de cooperação e fator de enriquecimento pessoal no respeito pela diferença. (com.12)	Diálogo - ouvir para compreender. O diálogo enquanto forma de ampliar a compreensão das situações e crescer na perceção de todos os envolvidos.	17 Setembro	- O emissor, o recetor e a mensagem. - Importância do diálogo enquanto comunicação de intenções e motivações. - Ruídos na comunicação. - Saber escutar para saber transmitir/comunicar. - Exercícios práticos.	Cada aluno terá uma folha em que deve registar o que ouve e o que percebe da comunicação.

Operacionalização das Competências	Conteúdos	Aula	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer os ensinamentos bíblicos enquanto inspiração e motivação de gestos de paz. (comp.3)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lei do Amor vs Lei de Talião (excertos bíblicos).</li> <li>- Mensagens comemorativas do Dia Mundial da Paz.</li> </ul>	<b>24 Setembro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura de Levítico 24,17-21/ Mateus 5,38-46</li> <li>- Leitura e ficha de leitura da Mensagem para o Dia Mundial da Paz de Bento XVI 2012, Educar para a Paz.</li> <li>- Apresentação dos pontificados de João XXIII a Bento XVI e as suas preocupações/intervenções sobre a paz e reconciliação entre os povos.</li> </ul>	<b>Observação da realização da ficha de leitura da Mensagem para o Dia Mundial da Paz - 2012</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mobilizar para a importância da cooperação à luz do princípio da solidariedade e no respeito pela diferença. (comp.12)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A gestão de conflitos, caminho para a paz.</li> <li>- O conflito como oportunidade.</li> <li>- Procura da verdade.</li> </ul>	<b>01 Outubro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de um conflito e as possibilidades/caminhos de resolução ou gestão dos mesmos. Conflitos entre vizinhos; entre colegas da escola; conflitos domésticos; conflitos desportivos; conflitos entre pais e filhos.</li> <li>- Conclusões gerais na gestão de conflitos. Diálogo com os alunos.</li> </ul>	<b>Apresentações e intervenção dos alunos.</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participar e mobilizar à participação em ações onde são trabalhados princípios e valores éticos (justiça, verdade, perdão).</li> <li>- Sensibilizar à cooperação e solidariedade. (comp. 10, 12)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O voluntariado – a solidariedade em ação.</li> <li>- Voluntariado – gesto de comunhão e sentido de justiça.</li> <li>- O sentido e importância da reconciliação, oração, diálogo e da festa</li> </ul>	<b>08 Outubro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alguns exemplos de voluntariado (banco alimentar, visita a idosos, explicações a alunos mais novos, recolha e distribuição de vestuário).</li> <li>- Escuta de experiências conhecidas ou já participadas por parte dos alunos.</li> <li>- Importância dos gestos de reconciliação. O papel da oração e do diálogo. O sentido da festa.</li> </ul>	<b>Pequena reflexão escrita sobre que tipo de voluntariado gostaria de fazer e porque.</b>

Operacionalização das Competências	Conteúdos	Aula	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incentivar à prática de gestos de reconciliação e de comunhão no respeito/admiração pela diferença.</li> <li>- Equacionar respostas de sentido no caminho da paz. (comp.3,12)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educar para a paz.</li> <li>- Interpelar para o papel determinante de cada um e de todos na promoção e vivencia da paz.</li> </ul>	<p><b>22 Outubro</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogos sobre a paz</li> <li>- Debate</li> <li>- Exposição (prémios Nobel da paz e causas pelas quais lutaram)</li> <li>- A tenda da paz. Workshops com simulações.</li> </ul> <p>Relação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Pais/filhos;</li> <li>* Professores/alunos/funcionários.</li> </ul>	<p><b>Observação da participação dos alunos na atividade a desenvolver.</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar os sinais, refletir as práticas e agir no meio em prol da paz. (comp.2,3,10)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educar para a paz</li> <li>- Ver, sensibilizar e agir.</li> <li>- Estratégia a desenvolver na abordagem da situação de conflito.</li> </ul>	<p><b>15 Outubro</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise dos sinais – situação(ções) suscetíveis de serem trabalhadas na promoção da paz no ambiente escolar.</li> <li>- Objetivos</li> <li>- Intervenientes</li> <li>- Motivações</li> <li>- Possíveis soluções</li> <li>- A tenda da paz – projeto de turma em contexto de escola.</li> </ul>	<p><b>Grelha de observação de participação/empenho dos alunos no desenvolvimento da atividade.</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliar a atividade realizada e refletir o papel desenvolvido pelos intervenientes. (todas as competências)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura do itinerário realizado e análise dos aspetos positivos e negativos.</li> </ul>	<p><b>29 Outubro</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo com os alunos e releitura do itinerário realizado.</li> </ul>	<p><b>Reflexão orientada do itinerário realizado.</b></p>

### 3.4 – Planificação nível IV

Ano Letivo 2012\_13

Unidade Letiva 4 – A Paz Universal - 7º Ano

(10 Setembro)


Aula 1

#### Competências:

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

**Sumário: A Paz Universal: grande sonho da Humanidade.**

Leitura da operacionalização das competências	Conteúdos	Estratégias	 45'	Recursos	Avaliação
- Questionar-se sobre a paz como valor mobilizador e promotor de relações de cooperação capaz de oferecer uma visão coerente do mundo. (comp.2,3)	- O sonho da Humanidade – alguns prémios Nobel da Paz e instituições internacionais (ONU)  - Significado da atribuição do prémio.  - Significados das palavras: justiça, solidariedade, cooperação, verdade, paz.	- Acolhimento e sumário  - Introdução à Unidade Letiva 4 – A Paz Universal através de questões e com recurso ao <i>brainstorm</i> .  - Apoio através da apresentação (anexo 1)  - Palavras cruzadas (atitudes que conduzem à falência da paz). (anexo 2)  - Compreensão dos significados das palavras justiça, solidariedade, cooperação, verdade e paz, recorrendo à música “Imagine” de John Lennon. (anexo 3)  - Apresentação – alguns prémios Nobel da Paz e suas “lutas”. (anexo 4)	3'  7'  5'  5'  15'  10'	Caderno  Projetor  Computador  Fotocópias	<b>Observação do preenchimento de uma ficha de leitura (anexo 5)</b>

*Síntese da aula: Nesta aula será importante sensibilizar os alunos para a necessidade de dar expressão concreta ao desejo de viver em paz e ser instrumento de paz. É neste sentido que, na parte final da aula, serão apresentados alguns exemplos concretos de homens e mulheres que fizeram da promoção e defesa da paz a sua vida.*

## Unidade Letiva 4 – A Paz Universal - 7º Ano

(17 Setembro)

Aula 2

### Competências:

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

### Sumário: Importância e papel do diálogo.

Leitura da operacionalização das competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Recursos	Avaliação
- Aprender a ver no outro a possibilidade de aprender sobre nós próprios. O diálogo como instrumento de cooperação e fator de enriquecimento pessoal no respeito pela diferença. (com.12)	<i>Diálogo</i> - ouvir para compreender. O diálogo enquanto forma de ampliar a compreensão das situações e crescer na perceção de todos os envolvidos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acolhimento, sumário, resumo da aula anterior.</li> <li>- Fases da evolução da comunicação (Anexo 6)</li> <li>- Ruídos na comunicação – pedir aos alunos para participar, tentando apontar/descrever ruídos relacionados com a comunicação. No final, apontar os ruídos e os aspetos facilitadores que estiveram presentes neste exercício.</li> <li>- Exercícios práticos. Um aluno cria um evento ou relata uma situação. Um outro deve tentar escutar (escuta ativa) e, no final, deve reproduzir o que ouviu e quais as sensações que o emissor parece ter expressado. O emissor deve, no final, dizer se sentiu ou não que foi escutado pelo recetor e em que medida se sentiu ouvido ou não.</li> </ul>	<p>5'</p> <p>10'</p> <p>10'</p> <p>20'</p>	<p>Caderno</p> <p>Projetor</p> <p>Computador</p>	Observação do registo feito pelos alunos que não estão diretamente envolvidos no exercício e que deverão registar no caderno diário o que lhe parece ter escutado no relato dos colegas (registar conteúdos e sentimentos, emoções associadas ao relato).

*Síntese da aula: No final da aula será importante que os alunos percebam as dificuldades inerentes à arte de comunicar e desenvolvam mecanismos que façam diminuir esses mesmos obstáculos. Por outro lado, será importante que estes percebam que a comunicação é uma das melhores ferramentas no caminho para a paz. Comunicação que implica, necessariamente, a escuta ativa do outro.*

## Unidade Letiva 4 – A Paz Universal - 7º Ano

(24 Setembro)

Aula 3

### Competências:

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

### Sumário:

Leitura da operacionalização das competências	Conteúdos	Estratégias	🕒 45'	Recursos	Avaliação
- Reconhecer os ensinamentos bíblicos enquanto inspiração e motivação de gestos de paz. (comp.3)	- Lei do Amor vs Lei de Talião (excertos bíblicos).  - Mensagens comemorativas do Dia Mundial da Paz.	- Acolhimento, sumário, resumo da aula anterior.  - Leitura e análise das passagens bíblicas: *Levítico 24,17-21 *Mateus 5,38-46 (a lei de Talião vs. a Lei do Amor) (Anexo 7)  - Traços gerais da Mensagem do papa Bento XVI para o Dia Mundial da Paz 2012, <i>Educar para a Paz</i> . (Anexo 8)  - Ficha de trabalho a pares. (Anexo 9)	5'  15'  15'  10'	Caderno  Projetor  Computador	Ficha de trabalho a realizar em aula, a pares (momento de observação por parte do professor para reflexão no início da aula seguinte). (Anexo 9)

*Síntese: A linguagem do amor, como a única forma de poder chegar à paz. Os alunos deverão ir percebendo que encontramos na Sagrada Escritura a melhor resposta que nos coloca no caminho da paz. Jesus enquanto “Rei da Paz” e inspirador de atitudes de proximidade, de acolhimento, e paz. Fazendo expressão deste desejo de paz expresso nas palavras e atitudes de Jesus, os alunos entram em contacto com as Mensagens para o dia mundial da paz publicadas anualmente pelos sucessores de Pedro, neste caso, através da última mensagem escrita por Bento XVI.*



## Unidade Letiva 4 – A Paz Universal - 7º Ano

(08 Outubro)

Aula 5

### Competências:

10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

### Sumário: O voluntariado. Importância e contributo para a paz.

Leitura da operacionalização das competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Recursos	Avaliação
- Participar e mobilizar à participação em ações onde são trabalhados princípios e valores éticos (justiça, verdade, perdão).  - Sensibilizar à cooperação e solidariedade. (comp. 10, 12)	Voluntariado, solidariedade em ação.	- Acolhimento, sumário, resumo da aula anterior.	5'	Caderno	Reflexão escrita sobre um dos aspetos que mais atrai no voluntariado e qual o tipo de voluntariado em que gostaria de me envolver e porquê.
	-Voluntariado, gesto de comunhão e sentido de justiça.	- O que os alunos entendem por voluntariado. Motivações pessoais para avançar para se dedicar a uma ou mais causas; objetivo do voluntariado.	5'	Projektor	
	- O sentido e importância da reconciliação, oração, diálogo e da festa	- Diálogo com os alunos e partilha de experiencias realizadas por eles ou que estes conhecem.	10'	Computador	
		- Exemplos de voluntariado (banco alimentar, visita regular a um lar de idosos ou incapacitados, participação na associação do bairro e participação nas suas campanhas solidárias, participação na organização de eventos, oficina de estudo com alunos mais novos). (Anexo 12)	15'		
		- Algumas organizações e trabalho que desenvolvem.	10'		

*Síntese: Um dos gestos concretos para a promoção da paz poderá ser a valorização do voluntariado. Voluntariado enquanto caminho de descentramento de si e caminho ao encontro do outro, possibilidade de se deixar transformar pessoal e comunitariamente, sentido de participação e justiça diante das necessidades e carências de outros.*



## Unidade Letiva 4 – A Paz Universal - 7º Ano

(22 Outubro)

Aula 7

### Competências:

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

### Sumário: Educar para a paz. Realização da atividade *Tenda da Paz*.

Leitura da operacionalização das competências	Conteúdos	Estratégias	🕒 90'	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incentivar à prática de gestos de reconciliação e de comunhão no respeito/admiração pela diferença.</li> <li>- Equacionar respostas de sentido no caminho da paz. (comp.3,12)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educar para a paz.</li> <li>- Interpelar para o papel determinante de cada um e de todos na promoção e vivência da paz.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acolhimento, sumário, resumo da aula anterior.</li> <li style="text-align: center;"><b>Workshops</b></li> <li>- Jogo das laranjas (anexo 13).</li> <li>- Conta a tua história (anexo 14).</li> <li>- Comunicar sentimentos (anexo 15).</li> <li>- Entender os outros (anexo 16).</li> <li>- O diamante (anexo 17).</li> <li>- Exposição com os laureados Prémio Nobel da Paz de 1976 – 2011 (anexo 18).</li> </ul>	Duração extraordinária de 90' dada a natureza da atividade a desenvolver.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caderno</li> <li>projektor</li> <li>Computador</li> </ul>	<b>Grelha de observação dos alunos.</b>

*Síntese: Esta será uma aula com duração de 90 minutos. Os alunos estarão em contato direto com a comunidade educativa e convidando os que quiserem a passar no espaço “tenda da paz” e aprender mais sobre como ser agente promotor de paz. Neste sentido, haverá oportunidade para participar em algum dos workshops preparados e orientados pelos alunos. A exposição alusiva aos prémios nobel da paz será montada previamente e permanecerá durante uma semana, permitindo que um maior número de pessoas possa conhecer.*

## Unidade Letiva 4 – A Paz Universal - 7º Ano

(29 Outubro)

Aula 8

### Competências:

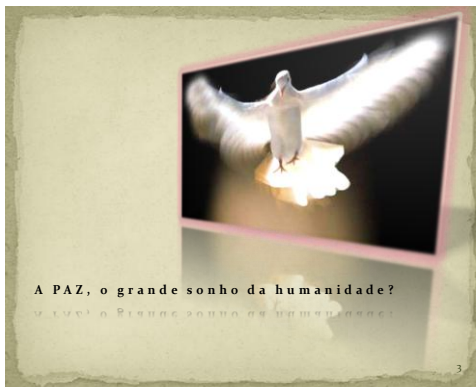
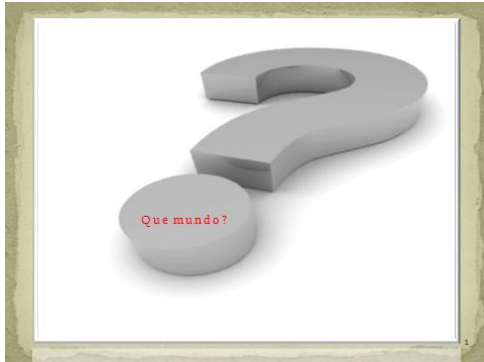
2. Questionar-se sobre o sentido da realidade
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

### Sumário: Autoavaliação e heteroavaliação. Leitura reflexiva do itinerário realizado.

Leitura da operacionalização das competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Recursos	Avaliação
- Avaliar a atividade realizada e refletir o papel desenvolvido pelos intervenientes. (todas as competências)		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acolhimento, sumário, resumo do itinerário realizado ao longo do estudo da Unidade 4 – A Paz Universal.</li> <li>- Grelha de avaliação.</li> <li>- Registrar, por escrito, os aspetos positivos e negativos apontados pelos alunos pelo itinerário realizado.</li> <li>- Diálogo final com os alunos e importância de colocar em prática o que foi apreendido e de ajudar outros a empreender este mesmo caminho.</li> </ul>	<p>10'</p> <p>10'</p> <p>15'</p> <p>10'</p>	Caderno	Grelha de auto e hetero avaliação. Oportunidade de cada um dos intervenientes poder refletir sobre o itinerário realizado e poder atribuir-lhe uma classificação. (anexo 19).

*Síntese: Nesta aula será feita uma pequena avaliação do itinerário realizado por cada um dos alunos e pela turma no seu conjunto. Mais do que avaliar conteúdos pretende avaliar-se a forma mais ou menos empenhada e responsável de cada um em relação ao tema trabalhado. Ajudar os alunos a perceber que há aspetos na vida que nunca estão acabados alertando, por isso, para a necessidade de darem continuidade a uma forma de ser e de estar – pessoas de paz e promotoras de atitudes de paz.*

### 3.5 - Anexos



Observa-se nos nossos dias uma consciência crescente de que a paz mundial está ameaçada, não apenas pela corrida aos armamentos, pelos conflitos regionais e por causa das injustiças que ainda existem no seio dos povos e entre as nações, mas também pela falta do respeito devido à natureza, pela desordenada exploração dos seus recursos e pela progressiva deterioração da qualidade de vida. Semelhante situação gera um sentido de precariedade e de insegurança, que, por sua vez, favorece formas de egoísmo coletivo.

João Paulo II, Dia Mundial da Paz — 1 de Janeiro de 1990

**Encontra as oito (8) atitudes que conduzem à falência da paz**

I	N	D	I	F	E	R	E	N	Ç	A
N	A	D	B	B	M	I	G	O	P	I
C	F	G	D	M	E	D	O	X	R	E
O	I	A	F	F	A	D	Í	Q	A	M
M	B	N	A	A	R	I	S	A	T	M
P	M	Â	O	O	R	E	M	T	R	A
R	N	N	C	C	C	I	O	R	A	L
E	E	C	A	A	G	A	L	I	N	D
E	D	I	N	J	U	S	T	I	Ç	A
N	T	A	P	P	R	D	Ã	O	A	D
S	Q	C	R	R	D	A	R	M	R	E
Ã	Ã	P	R	R	Ó	D	I	O	A	R
O	V	Í	U	U	A	M	O	R	C	D

**CORRECÇÃO**


I	N	D	I	F	E	R	E	N	Ç	A
N	A	D	B	B	M	I	G	O	P	I
C	F	G	D	M	E	D	O	X	R	E
O	I	A	F	F	A	D	Í	Q	A	M
M	B	N	A	A	R	I	S	A	T	M
P	M	Â	O	O	R	E	M	T	R	A
R	N	N	C	C	C	I	O	R	A	L
E	E	C	A	A	G	A	L	I	N	D
E	D	I	N	J	U	S	T	I	Ç	A
N	T	A	P	P	R	D	Ã	O	A	D
S	Q	C	R	R	D	A	R	M	R	E
Ã	Ã	P	R	R	Ó	D	I	O	A	R
O	V	Í	U	U	A	M	O	R	C	D

## *Imagine*

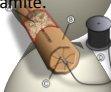
Composição: John Lennon

Imagine there's no heaven  
It's easy if you try  
No hell below us  
Above us only sky  
Imagine all the people  
Living for today  
Imagine there's no countries  
It isn't hard to do  
Nothing to kill or die for  
And no religion too  
Imagine all the people  
Living life in peace  
You may say  
I'm a dreamer  
But I'm not the only one  
I hope some day  
You'll join us  
And the world will be as one  
Imagine no possessions  
I wonder if you can  
No need for greed or hunger  
A brotherhood of man  
Imagine all the people  
Sharing all the world  
You may say,  
I'm a dreamer  
But I'm not the only one  
I hope some day  
You'll join us  
And the world will live as one


**Alfred Nobel**  
 1833-1896




Químico e inventor Sueco, inventor da dinamite.



No seu testamento havia a indicação para a criação de uma fundação que premiasse anualmente as pessoas que mais tivessem contribuído para o desenvolvimento da Humanidade. Em 1900 foi criada a **Fundação Nobel** que atribui cinco prémios em áreas distintas: Química, Física, Medicina, Literatura e Paz Mundial.



**CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL**  
 Nobel da Paz em 1917, 1944 e 1963



Com sede em Genebra, Suíça, a organização foi fundada por iniciativa de Jean Henri Dunant, em 1863. É uma organização humanitária, independente e neutra, que se esforça em proporcionar protecção e assistência às vítimas da guerra e de outras situações de violência.

Também tem prestado assistência a vítimas de desastres naturais, como enchentes, terremotos, tempestades, especialmente em nações com carência de recursos na assistência às vítimas.

Premio Nobel da Paz - 1964



Um dos líderes mais importantes na defesa dos direitos civis nos Estados Unidos. Organizou e liderou marchas a fim de conseguir o direito ao voto por parte da população negra, o fim da segregação, o fim das discriminações no trabalho e outros direitos civis básicos (educação, saúde).

A partir de 1965 opôs-se à guerra que os Estados Unidos travavam no Vietname.



**Dalai Lama**



Monge budista, nasceu em 1935, numa família de camponeses num país chamado Tibete.

Em 1950, com 15 anos de idade, assume a responsabilidade política como chefe de estado e de governo, após a invasão da China no Tibete.

Apesar dos seus esforços por encontrar uma solução pacífica as atrocidades continuaram.

Desde 1960 vive exilado numa pequena cidade no norte da Índia.



Premio Nobel da Paz - 1989

Premio Nobel da Paz - 1992




**Rigoberta Menchú** é uma indígena guatemalteca (Guatemala) nascida em 1959. Recebeu o Prémio Nobel da Paz pela sua defesa pelos direitos humanos, especialmente a favor dos povos indígenas.

No discurso que fez no dia em que recebeu o Prémio Nobel da paz, reclamou os direitos históricos negados aos povos indígenas e denunciou a perseguição sofrida desde a chegada dos europeus ao continente americano, momento em que destruiu uma civilização plenamente desenvolvida nos mais variados aspectos. Falou ainda da necessidade de paz, desmilitarização e justiça social no seu país, assim como o respeito pela natureza e a igualdade para as mulheres.

Premio Nobel da Paz - 1996




Bispo católico timorense que recebeu o Prémio Nobel da Paz pelo seu trabalho em favor de uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste.

Timor Leste foi uma colónia portuguesa até 1975, altura em que se tornou independente, tendo sido invadido pela Indonésia três dias depois.

A ocupação militar da Indonésia em Timor Leste transformou o território num campo de batalha. Uma política de ataque aos residentes na ilha resultou num longo massacre de timorenses. Centenas de aldeias foram destruídas pelos bombardeios do exército Indonésio. Por causa de ser um território com uma densa vegetação onde se escondiam a população e os guerrilheiros timorenses, os militares Indonésios usaram uma substância altamente perigosa (napalm) que queimou boa parte das florestas do país.

**Muhammad Yunus**



Nasce no Bangladesh em 1940. Formado em economia e pretende acabar com a pobreza e, para isso, funda um banco. O Banco chama-se Grameen Bank e oferece pequenos créditos a famílias pobres – chamado micro crédito – para que as famílias possam criar pequenos negócios e poder sair da pobreza. Yunus afirma que só é possível ter paz quando a pobreza diminuir.

Como funciona este “banco dos pobres”?



Premio Nobel da Paz - 2006

Nome completo: **ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS**

Sigla: **ONU**

Sede: **NOVA IORQUE (E.U.A)**

Data da fundação: **24 de OUTUBRO de 1945**

Número de países fundadores: **51 PAÍSES**

Número de países membros atualmente: **192. SÃO MEMBROS DA ONU TODOS OS PAÍSES INDEPENDENTES E RECONHECIDOS, COM EXCEÇÃO DA SANTA SÉ, QUE TEM ESTATUTO DE OBSERVADOR.**

Objetivos: **MANTER A PAZ MUNDIAL; PROTEGER OS DIREITOS HUMANOS; PROMOVER O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL DAS NAÇÕES; ESTIMULAR A AUTONOMIA DOS POVOS DEPENDENTES; REFORÇAR OS LAÇOS ENTRE TODOS OS ESTADOS SOBERANOS.**

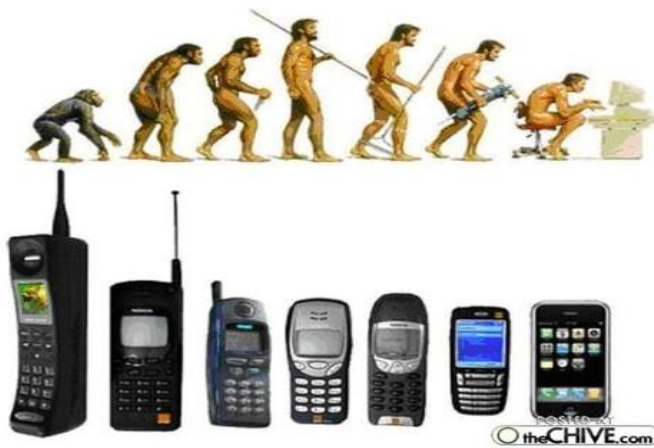
Acontecimento marcante: **10 DEZEMBRO DE 1948, PROCLAMAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**



Actual Secretário Geral: **Ban Ki-moon**

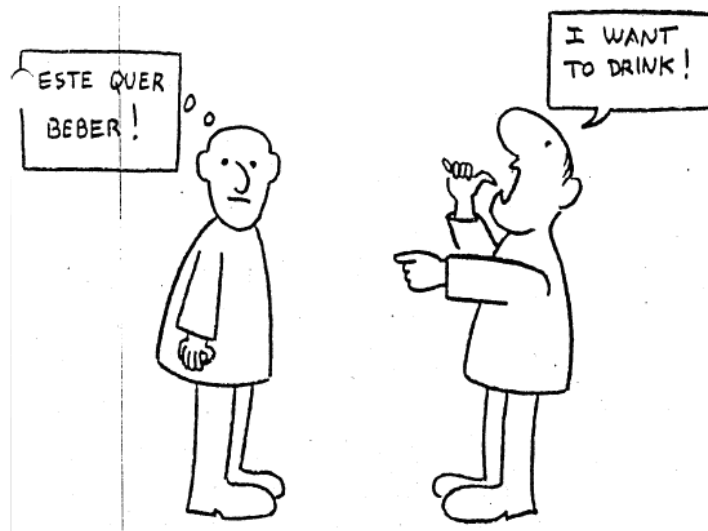
## COMO FOMOS COMUNICANDO

### ...AO LONGO DO TEMPO!?





## O QUE É QUE OS OUTROS ENTENDEM E COMO COMUNICAMOS



## Levítico 24, 17-21

### - lei de Talião -



17 Quem matar a alguém, será morto; 18 e quem matar um animal, deverá dar uma recompensação: vida por vida. 19 Se alguém ferir o seu próximo, como ele fez, assim lhe será feito: 20 fractura por fractura, olho por olho, dente por dente. A pessoa sofrerá o mesmo dano que terá causado. 21 Quem, pois, matar um animal, deverá dar uma compensação por ele; e quem matar um homem, será morto.



## Mateus 5,38-46

### - lei do Amor -

38 Ouvistes que foi dito: “Olho por olho, dente por dente”. 39 Eu, porém, digo-vos: não vos vingueis de quem vos fez mal. Pelo contrário: se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda! 40 Se alguém faz um processo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa! 41 Se alguém te obriga a andar um quilómetro, caminha dois quilómetros com ele! 42 Dá a quem te pedir e não vires as costas a quem te pedir emprestado. 43 Ouvistes o que foi dito: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo! 44 Eu porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem! 45 Assim tornar-vos-eis filhos do Pai que está no Céu, porque Ele faz nascer o sol sobre justos e injustos. 46 Pois, se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis?

## EDUCAR OS JOVENS PARA A JUSTIÇA E A PAZ



Mensagem do papa Bento XVI para o dia mundial da paz –

1 Janeiro 2012

### **DESEJO**

1. O INÍCIO DE UM NOVO ANO, dom de Deus à humanidade, induz-me a desejar a todos, com grande confiança e estima, de modo especial que este tempo, que se abre diante de nós, fique marcado concretamente pela justiça e a paz.

### **A quem se dirige?**

2. A minha Mensagem dirige-se também aos *pais*, às *famílias*, a todas as *componentes educativas, formadoras, bem como aos responsáveis* nos diversos âmbitos da vida religiosa, social, política, económica, cultural e mediática. Prestar atenção ao mundo juvenil, saber escutá-lo e valorizá-lo para a construção dum futuro de justiça e de paz não é só uma oportunidade mas um dever primário de toda a sociedade.

### **Educar para a justiça...**

3. No nosso mundo, onde o valor da pessoa, (...) está seriamente ameaçada pela tendência generalizada de recorrer exclusivamente aos critérios da utilidade, do lucro e do ter, é importante não separar das suas raízes transcendentais o conceito de justiça. « *Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados* » (Mt 5, 6). Serão saciados, porque têm fome e sede de relações justas com Deus, consigo mesmo, com os seus irmãos e irmãs, com a criação inteira.

### **Educar para a paz...**

4. «A paz não é só ausência de guerra, nem se limita a assegurar o equilíbrio das forças adversas. A paz não é possível na terra sem a salvaguarda dos bens das pessoas, a livre comunicação entre os seres humanos, o respeito pela dignidade das pessoas e dos povos e a prática assídua da fraternidade». A paz é fruto da justiça e efeito da caridade. É, antes de mais nada, dom de Deus. Nós, os cristãos, acreditamos que a nossa verdadeira paz é Cristo (...)

O amor rejubila com a verdade, é a força que torna capaz de comprometer-se pela verdade, pela justiça, pela paz, porque tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta

## FICHA DE TRABALHO

1. Assinala cada uma das seguintes afirmações com **V** ou **F**, consoante sejam verdadeiras ou falsas.

\_\_\_ Talião é o nome da pessoa que criou a pena de talião.

\_\_\_ Talião é a aplicação de um castigo idêntico ao mal causado.

\_\_\_ *Olho por olho, dente por dente* é uma forma de respeitar os outros e de ser respeitado.

2. Faz corresponder as frases da coluna **A** com as da coluna **B**, colocando a letra correspondente nos espaços em branco:

A

B

\_\_\_ Se alguém te bater na face direita...

A/ ...ama-o.

\_\_\_ Se alguém te tirar a camisa...

B/ ...apresenta a outra.

\_\_\_ Se alguém te pedir qualquer coisa...

C/ ...dá-lhe o casaco.

\_\_\_ Se alguém te pedir emprestado...

D/ ...reza por ele.

\_\_\_ Se alguém for teu inimigo...

E/ ...dá-lha.

\_\_\_ Se alguém te perseguir...

F/ ...não voltes as costas

3. Assinala com **X** a alínea correta em cada grupo.

- 3.1 – A frase: “Se alguém te bater na face direita, apresenta-lhe também a outra” significa que Jesus quer que os seus discípulos:

\_\_\_ Não usem o seu direito a defender-se quando são agredidos;

\_\_\_ Deixem que o agressor que lhes bateu numa face o faça na outra também, sendo que este princípio só é válido quando a agressão é na face;

\_\_\_ Usem métodos não violentos para resolver conflitos.

- 3.2 – A frase “tenham amor aos vossos inimigos” significa que Jesus pretende que os seus discípulos:

\_\_\_ Se comportem para com os inimigos com espírito de fraternidade;

\_\_\_ Se comportem para com os seus inimigos como estes se comportaram para com eles.

\_\_\_ Se comportem para com os seus inimigos com espírito de vingança pois isso os ajudará a que mudem o seu comportamento para melhor.

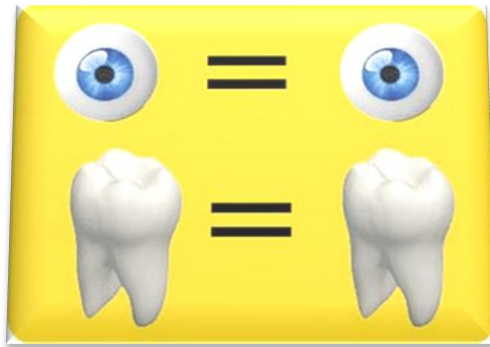
3.3 - A frase “sejam perfeitos como o vosso pai celeste é perfeito” significa que os discípulos de Jesus:

\_\_\_ Devem considerar-se iguais a Deus;

\_\_\_ Devem procurar a perfeição de Deus como ideal e vida;

\_\_\_ Devem ser justos com os bons e severos com os maus;

4. Faz um breve comentário à imagem tendo em conta a Lei do Amor e a lei de Talião.



---

---

---

---

Nome dos alunos: \_\_\_\_\_

Nome dos alunos corretores: \_\_\_\_\_





## GRELHA DE OBSERVAÇÃO (01\_10\_2012)

	NOME ALUNO	Participação	Interação (par)	Reflexão	Apresentação
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					

Participação	O aluno participa de forma assertiva, espera pela sua vez para falar, escuta e respeita uma opinião diferente da sua.
Interação (par)	Estabelece com o par de trabalho uma relação de diálogo de forma a trabalhar a situação que é desafiado a desenvolver.
Reflexão	É feito um esforço em tentar entender e articular as diferentes situações/possibilidades do conflito em causa.
Apresentação	Na apresentação foi perceptível ou não a situação de conflito abordada e a solução refletida pelos alunos.

### AVALIAÇÃO:

**Excelente/Satisfaz Bastante/Satisfaz +/Satisfaz/Não Satisfaz**

## VOLUNTARIADO



É o conjunto de acções de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.

### Voluntariado

ESTÁ ao serviço das pessoas, das famílias e das comunidades, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e do bem estar das populações.

TRADUZ-SE num conjunto de acções de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada, expressando o trabalho voluntário.

DESENVOLVE-SE através de projectos e programas de entidades públicas e privadas com condições para integrar voluntários, envolvendo as entidades promotoras.

CORRESPONDE a uma decisão livre e voluntária apoiada em motivações e opções pessoais que caracterizam o voluntário.



#### Por isso ser voluntário é:

Ø Assumir um compromisso com a organização promotora de voluntariado;

Ø Desenvolver acções de voluntariado em prol dos indivíduos, famílias e comunidade.

Ø Comprometer-se, de acordo com as suas aptidões e no seu tempo livre;



A Comunidade Vida e Paz proporciona às Pessoas Sem-Abrigo uma experiência de vida em comunidade, um programa terapêutico e uma formação técnico-profissional.

#### MISSÃO:

Procurar, acolher, motivar, recuperar, reinserir e acompanhar as Pessoas Sem-Abrigo, ajudando-as a reconstruir projectos de vida para que redescubram a sua dignidade de modo a que se tornem e sintam pessoas dignas, integradas, participativas e felizes.

### SOLIDARIEDADE

## Apelo para alimentar sem-abrigo no Natal

A campanha de angariação de meias para os sem-abrigo de Lisboa, lançada pela Comunidade Vida e Paz, foi um sucesso. A organização congratula-se, agora, pela angariação, e agradece as cerca de 12 mil meias recebidas até esta altura. Os apoios surgiram de todos os laços, desde uma empresa que juntou 2600 pares de meias até indivíduos de todo o País, ministérios e escolas. É relatado o entusiasmo de um rapaz de oito anos que, depois de falar com a mãe sobre o apelo que ouviu na



Vida e Paz apela quem vive na rua

rádio, conseguiu angariar muita gente para a festa de Natal para os sem-abrigo. Depois deste sucesso, a organização Comunidade Vida e Paz faz um novo apelo. Desta vez, são necessários alimentos. Os voluntários do estroito irão confeccionar 4500 refeições quentes para aquela população carenciada, mas tem havido alguma dificuldade em recolher uma quantidade suficiente de produtos. São necessárias, por exemplo, batatas, cebolas, cenouras, feijão, arroz e bolo-rei. Para suprir aquela falta, a Comunidade Vida e Paz apela agora à entrega dos mesmos, nas suas instalações (Rua Domingos Bomtempo, 7), até ao dia 10 de Dezembro.

### Centros de procura de voluntários

#### VOLUNTARIADO DE APOIO A IMIGRANTES

A organização não governamental "Leigos para o Desenvolvimento" procura professores com disponibilidade para oferecer 1 hora semanal de explicações a estudantes imigrantes dos ensinos secundário e superior.



#### Um exemplo

O atelier de artesanato da cadeia feminina de Cascais (Tires) sai a nova marca de malas e carteiras artesanais que tem tido um grande sucesso: "Reklusa".

Foi uma iniciativa de três empresárias. A proponente (Inês Seabra), voluntária na cadeia de Tires, convidou duas amigas para "um negócio de integração social". Procuraram parceiros para fornecimento de material, reclusas interessadas, apoio dos serviços prisionais.

Pretendem usar só materiais portugueses: o burel, da zona da serra da Estrela, a cortiça e tecidos variados. Têm a colaboração da Escola Superior de Design do IADE que promoveu um concurso e elegeu o desenho da primeira mala: o modelo "Magnólia", de burel. Os lucros têm sido investidos em melhores máquinas e há o projecto de criar um atelier fora da cadeia onde as ex-reclusas possam vir a trabalhar.

## JOGO DAS LARANJAS

Dois irmãos pretendem a mesma e única laranja que há em casa. Nenhum deles quer abdicar da laranja não admitindo, tão-pouco, a possibilidade de a dividir. Perante este problema, como ajudar à gestão do conflito?

O grande objetivo desta pequena atividade era ajudá-los a **aprender a fazer perguntas**. Isto porque, uma pergunta bem elaborada pode ser meio caminho andado para a resolução do problema.

Na **resolução** do dilema apresentado os alunos deviam ser orientados para chegar a uma conclusão semelhante a esta: cada um dos irmãos queria a laranja para si e na totalidade. Só foi possível resolver o conflito quando um perguntou ao outro para que queria a laranja. Um disse que queria a laranja para fazer sumo. O outro, queria apenas a casca da laranja!

## **CONTA A TUA HISTÓRIA**

Uma situação da vida real pode servir de inspiração para a resolução não-violenta de conflitos no nosso dia-a-dia. Esta atividade permite que os participantes consigam avaliar, com distanciamento, uma situação de conflito vivida. O monitor pede que um ou mais participantes descrevam uma circunstância na qual testemunharam ou viveram diretamente um conflito. Quando a história atingir o ponto de conflito, pede que pare. O grupo então inventa/cria cenários possíveis tentando perceber a forma como resolver, de forma pacífica, a situação. No final, a pessoa que estava a contar a história deve encerrar a narrativa com uma dessas sugestões ou apontar qual a solução que ela própria viu ou experimentou.

## **COMUNICAR SENTIMENTOS**

Os intervenientes são convidados a dizer em voz alta uma frase qualquer como por exemplo “Eu queria ir ao cinema com os meus amigos, mas os meus pais não deixaram”. Ao pronunciar a frase, expressam estados de espírito como: ódio, paixão, sinceridade, violência, desânimo, sentido de compreensão.

A cada representação, a pessoa diz como se sente. O grupo comenta o sentimento demonstrado.

## **ENTENDER OS OUTROS**

O grupo escolhe uma situação de vida na escola. Cada pessoa do grupo representa-se a si própria naquela situação. Depois trocam-se os papéis. A situação é a mesma, mas cada pessoa representa a outra (o funcionário da escola, o professor, o pai, etc).

O grupo deverá fazer as seguintes observações: quais as diferenças entre as duas representações? Podemos representar a vida de outras pessoas? Será que, dependemos dos papéis, pensamos de formas diferentes? Será possível colocar-se no lugar do outro quando é necessário tentar compreender decisões que, à partida, não aceites nem compreendidas? Até que ponto isso pode ou não facilitar a convivência entre pessoas?

## O DIAMANTE (conto hindu)

Uma vez um peregrino parou num bosque, muito perto dum povoado e acampou debaixo duma árvore para passar a noite.

- A pedra, a pedra! Dá-me a pedra preciosa, peregrino, - disse o mercador.

O velho peregrino levantou-se, aproximou-se do homem que gritava e disse-lhe:

- Que pedra desejas, meu irmão?

O mercador respondeu:

- A noite passada tive um sonho em que o Senhor Shiva me dizia que, se viesse aqui esta noite, encontraria um peregrino que me daria uma pedra preciosa que me faria rico para sempre.

O peregrino foi buscar a sua bolsa perto do rio e deu-lhe a pedra, dizendo:

- Eu encontrei-a num bosque perto do rio, podes guardá-la.

O mercador guardou a pedra e foi para casa. Uma vez lá, abriu a mão e...Oh! Que surpresa! Era um diamante. Não conseguiu dormir à noite, dava tantas voltas na cama quanto à sua cabeça. Levantou-se ao amanhecer, voltou ao lugar onde havia deixado o peregrino e disse-lhe:

- Dá-me, por favor, a força que te permitiu desprender-te desta riqueza com tanta facilidade!

*NOTA: procurar encontrar o sentido da história a partir da chave de leitura: a paz.*

Reflexões propostas:

- Qual o principal valor desta história?











- O que é necessário para que a pessoa possa ser desprendida e generosa?





- Porque é que algumas pessoas se apegam tanto às coisas? Ideias? Convicções?












- A generosidade pode dar mais sentido à vida?












## Exposição – (alguns) prémios Nobel da Paz












1976 — 2000

Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
1976		Betty Williams	 Reino Unido	Fundadoras do <i>Movimento das Mulheres para a Paz na Irlanda do Norte</i> , mais tarde chamado de Peace People (Gente de Paz).
		Mairead Corrigan		
1977		Amnistia Internacional		Pela sua campanha contra a tortura.
1978		Anwar Al Sadat	 Egito	Por negociarem a paz entre Egito e Israel.
		Menachem Begin	 Israel	
1979		Madre Teresa de Calcutá	 Albânia	Pela luta contra a pobreza na Índia.

Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
1980		Adolfo Pérez Esquivel	 Argentina	Ativista dos direitos humanos.
1981		Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados	 Suíça	
1982		Alva Reimer Myrdal	 Suécia	Delegados na Assembleia Geral de Desarmamento, das Nações Unidas.
		Alfonso García Robles	 México	
1983		Lech Wałęsa	 Polónia	Fundador do Solidarność, ativista dos direitos humanos e primeiro presidente da Polónia, após a queda do Comunismo.
1984		Desmond Tutu	 África do Sul	Pelo seu trabalho contra o apartheid.


Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
1985		Médicos Internacionais para a Prevenção da Guerra Nuclear		
1986		Elie Wiesel	 Estados Unidos	Escritor, sobrevivente do Holocausto.
1987		Óscar Arias	 Costa Rica	Por iniciar processos de paz na América Central.
1988		Forças de manutenção da paz das Nações Unidas	 Estados Unidos	Pelos seus esforços a serviço da preservação da paz.
1989		Tenzin Gyatso, o 14º Dalai Lama	 Tibete	Esforço de reconhecimento por um Tibete livre da subjugação chinesa.
1990		Mikhail Gorbachev	 União Soviética	Pela sua contribuição para o fim da Guerra Fria.













Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
1991		Aung San Suu Kyi	 Myanmar	Líder da oposição, ativista dos direitos humanos.
1992		Rigoberta Menchú Tum	 Guatemala	Pela sua campanha pelos direitos humanos, especialmente a favor dos povos indígenas.
1993		Nelson Mandela	 África do Sul	Por seu trabalho pelo fim pacífico do regime do apartheid e por estabelecer os princípios para uma nova África do Sul democrática.
		Frederik Willem de Klerk		
1994		Yasser Arafat	 Palestina	Por concluírem os Acordos de Paz de Oslo.
		Shimon Peres	 Israel	












Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
		Yitzhak Rabin		
1995		Joseph Rotblat	 Polónia/  Reino Unido	Pelos seus esforços contra o armamento nuclear.
		Conferências Pugwash sobre Ciência e Negócios Mundiais	 Canadá	
1996		Carlos Filipe Ximenes Belo	 Timor-Leste	Pelo seu trabalho conducente a uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste.
		José Ramos-Horta		
1997		Campanha Internacional para a Eliminação de Minas	 Estados Unidos	Pelo seu trabalho pela proibição do uso de minas antipessoais e sua remoção.








Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
		Jody Williams		
1998		John Hume	 Reino Unido	Pelos seus esforços no sentido de uma solução pacífica para o conflito na Irlanda do Norte.
		David Trimble		
1999		Médicos sem Fronteiras	 França	Reconhecimento de seu pioneiro trabalho humanitário em diversos continentes.
2000		Kim Dae-Jung	 Coreia do Sul	Pelo seu trabalho pela democracia e direitos humanos, em especial pela paz e reconciliação com a Coreia do Norte.

### 2001 — 2011

Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
2001		Organização das Nações Unidas	 Estados Unidos	Pela dedicação a um mundo melhor organizado e mais pacífico

Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
		Kofi Annan	 Gana	
2002		Jimmy Carter	 Estados Unidos	Por décadas de esforços incansáveis para encontrar soluções pacíficas para conflitos internacionais, em prol da democracia e direitos humanos, e pela promoção do desenvolvimento económico e social.
2003		Shirin Ebadi	 Irã	Ativista dos direitos humanos iraniana, defensora da implantação da democracia no seu país.
2004		Wangari Maathai	 Quênia	Ambientalista e ativista dos direitos humanos queniana.
2005		Agência Internacional de Energia Atómica	 Áustria	Pelos seus esforços em combater o uso militar da energia nuclear e assegurar que sua utilização com fins pacíficos seja a mais segura possível.
		Mohamed ElBaradei	 Egito	

Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
2006		Muhammad Yunus	 Bangladesh	Por seus esforços em promover o desenvolvimento económico e social das classes desfavorecidas.
		Grameen Bank		
2007		Al Gore	 Estados Unidos	Por seus esforços na obtenção e disseminação de importantes conclusões sobre as mudanças climáticas causadas pelos seres humanos, e por estabelecerem procedimentos necessários para reagir sobre tais mudanças.
		Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas	 Suíça	
2008		Martti Ahtisaari	 Finlândia	Por sua fundamental contribuição para a solução de conflitos internacionais em diversos continentes, durante mais de três décadas.
2009		Barack Obama	 Estados Unidos	Pelas ideias de "boas intenções" para reforçar o papel da diplomacia internacional e a cooperação entre os povos.

Ano	Imagem	Laureado	Nacionalidade	Função
2010		Liu Xiaobo	 República Popular da China	"Pela sua longa e não-violenta luta pelos direitos humanos fundamentais na China".
2011		Ellen Johnson Sirleaf		"Por sua luta não-violenta para a segurança das mulheres e pelos direitos das mulheres à sua plena participação na construção da paz e trabalho"
		Leymah Gbowee	 Libéria	
		Tawakel Karman	 Iémen	



## **Conclusão**

Traçar um itinerário e refletir sobre ele, tal como o que é feito neste trabalho, é sempre tarefa inacabada. No entanto, e diante dos muitos desafios que se colocam à educação nos nossos dias, torna-se urgente ajudar a emergir atitudes concretas de aproximação, paz, reconciliação, a começar nos mais novos. Neste grande laboratório que é a escola, onde podemos ver, em ponto pequeno, as transformações que estão a acontecer na sociedade, a missão do docente de EMRC é dar vez e voz a este desejo de paz presente no coração da humanidade e que o Magistério da Igreja insta a ajudar a acontecer na vida/formação dos jovens. Diante de tão gigantesca tarefa tentámos perceber a melhor forma de dar resposta a este anseio e a este mandato. Mandato que se torna, em cada dia que passa uma urgência impossível de ignorar e que esteve sempre presente nos gestos e nas palavras do próprio Jesus Cristo e é igualmente, a sua e nossa herança – deixo-vos a paz!

Ao longo do itinerário traçado fomos percebendo que não há fórmulas mágicas capazes de nos assegurar, à partida, o sucesso desta empresa. É um caminho polvilhado de tentativas, possibilidades, até mesmo recuos, em que vão sendo ensaiando formas de ajudar a transformar a realidade, a partir do coração. Mudança que só será realidade se for interiorizada pelos educadores, pais, professores, agentes da ação educativa. Será difícil, senão mesmo impossível, imaginar, por exemplo, a forma de um professor ajudar os seus alunos a serem portadores deste dom, que é a paz, se o professor não tiver gestos concretos de paz.

Porque seres em relação e porque criados à imagem de Deus fomos sendo convidados, ao longo deste trabalho, a olhar para o amor de que a Trindade é fundamento e expressão e a ver aí a razão e motivação para empreender este caminho rumo à reconciliação e à paz. Olhámos para as Escrituras e fomos percebendo que, nos gestos e silêncios de Jesus, no seu relacionamento com os seus irmãos de fé, contemporâneos e no seu relacionamento com o Pai, Jesus privilegia e impele todos a acolherem a paz e a levarem-na nas palavras e nos gestos. Da mesma forma, o

Magistério da Igreja, os sucessivos pontífices nas suas viagens apostólicas, alocações ou mensagens, têm chamado a atenção para a necessidade da comunidade humana colocar no coração o desejo concreto de se deixar transforma pela paz. Paz que é dom e se faz dom para os outros. Paz que é acolhimento da singela simplicidade de um Deus que cria e recria por amor. Paz que é reconhecimento do tesouro de se saber criado, amado e enviado por Deus, na confiança de um amor misericordiosamente inesgotável.

Diante de tantos reptos a presença, na escola, da disciplina de EMRC pode e deve ser uma mais-valia enquanto promotora de desafios que ajudam os alunos, e a comunidade educativa em geral, a cultivar e querer experimentar os frutos de paz. O legado espiritual em que se fundamenta insta todos os professores de EMRC a colocar no centro das suas preocupações e atividades o amor e o trabalho pela paz. Não será possível tentar faze-lo de um outro modo. Só fazendo da escuta, do diálogo ativo, da vontade firme de se conhecer e reconhecer como irmão e/ou peregrino, é possível ajudar esta geração de homens e mulheres a falar a linguagem da paz e coloca-la em prática.

Ao longo deste trabalho fomos percebendo que não é utopia tornar realidade o velho slogan “a paz é possível”! No entanto, fomos percebendo, igualmente, que esta só poderá acontecer se cada um se empenhar, verdadeiramente, em acolher tão grande dom e não tiver receio em o ir plantando no coração dos homens e mulheres seus irmãos. Neste sentido, na parte final deste trabalho foi proposto um itinerário a fazer com os alunos e com a generalidade da comunidade educativa. Itinerário que tem como preocupação central sensibilizar e ajudar a fazer a experiência da paz. Partindo do exemplo de vida de personalidades mundialmente conhecidas, quer chamar a atenção para um fato – há pessoas que fizeram do sonho pela paz a sua vida. Sonho feito realidade, no meio de sofrimento, contradições e incompreensões. Sonho que exigiu cedências, mudanças, escuta, transformação. Sonho que possibilitou que outros pudessem fazer a experiência, sempre admirável, de saborear os frutos da paz e da reconciliação. Sonho que permitiu que a realidade também anunciada e querida por Jesus, do seu reino dos céus na terra, pudesse ir sendo amada, forjada e experimentada. Depois deste passo, os alunos são chamados a serem, eles mesmos,

protagonistas de ações que chamem a atenção para a urgência de viver a paz no ambiente escolar. A atividade “tenda da paz” é disso um exemplo. É uma iniciativa simples mas que poderá ser o início de um percurso que a comunidade escolar se dispõe a fazer tanto mais que, a generalidade das escolas, já passou por experiências, mais ou menos graves, de conflitos. Com esta iniciativa, ou similares, pretende chamar-se a atenção para a necessidade de cada um se sentir implicado num processo que é de todos e para todos. Que só na medida em que se unem esforços é possível viver num ambiente mais favorável para crescer e florescer como ser humano.

Tal como é dito no início desta conclusão, este é um caminho que reclama um começo constante, imaginação, determinação, amor pelo caminho a ser feito. Caminho que não se compadece com uma visão estreita da vida, nem um coração atrofiado. Que reclama uma criatividade sempre rejuvenescida, capaz de ajudar a transformar e que vai crescendo na consciência do respeito pelo nós. Neste sentido, seria interessante, num outro trabalho, fazer uma recolha, no terreno, do que vai sendo feito, a este nível, nas escolas do país. Perceber o dinamismo das iniciativas que vão sendo realizadas, um pouco por todo lado, e estudar os impactos e as transformações daí resultantes. Entender as motivações dos protagonistas e a força dos projetos. Perceber, igualmente, os obstáculos e estudar os fracassos de outras iniciativas.

No fim deste itinerário a consciência sobre a necessidade de educar para a paz é, mais que nunca, uma evidencia e um repto. Repto a que pretendo dar resposta na comunidade escolar em que estou inserido ajudando, dentro do possível, a colocar este desafio lado a lado, por exemplo, com a excelência académica.

## Bibliografia

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA e BRASILEIRA, Editorial Enciclopédia, volume nº20, Lisboa.

BOFF, Leonardo (1999), *A oração de São Francisco, uma mensagem de paz para o mundo atual*. Sextante, 3ª ed., Rio de Janeiro.

BUHLER, Pierre (1985), *L'être humain – à l'image de Dieu essai d'explicitation dogmatique*. In *Humain a l'image de Dieu*. Edité par Pierre Buhler, Travaux de troisième cycle en Théologie des Universités Romande, Edition Labor et Fides, Genève.

CARVALHO, José Ornelas, *A utopia da paz na Bíblia*. In Cadernos do Instituto S. Tomás de Aquino. [http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad\\_09/ornelas\\_01.html](http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/ornelas_01.html). nº9.

DELORS, Jaques (2001), *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Edições Asa, 7ªed., Porto.

FONTES, Paulo Oliveira (2002), *A questão da liberdade e a problemática da pluralidade no seio do catolicismo português*. In História Religiosa de Portugal. Círculo de Leitores, Lisboa.

FORMOSINHO, Sebastião (1997), *O brotar da Criação*. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

FREITAS, Domingos de (2005), *Atualidade da pedagogia inaciana*. In Brotéria. Dezembro, Vol.161.p.473.

GARCIA BACCA, Juan (1982), *Antropologia filosófica contemporânea*, Anthropos, Barcelona.

LADARIA, Luís (1980), *Introducción a la Antropologia Teológica*, Ed. Verbo Divino, Estella.

LAÍN, Ruiz (1968), *Imagen de Dios. Teoría y realidad del otro II*. Alianza Editorial, Madrid.

MARTINO, Renato Raffaele (2006), *Paz e Guerra*. Principia, Estoril.

MOLTMANN (1992), *La justicia crea futuro*. Editorial Sal Terrae, Santander.

MURPHY, Mimi (2008), *Andrea Riccardi*, in The Magazine World, 03 de abril 2008.

NEVES, Joaquim Carreira das (1993), *A força do shalom bíblico*. In Fátima e Paz, Fátima.

OLIVEIRA, Pinto de (1989), *Anthropologie théologique et éthique chrétienne*, In *Humain a l'image de Dieu*. Edité par Pierre Buhler Edition Labor et Fides, Genève.

PEÑA, Ruiz (1988), *Antropologia Teológica Fundamental*. Editorial Sal Terrae, Santander.

POLICARPO, José (2001), *A dignidade da pessoa humana fundamento da justiça*. Homilia na abertura do Ano Judicial. In Forum Canonicum . - Ano 10, nº 28 (Jan.-Abr. 2001).

SCHILLEBEECKX, Edward (1995), *Los hombres relato de Dios*. Ediciones Sígueme, Salamanca.

VAZ, Armindo (2009), *A imagem de Deus criador*. Agência Ecclesia. 03 Fevereiro 2009. <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=68968>.

VENTURA, Fernando (2002), *A paz messiânica, a Utopia de Deus*. In *Bíblica*. Série científica nº 283, Ano 48, Novembro/Dezembro, Difusora Bíblica, Lisboa.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II (1998), *Gaudium et Spes*. Gráfica de Coimbra. Coimbra.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ (2005), *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Principia, S. João do Estoril.

### **LEÃO XIII**

Leão XIII (1939), *Rerum Novarum (1891)*. The Paulist Press, New York.

### **PIO XI**

PIO XI (1931), *Quadragesimo Anno*. União Gráfica. Lisboa.

### **JOÃO XXIII**

JOÃO XXIII (1961), *Mater et Magistra*. União Gráfica. Lisboa.

JOÃO XXIII (1963), *Pacem in Terris*. União Gráfica. Lisboa.

### **PAULO VI**

PAULO VI (1967), *Populorum Progressio*. AAS LIX.

PAULO VI (1968), *O dia da paz*. Mensagem para o dia mundial da paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

PAULO VI (1965), Discurso do papa Paulo VI na sede da ONU. 04 de Outubro. AAS, vol. LVII, nº 13.

PAULO VI (1969), A promoção dos Direitos do Homem, caminho para a paz. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

PAULO VI (1970), Discurso de apelo do Papa Paulo VI para a paz no Vietname. Manila, Filipinas, 28 de Novembro. AAS, vol. LXIII, nº1.

PAULO VI (1970), Educar para a paz através da reconciliação. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

PAULO VI (1971), *Octogesima Adveniens*. AAS LXIII.

PAULO VI (1972), *Se queres a paz, trabalha pela justiça*. Mensagem para o Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

PAULO VI (1973), A Paz é possível. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

PAULO VI (1974), A Paz também depende de ti. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

PAULO VI (1975), A Reconciliação, caminho para a Paz. Mensagem para o Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

## **JOÃO PAULO II**

JOÃO PAULO II (1979), *Para alcançar a Paz, educar para a Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

JOÃO PAULO II (1980), *A verdade, força da Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

JOÃO PAULO II (1981), *Para servir a paz, respeita a liberdade*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

JOÃO PAULO II (1981), *Laborem Exercens*. AAS LXXIII.

JOÃO PAULO II (1983), *O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

JOÃO PAULO II (1986), *Homilia in Basilica Hostiensi, 25 de Janeiro*. AAS, LXXVIII, nº6.

JOÃO PAULO II (1987), *Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

JOÃO PAULO II (1987), *Sollicitudo Rei Socialis*. AAS LXXX [1988].

JOÃO PAULO II (1991), *Centesimus Annus*. Editora Rei dos Livros. Lisboa.

JOÃO PAULO II (1991), *Se queres a Paz, respeita a consciência de cada homem*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. In COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros. Lisboa.

JOÃO PAULO II (1992), *Homilia na visita a Angola*. AAS, LXXXV [1993].

JOÃO PAULO II (1994), *Carta às Famílias*. AAS LXXXVI.

JOÃO PAULO II (1994), *Da família nasce a paz da família humana*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS LXXXVI.

JOÃO PAULO II (1995), *Mulher, educadora de paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS LXXXVII.

JOÃO PAULO II (1996), *Dêmos às crianças um futuro de paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS LXXXVIII.

JOÃO PAULO II (1997), *Oferece o perdão, recebe a Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS LXXXIX .

JOÃO PAULO II (1998), *Da justiça de cada um nasce a paz de todos*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS XC.

JOÃO PAULO II (2002), *Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS XCIV.

JOÃO PAULO II (2002), *Decálogo de Assis para a Paz*, 24 de Fevereiro. AAS, XCIV.

JOÃO PAULO II (2004), *Um compromisso sempre atual: educar para a paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS XCVI.

### **BENTO XVI**

BENTO XVI (2006), *Na verdade, a Paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS XCVIII.

BENTO XVI (2007), *Homilia proferida na Basílica de S. Francisco de Assis*. 17 de Junho, AAS, XCIX.

BENTO XVI (2008), *Caritas in Veritate*. Paulinas Editora. Lisboa.

BENTO XVI (2008), *A família humana, comunidade de paz*. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz. AAS C.

BENTO XVI (2011), *Peregrinos da verdade, peregrinos da paz*. 27 Outubro de 2011. AAS CIII.

BENTO XVI (2012), *Educar os jovens para justiça e para a paz*. Mensagem para o dia mundial da paz. L'Osservatore Romano (ed. Portuguesa), 24/IX/2011.

## Índice

### Introdução

#### I – Reflexão sobre a prática de ensino supervisionado

1 – Ser Professor de Educação Moral Religiosa Católica -----	05
2 – Experiência do Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada -----	08
2.1 – Caraterização da Escola -----	08
2.2 – Caraterização da turma -----	11
2.3 – A prática de ensino supervisionado – Unidade Letiva 4 do manual de 7º ano – A Paz Universal -----	13
2.3.1 – Competências específicas a desenvolver na lecionação desta unidade letiva -----	14
2.4 – Itinerário das atividades em sala de aula -----	16
2.5 – Reflexão conclusiva da Unidade Letiva 4 – A Paz universal -----	24

#### II – A paz, uma proposta válida de sentido

1 – Deus e o humano, seres em relação -----	26
1.1 – A imagem do homem na Sagrada escritura -----	28
1.2 – Imagem de Deus criador -----	30
1.3 – Imagem de Deus, dignidade do ser humano -----	32
2 – A paz, valor universal -----	34
2.1 – Conceito de paz -----	35
2.2 – A paz na Sagrada escritura. Breve olhar -----	36
2.3 – A paz de Jesus Cristo -----	37
2.4 – A consciência eclesial na promoção da paz -----	39
2.5 – As encíclicas sociais -----	45

2.6 – As mensagens comemorativas do Dia Mundial da Paz -----	55
2.6.1 – Paulo VI -----	55
2.6.2 – João Paulo II -----	58
2.6.3 – Bento XVI -----	62

### **III – A Paz, uma proposta válida de sentido no âmbito da escola e da disciplina de educação Moral Religiosa Católica**

1 – Educar para a paz -----	66
2 – A escola, instrumento de mediação para a promoção de uma cultura de paz e o contributo da disciplina de educação Moral Religiosa Católica -----	68
2.1 – O docente de E.M.R.C -----	70
2.2 – Educar para a gestão de conflitos -----	72
3 – Proposta de itinerário para a Unidade Letiva 4, a paz universal -----	73
3.1 – Planificação nível I -----	74
3.2 – Planificação nível II -----	75
3.3 – Planificação nível III -----	76
3.4 – Planificação nível IV -----	79
3.5 – Anexos -----	87
 <i>Conclusão</i> -----	 118